

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Emerson Ribeiro

*Processos Criativos em Geografia:
Metodologia e Avaliação para a Sala
de Aula em Instalações Geográficas.*



SÃO PAULO 2013

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Emerson Ribeiro

*Processos Criativos em Geografia:
Metodologia e Avaliação para a Sala de Aula em
Instalações Geográficas.*

Tese apresentada ao Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Doutor em Geografia Humana. Orientadora: Prof^a Dr^a Glória da Anunciação Alves.

São Paulo 2013

Ribeiro, Emerson. **Processos Criativos em Geografia: Metodologia e Avaliação para a Sala de Aula em Instalações Geográficas.** Tese apresentada ao Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Doutor em Geografia Humana.

Aprovado em

Banca Examinadora

Prof. Dra: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dra: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dra: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dra: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Em muitos momentos, pessoas participam da nossa vida e deixam sempre algo, a essas pessoas que contribuíram com minha formação e a tese em questão, que desde já a minha mente omite, meus agradecimentos. A todos que nesse grande jogo de xadrez da vida, estiveram presentes, obrigado.

Agradeço com grande apreço a professora Glória da Anunciação Alves, pela forma transparente, lúcida, fraterna e sincera nesses anos todos que vem me acompanhando e orientando, e pelos debates que foram suscitados que são tão importantes na nossa formação.

Agradeço aos meus pais Benedito Aparecido Ribeiro e em estado de espírito Amélia Pires Ribeiro que deram a oportunidade a esse Ser para realizar o seu trabalho nesta vida.

Agradeço a minha esposa e minha filha pelo carinho e compreensão da minha ausência temporária, e ainda à Denise pela contribuição com o trabalho.

Aos meus irmãos César e Gizele pela convivência em família. Ao Fabrício e Roberta pela visita e contribuição com o trabalho.

Um agradecimento aos alunos e colegas da Universidade Regional do Cariri/CE, em especial aos alunos do grupo de estudo “Geografia e Criatividade”, pela criação e debate.

Agradecimento aos companheiros da APEOESP Sub-Sede Sorocaba, pelos embates e debates diante das lutas por uma educação pública de qualidade e nesse caminho a consciência mais ativa.

Um agradecimento à Sandra, à Sônia, ao Paulo Celso, ao Fernando (Cageo), o Jörn, Darlan Reis e à Maria Lúcia pela contribuição teórica e prática da tese.

E as escolas de Sorocaba e Itu, entre outras, onde esse processo se iniciou e a do Cariri, onde esse trabalho foi aplicado pelos meus alunos da graduação e por mim acompanhado. O meu agradecimento.

E por fim agradeço os meus novos amigos do Cariri, onde à tensão e ao cansaço, oferecemos a mesa do bar.

DEDICATÓRIA

Em 1997 comecei a minha trajetória na Educação, com a disciplina de Geografia. Mais precisamente, em 23 de maio, como professor eventual numa escola em Sorocaba. Esse início não foi fácil e precisei, em seguida, dar uma pausa e recomecei em agosto depois de uma análise mais profunda sobre a prática de ser professor.

Notei que era necessário aliar criatividade ao ensino da geografia, primeiro com o corpo, pois o corpo fala. Assim comecei a carreira de professor, mas, não só de geografia, pois como eventual lecionava todas as disciplinas.

Foi apenas em 2000 que realmente comecei a trabalhar a Geografia escolar, não estava vazio.

Durante a graduação, na Universidade de Sorocaba logo nos primeiros dias de aula, a professora Maria Lúcia de Amorim Soares começou a sua aula provocando os alunos, indagando primeiramente porque haviam escolhido cursar geografia. Ao que alguns responderam ter sido orientações maternas. Mas, eu respondi “por que gosto de viajar!”. Não contente, a professora começou a questionar as proposições dos alunos. E em uma dessas proposições ela afirmou: “você esta sendo ‘determinista’”. E retruquei. E ela emendou: “agora você esta sendo ‘possibilista’”. Pensei: “que troço é esse?” - Terminando a aula fui logo à biblioteca entender sobre esses termos.

Essa é uma passagem singela, mas denuncia logo que tipo de professores é possível ser, um provocador do saber. Pois, sabemos que o espaço pedagógico é para ser, lido, relido e reinventado e nas suas aulas ela reinventava. Ser professor é uma invenção constante de nós mesmos. Portanto, dedico essa tese à professora Maria Lúcia de Amorim Soares por me ter colocado na geografia pelo determinismo e possibilismo, mas, acima de tudo por fomentar a criatividade em seus alunos.

Finalizar o que não tem fim é um pesar muito grande. As complexidades atualmente do mundo não nos permite cada vez mais terminar um trabalho, pois sempre há um ponto de fuga, ainda mais uma tese, no entanto, em alguns momentos somos vencidos e passamos então à concretude, ou a concluir em partes um pensamento, pois ele cada vez mais se torna plástico, móvel com uma maleabilidade que a certos períodos se lança ao mundo e essa tese se lança agora.

RESUMO

Ribeiro, Emerson. **Processos Criativos em Geografia: Metodologia e Avaliação para a Sala de Aula em Instalações Geográficas**. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta pesquisa realiza-se diante do processo de construção do conhecimento. Trata-se de uma metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas, aplicada no estágio supervisionado para a formação de professores na Universidade Regional do Cariri (URCA), Ceará. Para o ensino de Geografia definimos a instalação geográfica como uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicados sobre materiais produzidos ou não pelo homem. Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além de seus muros atingindo uma dimensão social. A instalação também é uma forma de expressão artístico-geográfica que ao ser trabalhada no Ensino de Geografia, integrada aos conceitos geográficos e ao currículo, pode apresentar como um eixo importante para processo de avaliação de ensino e aprendizagem. Tendo a pesquisa e a criatividade como elementos essenciais para a formação de professores em geografia, a necessidade de pensar a educação e novas práticas pedagógicas em geografia atravessa os caminhos da pesquisa, como da prática levando o aluno a um exercício didático pedagógico, criativo geográfico e artístico para uma possível transformação do professor do aluno e da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Instalação Geográfica. Estágio. Formação. Criatividade. Avaliação. Arte

ABSTRACT

Ribeiro, Emerson. **Creative Processes in Geography: Classroom Methodology and Evaluation through Geographic Installations** Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research is carried out in the face of the process of knowledge construction. It is a classroom methodology and evaluation strategy through geographic installations applied to the supervised training of teachers at Universidade do Cariri (URCA), Ceará. For geography teaching, we define geographic installation as a form of representing geographic content that is studied and worked creatively through signs and symbols and applied to materials produced by humans or not. An installation can be assembled at school or university or beyond its walls reaching a social dimension. The installation is also a form of artistic-geographic expression that can present an important axis for the evaluation process of teaching and learning when produced for geography teaching and integrated with geographic concepts and the curriculum. Taking research and creativity as essential elements for the training of teachers in geography, the need to think about education and new pedagogical practices in geography crosses the path of both research and practice, leading the student to a didactic-pedagogical exercise, a creative form that is geographical and artistic for a possible transformation of the student's teacher and the classroom.

Key words: Geography teaching. Geographic installation. Teacher training. Education. Creativity. Evaluation. Art.

RESUMEN

Ribeiro, Emerson. **Procesos creativos en Geografía: Metodología y Evaluación de los Instalaciones para Salón de clases en Geográficas**. Tesis (Doctorado) de la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta investigación se lleva a cabo antes de que el proceso de construcción del conocimiento. Es una metodología para la evaluación y las instalaciones de salón de clases geográfica aplicada en supervisada Universidad Regional de Cariri URCA / CE para la formación de los docentes. Para la enseñanza de geografía definir la instalación geográfica como una forma de representación de un contenido geográfico estudiado y trabajado creativamente con signos y símbolos aplicados a los materiales producidos o no por el hombre. Esta instalación se puede montar en la escuela / universidad o más allá de sus paredes alcanzar una dimensión social. La instalación es también una forma de expresión artística-geográfica que cuando trabajaba en la Enseñanza de la Geografía integrado en conceptos geográficos y curriculares, puede presentarse como una importante ruta para el proceso de evaluación de la enseñanza y el aprendizaje. La investigación y la creatividad como algo esencial para la formación de profesores de geografía. La necesidad de una nueva forma de pensar acerca de las prácticas de educación y la enseñanza de la geografía cruza los caminos de la investigación como la práctica que lleva al estudiante a un ejercicio didáctico pedagógico, geográfico y artístico creativo para una posible transformación del maestro del estudiante y en el aula.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía. Instalación Geográfica Supervisado. Formación. Creatividad. Evaluación. Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----------|
| Ilustração 1- Para localização da Universidade Regional do Cariri-URCA | 22 |
| Ilustração 2- Região Metropolitana do Cariri..... | 22 |
| Ilustração 3- Crato e ao fundo a Chapada do Araripe..... | 23 |
| Ilustração 4- Cidade do Crato e a localização da URCA..... | 23 |
| Ilustração 5- Instalação geográfica realizada num hipermercado..... | 43 |
| Ilustração 6- Fechando a atividade..... | 44 |
| Ilustração 7- Professor e alunos..... | 44 |
| Ilustração 8- Distrito de Ponta da Serra. (Crato)..... | 46 |
| Ilustração 9- Descrição: Guarda-sol e papel..... | 51 |
| Ilustração 10 - Aro de bicicleta e garrafas pet. O trabalho abordava o relevo, clima e vegetação local. Nome: Ciclo homo – físico..... | 52 |
| Ilustração 11- Aros de bicicleta, garrafas de vidro com informações dentro do recipiente. O trabalho mostrava o turismo, comércio e indústria local. Nome: Espiral geoformacional. Parecido com instrumentos de soro para ambientes caseiros..... | 52 |
| <i>Ilustração 12- Os alunos do minicursos desenvolveram a partir da prática de campo um croqui sobre os pontos que entendem como importante, mas a base para apresentação foi uma vestido, vejam nas imagens abaixo.</i> | 53 |
| Ilustração 13- (texto) dos alunos apresentados a respeito da instalação proposta pelo estagiário..... | 54 |
| Ilustração 14- Confeção da instalação Geográfica pelos alunos..... | 66 |
| Ilustração 15- Instalação exposta..... | 66 |
| <i>Ilustração16- texto produzido pela aluna da estagiária. (antes da instalação).....</i> | 68 |
| Ilustração17- Texto apresentado depois da instalação. (depois da instalação)..... | 69 |
| <i>Ilustração18- Imagem 1 (a tampa do ralo, onde tudo começou).....</i> | 86 |
| <i>Ilustração19- Imagem 2 (A engrenagem simbolizando as fases da revolução industrial).....</i> | 88 |

| | |
|---|-----|
| <i>Ilustração 20- Imagem 3 (começando a expor as instalações)</i> | 88 |
| <i>Ilustração 21- Imagem 4 (uma das engrenagens, a segunda fase da revolução industrial)</i> | 89 |
| <i>Ilustração 22- Imagem 5 (a engrenagem ficando quase pronta, com os símbolos)</i> | 89 |
| <i>Ilustração 23- Imagem 6 (O objeto da instalação na escola)</i> | 91 |
| <i>Ilustração 24- Imagem 7 (Começando a cobrir as latas, mãos a obra)</i> | 94 |
| <i>Ilustração-25. Imagem 8 (Todos trabalhando concentrados)</i> | 94 |
| <i>Ilustração-26. Imagem 9 (Concentrados na obra)</i> | 95 |
| <i>Ilustração 27- Imagem 10 (já estão quase terminando de cobrir as lanternas)</i> | 95 |
| <i>Ilustração 28- Imagem 11 (as lanternas já montadas)</i> | 96 |
| <i>Ilustração 29- Imagem 12 (prontas as lanternas geográficas)</i> | 96 |
| <i>Ilustração 30- Imagem 13 (as pessoas começam a ver a obra)</i> | 97 |
| <i>Ilustração 31- Imagem 14 (pátio da escola Clotilde as lanternas geográficas já expostas com os temas desemprego e especulação imobiliária)</i> | 97 |
| <i>Ilustração 32- Imagem 16 e 17 (cada lanterna geográfica com seu tema, ou seja, cada lanterna com sua abordagem sobre a problemática do cotidiano)</i> | 98 |
| <i>Ilustração 33- Imagens 18 e 19 (os alunos da escola começam a se perguntar quem foi que fez esse trabalho)</i> | 98 |
| <i>Ilustração 34- Texto produzido pela aluna do estagiário. (antes da instalação)</i> | 101 |
| <i>Ilustração 35- Texto produzido pela aluna do estagiário. (depois da instalação)</i> | 102 |
| <i>Ilustração 36- Ressuscitando a escola, em tempo não linear</i> | 110 |
| <i>Ilustração 37- O caixão passeia pela universidade aos olhares de assombro do público</i> | 114 |
| <i>Ilustração 38- Em construção as instalações</i> | 121 |
| <i>Ilustração 39-Em montagem na universidade. A alegria é o momento</i> | 121 |
| <i>Ilustração 40- A formação do povo brasileiro, representada numa instalação</i> | 122 |

| | |
|--|-------------------|
| Ilustração 41- Miscigenação sendo apresentado. Em bonecas despedaçadas..... | 126 |
| Ilustração 42- Índio, branco e negro. Fonte- internet/Google imagens..... | 127 |
| Ilustração 43- O Brasil na cara..... | 128 |
| Ilustração 44- Revisando a exploração..... | 128 |
| Ilustração 45- A influência da língua e da arte..... | 141 |
| Ilustração 46- Rio Salgadinho, Juazeiro do Norte/CE. Sofá boiando, devolução ingrata a natureza..... | 146 |
| Ilustração 47- Centro do Crato/CE, a espera de um milagre, jogados a própria sorte..... | 146 |
| Ilustração 48- Aluna preparando o seu trabalho, a lanterna geográfica..... | 147 |
| Ilustração 49- Em sala alunos e professor verificando a montagem das fotos e textos produzidos, para a exposição..... | 148 |
| Ilustração 50- As lanternas geográficas em exposição..... | 150 |
| Ilustração 51 - As lanternas geográficas em exposição..... | 150 |
| Ilustração 52 - Quadro do desenvolvimento da imaginação criativa..... | 158 |
| Ilustração 53 - Montagem..... | 170 |
| Ilustração 54- Nome do evento..... | 170 |
| Ilustração.55- Pai e filho..... | 170 |
| Ilustração 56- Olhares do público..... | 170 |
| Ilustrações 57- explicação contendo as fotos abaixo, compostas pela aluna..... | 178 |
| <i>Ilustração 58- Anexa Figura 01:.....</i> | <i>181</i> |
| Ilustração 59- Instalação pronta..... | 182 |
| Ilustração 60-Corrupção no Brasil, um caos absoluto..... | 192 |
| Mapa. 1- Limites e Regionalizações..... | 26 |

Verdades da Profissão de Professor

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. A data é um convite para que todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

Paulo Freire

A todos os professores que acreditam indubitavelmente na transformação da sala de aula e da sociedade.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 15 |
| LIMPANDO O TERRENO – Processos Metodológicos para as Instalações Geográficas | 30 |
| Mexendo a terra - Os procedimentos metodológicos para a realização da Instalação Geográfica..... | 38 |
| Parte do Relatório da disciplina de Estágio Supervisionado VIII, apresentado por Luis Pessoa de Araújo Júnior, aluno da URCA | 46 |
| Escólios..... | 55 |
| Parte do Relatório, da disciplina de Estágio Supervisionado VIII, apresentado por Francisca Fernanda Batista de Castro, aluna da URCA..... | 62 |
| Escólios..... | 70 |
| Parte do Relatório da disciplina de Estágio Supervisionado VIII, apresentado por Gilson Ferreira Pereira, aluno da URCA..... | 83 |
| Escólios..... | 103 |
| PEDRA ANGULAR - Metodologia e as Instalações Geográficas no Processo Avaliativo - EXÓRDIO | 109 |
| Avaliação por instalações Geográficas: Elementos para o baldrame..... | 116 |
| Oficina 1. A Obra | 117 |
| Impressões do Baldrame..... | 129 |
| Baldrame em Construção | 136 |
| Remate..... | 140 |
| CAVANDO O ALICERCE - A Criatividade em Geografia e a Prática Pedagógica | 142 |
| Oficina 2- A Obra..... | 144 |
| O Alicerce em: O Assombro - Criatividade em Geografia..... | 151 |
| Alicerce em suspensão- Criatividade e Geografia: Para superar o cotidiano..... | 160 |
| Remate..... | 165 |

| | |
|--|-----|
| EM CONSTRUÇÃO – Na Forma de Seixos: Pesquisa e Criatividade | 166 |
| Oficina 3 - Obra: Ensino Criativo, Pesquisa-ação- Instalações Geográficas..... | 171 |
| Para o telhado- É a pesquisa que nos move?..... | 184 |
| Sobressalto - Pesquisar exige criação, criatividade..... | 188 |
| Remate | 191 |
| EM ROTA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS- SUA GÊNESE | 195 |
| BIBLIOGRAFIA | 202 |

APRESENTAÇÃO

"O fim da arte é quase divino: ressuscitar, se faz história; criar, se faz poesia."

Hugo, Victor

Essa tese reflete as angústias do pesquisador, professor de Geografia, que ao tomar contato com a realidade escolar em sala de aula, observou que ainda falta algo que sustente e possibilite o desvelamento da realidade atual.

Durante a formação profissional observamos a contradição presente nos processos de construção da ciência geográfica que faz e se refaz no movimento de seus conceitos e categorias, de seus métodos e das diversas metodologias de ensino que nos foram apresentadas, na graduação, no mestrado e nas oficinas participadas. A partir dessas vivências, observamos que diante do universo escolar ao qual passamos a pertencer, ainda muitas questões têm de ser respondidas.

Essas angústias ainda são do nosso tempo, cadeiras e carteiras pareciam estáticas e a porta a frente, expresse aqui as amarguras que materializo no poema a "Escola de 80"

Em tempos idos, a tristeza me apagava
Na escola só as sobras, merenda sem letras
Janelas quebradas, carteiras arruinadas
Político sombrio, para um ensino sem brio
Amordaçavam as falas, apagando-se as luzes!¹

Logo, questiona-se: Falta objetivo para o estudante? Estes são mandados para as escolas sem a compreensão de seu significado para a vida, na tenra idade. Nessa perspectiva, a escola pública atualmente está presa dentro de um contexto de novas técnicas e processos produtivos que se renovam constantemente advindos das novas tecnologias, inseridas pelo modelo capitalista.

Num mundo cada vez mais globalizado, a escola, o estudante e o professor, não conseguem acompanhar as mudanças na velocidade atual, ou só o professor com suas práticas, mesmo refletindo sobre elas não acompanha as transformações

¹ Poema do autor Ribeiro.

do mundo? Muitas questões permeiam o campo dessa discussão sobre a geografia, a formação do professor, a prática docente, o processo de avaliação, entre outras.

Cursei o ensino de 1º e 2º grau (atualmente chamado Ensino Fundamental I, II e Médio) nas escolas públicas da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo e, no ensino superior, fiz a Graduação em Geografia (Licenciatura) na Universidade de Sorocaba (instituição privada), Pedagogia na Universidade Estadual de Minas Gerais e o mestrado na Universidade de São Paulo.

Nos tempos de estudante universitário, início do ano de mil novecentos e noventa e sete, logo no primeiro semestre, tive contato com a sala de aula. Como era uma universidade privada eu necessitava trabalhar para pagá-la, iniciei como professor eventual (substituto), ministrando aula no Ensino Fundamental e Médio em duas escolas no município de Sorocaba.

Na sala dos docentes, passei a ouvir as lamentações sobre a escola e alunos, as angústias dos professores em relação aos discentes - “índisciplina, falta de interesse, de educação, compromisso, não querem nada com nada, não sei por que e o que fazem aqui...”. Em muitas escolas ecoa o mesmo pesar²

Foi ainda no curso da graduação, quando percebi que existia outra geografia, diferente daquela geografia ensinada na escola. Mesmo sabendo que o objetivo é diferente na Universidade do Ensino Básico, nos formamos na universidade para ministrar aula na escola e a relação entre uma e outra não pode ser tão distante. Deve haver uma afinidade entre as mesmas, e, relacionado a este pensamento,

(...) a orientação para um curso de Geografia que pretenda formar bons profissionais (docentes ou não, tanto faz) é ter um adequado curso básico: que seja pluralista e contemple as diversas áreas e tendências da ciência geográfica; que esteja voltado não para produzir especialista e sim para desenvolver nos alunos a capacidade de “aprender a aprender”, de pesquisar, de observar, ler e refletir, de desconfiar de clichês ou estereótipos, de ter iniciativa e capacidade próprias. Com isso – ou seja, com o aluno que acompanhe os debates, os novos temas e as novas ideias, que é incentivado a observar e pensar por conta própria, que adquire um domínio mínimo de técnicas de pesquisa, de levantamento em bibliotecas ou arquivos etc., - está se formando um bom profissional que poderá lecionar ou se integrar a uma equipe que atue em outra atividade (VESENTINI, 1992, pg.239).

² Ouvimos essas prédicas de muitos professores (na sala dos professores, nos intervalos) e também era pronunciada nos encontros, em reuniões e cursos. Na passagem (lecionando) por várias escolas o discurso é o mesmo.

Entendemos as dificuldades oriundas dos processos relacionados ao sistema do ensino e aprendizagem, pois diversos estudos e pesquisas como a de Nestor Kaercher (2004) mostram a predominância da geografia tradicional, descritiva, em muitos casos fragmentados e sem correlação com o cotidiano do aluno.

Desse modo, sabendo da nossa responsabilidade como docente e dos anos de experiência com a escola pública, passei a trabalhar com as *instalações geográficas*. Esses experimentos teóricos práticos foram acompanhados dos conteúdos geográficos que pesquisados e construídos com e pelos alunos, resultando num processo avaliativo e aceito didaticamente pelos alunos e pelas coordenações pedagógicas nas escolas públicas paulistas, nas quais lecionei.

Essa metodologia de trabalho tem respaldo no objetivo de ensino abordado por Michel Sérres, citado por Soares:

(...) a invenção, único ato intelectual verdadeiro, uma ação da inteligência. O resto é cópia, reprodução, ou mesmo preguiça, embromações, sonolência... Só a invenção concreta prova que se pensa realmente a coisa que se pensa. Eu penso, portanto, invento. Eu invento, portanto penso... É preciso freqüentar bibliotecas, estudar, abrir-se ao mundo, expor-se. E então duvidar, duvidar para criar (SOARES, 2001, pg.51).

Quando terminei a graduação, tinha uma bagagem pedagógica de erros e acertos e não estava vazio³. Havia também aprendido que a reflexão na ação melhoraria sempre a minha prática escolar.

Refletindo sobre essa prática, a escola, o ensino, a aprendizagem, a avaliação e os alunos e como aproximar a realidade da sala de aula com o seu cotidiano, o seu fazer, passei a trabalhar e a desenvolver como metodologia de ensino, o processo de avaliação pautado nas instalações geográficas. O objetivo maior foi levar a teoria o mais próximo da prática, de encontro com seu cotidiano, entendido o cotidiano esse da sala de aula, que perpassa as esferas do percebido, concebido e vivido (LEFEBVRE, 1991); que está presente no discurso oficial (concebido) do Estado; que se insere no currículo abarcando a realidade escolar, muitas vezes

³ Devo salientar que durante a graduação tive aula com a professora Maria Lúcia de Amorim Soares, e que em uma de suas aulas apresentávamos os nossos trabalhos na forma de instalações e performance,

criando conflitos e abrindo a possibilidade para as resistências, mudanças e transformação da sala de aula.

Para que ocorram essas mudanças e transformações nas escolas, nas salas de aulas é preciso alterar e criar novas metodologias de trabalho, apresentando aos alunos em formação universitária, a possibilidade de outra linguagem que abarque não somente as disciplinas do corpo pedagógico, sobretudo, do corpo teórico técnico, modificando o paradigma do processo de ensino aprendizagem.

Como romper com o que está posto? Como modificar a sala de aula? Como formar novos professores para esse mundo em desassossego? Se o aluno que está em formação na universidade não tiver experiências que o levem a realizar novas metodologias para o ensino e outro processo de avaliação para a aprendizagem, a criar e formar novas linguagens pedagógicas, dificilmente irá transformar a sala de aula.

A formação desse novo aluno/professor passa como já dissemos por novas linguagens, por outra formação, com a qual a arte/geográfica, e impreterivelmente a criatividade, que na visão do professor pesquisador é uma grande aliada, com o intuito de desenvolver o trabalho com as instalações geográficas.

Para compreendermos essa metodologia com as instalações geográficas, a linguagem exercida no texto, que tende a passear pela poesia, arte e a geografia, se faz necessária quando se quer quebrar o que está posto, mesmo correndo os riscos que o diferente apresenta aos olhos do tradicional⁴. É preciso, no entanto, romper sem perder o rigor acadêmico, necessário para apresentar a metodologia com as instalações geográficas. Fernanda Junqueira afirma que:

Sobre o conceito de instalação, informa-nos que, nas primeiras vezes que o termo instalação foi utilizado nas artes visuais, na América do Norte, nos anos 60, ele servia para definir a vista geral de exposições fotográficas – *instalation view*, a palavra encontrava-se em impressos junto às imagens fotográficas da vista geral de uma determinada exposição (JUNQUEIRA, 1996, pg.564).

⁴ A leitura do tradicional para o autor diz respeito ao ensino e sua transmissão realizada pelo professor que fornece o conteúdo e o aluno o memoriza. Em que os alunos são “instruídos” e “ensinados” pelo professor. Ou seja, o professor traz o conteúdo pronto e o aluno se limita a escutá-lo passivamente. No quesito avaliação são baseadas em exames, questionários, provas orais, visando predominantemente à exatidão da reprodução do conteúdo comunicado pelo professor.

O termo instalação, portanto, passou a ser incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando ambiente construído em espaços de galerias e museus, prioritariamente, para mais tarde ganhar as praças, parques e as ruas públicas.

Para o ensino de Geografia definimos a **Instalação Geográfica** como uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicado sobre materiais produzidos ou não pelo homem. Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além de seus muros atingindo uma dimensão social.

A Instalação também é uma forma de expressão artística e geográfica, que trabalhada no Ensino de Geografia, integrada aos conceitos geográficos e ao currículo, pode apresentar como um eixo importante para processo de avaliação de ensino e aprendizagem.

Para que a geografia escolar e os processos de ensino e aprendizagem se realizem na escola é necessário que o professor em formação compreenda que o espaço geográfico é produzido pelo homem e que a história da arte traz contribuições para o entendimento e desenvolvimento da humanidade que produz e apresenta-se no espaço.

Como exemplo, citamos as obras da Arte Contemporânea, desenvolvidas por artistas brasileiros como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Nelson Leirner e Cildo Meireles, entre outros, que contextualizadas em relação ao tempo e espaço, fazem com que o aluno perceba a história da arte presente na história da humanidade, critique ou questione as questões polêmicas de nosso tempo (políticas, sociais, econômicas e culturais), quebre com paradigmas de ideais de beleza e outras categorias, tais como harmonia, perfeição, acabamento e o naturalismo (FONSECA, 2007, pg.35).

Em analogia ao espaço e a geografia, os alunos passam a contextualizar esse questionamento dos processos de relação de produção do espaço e da sociedade com olhar crítico, graças ao procedimento da avaliação construtiva⁵ que tem como uma das premissas a pesquisa objetiva e real, fazendo o uso das instalações.

⁵ Essa será melhor explicada no capítulo que trata sobre avaliação.

O termo instalações para o professor pesquisador tem ainda o sentido de dar forma a algo ou materializar o conteúdo estudado, pesquisado, por signos e símbolos conhecidos, com o objetivo de apresentar e expressar algo, sentimento, sua visão de mundo, crítica aos paradigmas, é uma forma de expressão artística, que atende no nosso caso, um conteúdo geográfico.

Nesse fio de raciocínio, mostraremos aqui de forma lacônica como se dá o processo, o caminho para trabalhar com as instalações geográficas de forma didática. Num primeiro momento a partir de um conteúdo geográfico; Num segundo momento partimos para a produção de uma pesquisa, sobre a qual é elaborado um primeiro texto sobre o assunto abordado e apontando também o que irá ser materializado na instalação; O terceiro momento acontece quando em decorrência da pesquisa é gerado um debate na sala de aula determinando o material a ser configurado com o conteúdo em estudo; Para que num quarto momento, em uma data específica a instalação seja montada pelos alunos e professor para exposição e após a apresentação é desmontada e finalizada, com a produção de um novo texto sobre todo o processo.

Todo esse movimento dialético metodológico do conteúdo geográfico passando pela pesquisa (materializada num primeiro texto elaborado pelos alunos, pelo debate em sala, montando a instalação e apresentando um novo texto sobre o conteúdo abordado, denominamos como avaliação construtiva, pois o aluno no processo de ensino aprendizagem constrói o seu saber com a mediação do professor, de alunos e do meio que gera essa condição para a pesquisa objetiva e real.

Durante o desenvolvimento dessa tese demonstraremos especificamente os rudimentos que acompanham o processo do trabalho com as instalações geográficas na Universidade e na escola, permitindo uma formação de professores que dialoga com a teoria e prática.

A Geografia escolar precisa renovar-se, para que isso ocorra é preciso formar bons profissionais, criativos que atuem com pesquisa e levem os seus alunos a pesquisarem, que relacionem a teoria com a vida cotidiana dando sentido aos conteúdos abordados.

Vale ressaltar que atualmente encontro-me como formador de professores de Geografia, atuando com a disciplina de estágio supervisionado na Universidade Regional do Cariri no Estado do Ceará, podendo operacionalizar essa pesquisa na formação de novos docentes, observando a viabilidade desse trabalho na universidade e na escola de ensino fundamental e médio pela ótica dos estagiários.

Essas instalações geográficas como metodologia de aprendizagem estarão aliadas à formação de professores envolvidos nas práticas pedagógicas e na avaliação. Sabemos que nunca estamos prontos de fato e que devemos buscar novas práticas pedagógicas na ação e reflexão (FREIRE, 1996) tanto como na ciência geográfica como nas práticas que as sustentem.

Temos por princípio que com as instalações geográficas podemos formar novos profissionais de Geografia que encontrem na relação professor aluno possibilidades de entendimento do mundo atual, pautadas no processo de ensino aprendizagem.

Com essa metodologia de instalações geográficas, passei a desenvolver essa pesquisa com os alunos estagiários da disciplina de Estágio Supervisionado, trabalhando com variadas práticas pedagógicas apreendidas de outros autores, utilizando diferentes formas de linguagem como poesia, música, estudo dos mapas etc., levando-os ao encontro da avaliação por meio de instalações geográficas.

Para reafirmar o objetivo dessa tese, ela se tece na formação de professores, em novas práticas pedagógicas, envolvendo a arte, construídas com instalações geográficas enfocando-a como processo avaliativo e sua aplicabilidade na Geografia, na universidade e no ensino escolar. Verificando assim a eficácia do processo “avaliação construtiva” na universidade e no ensino escolar fundamental e médio aplicada pelos alunos de graduação.

Essa tese se faz a partir de recortes, de momentos/reflexão da arte geográfica e de prática de ensino, construindo a avaliação, um encontro com o aluno numa dissutura labial, realizada na Universidade Regional do Cariri, na qual o autor-pesquisador ministra a disciplina de estágio supervisionado, para que, num segundo momento, em movimento de descolagem se apresente ao ensino básico.

Para contextualização do espaço específico de onde a maior parte dessas reflexões surgiu, faz-se necessário descrevê-lo. Assim, a Universidade Regional do

Cariri (URCA) esta localizada no sul do Ceará e tem unidades nos municípios de Crato (campus e sede administrativa), Juazeiro do Norte e Santana do Cariri, atende a uma comunidade de aproximadamente 9.000 (nove mil) estudantes de cerca de 91 municípios dos Estados do Ceará, Piauí, Pernambuco e Paraíba, distribuídos entre os cursos de graduação, e pós-graduação.

Ilustração. 1- Para localização da Universidade Regional do Cariri-URCA



Fonte: www.banstur.com.br acesso em 20 de maio de 2013 às 22h09.

Ilustração. 2- Região Metropolitana do Cariri



Fonte: www.revistadobeto.blogspot.com acesso em 20 de maio de 2013 às 22h16. Sem escala

quarenta somados ao Cinema Novo do final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta irão caracterizar o Nordeste pelos adjetivos da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país, como afirma Albuquerque que

Tomando acriticamente o recorte espacial Nordeste, esta produção artística “de esquerda” termina por reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso da seca; já no final do século passado. Vindo ao encontro, em grande parte, da imagem de espaço-vítima, espoliado; espaço de carência, construído pelo discurso de suas oligarquias. Eles lançam mão de uma verdadeira mitologia do Nordeste, já fabricada pelo discurso anterior, e o submete a uma leitura “marxista” que a inverte de sentido, mantendo-a, no entanto, presa à mesma lógica e questões. Do Nordeste pelo direito, passam a vê-lo pelo avesso, em que as mesmas linhas compõem o tecido, só que, no avesso, aparecem seus nós, seus cortes, suas emendas, seu rosto menos arrumado, embora constituinte também da própria malha imagético-discursiva chamada Nordeste (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, pg. 216-217).

A criação do Nordeste passa pelo discurso da seca, do cangaço e coronéis, dos retirantes, do messianismo e principalmente pela fome e pelos consequentes problemas sociais. Tem-se que desde os anos trinta do século passado essa imagem é vendida e perpassa o século XX. Que até mesmo os meios acadêmicos e os partidos de esquerda utilizam do discurso de se fazer mudanças estruturais contando com a burguesia nacional política do sul, reduzindo esse espaço à mera especulação econômica.

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes. Não se combate a discriminação simplesmente tentando inverter de direção o discurso discriminatório. Não é procurando mostrar quem mente e quem diz a verdade, pois se passa a formular um discurso que parte da premissa de que o discriminado tem uma verdade a ser revelada. Assumir a “nordestinidade”, como quer Rachel, e pedir que sulistas que revejam seu discurso sobre o nordestino, porque ele é errado, por ter nascido de um desconhecimento do nordestino verdadeiro, vai apenas ler o discurso da discriminação com o sinal trocado, mas a ele permanecer preso. Tentar superar estes discursos, estes

estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, pg.31).

Entender esse espaço olhando somente do sul não é possível. Os estereótipos e arquétipos que preenchem a mídia falada e escrita, as obras artísticas, livros didáticos e de literatura, demonstram indiscriminadamente que as diferenças individuais são apagadas em nomes de grupos políticos, com interesses na divisão e na fragilidade para se manterem no poder.

O Nordeste, como território da revolta, foi criado basicamente por uma série de discursos acadêmicos e artísticos. Discursos de intelectuais de classe média urbana. Uns interessados na transformação, outros na manutenção da ordem burguesa. Por isso, são obras que partem, quase sempre, de um “olhar civilizado”, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional, arcaico (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, pg.31).

Esse espaço, que comporta nosso objeto de estudo, precisamente o sul do Ceará e a região do Cariri e seu entorno, não atende as demandas como de um grande centro, em que o capital e suas bases são determinantes nas relações sociais.

Esse território, mesmo tendo uma mancha urbana em desenvolvimento, ainda tem na sua maior parte espacial uma relação com o rural muito forte. Em consequência, o tempo parece ser mais lento e o modo de vida rural se faz presente no modo de vida do urbano. Do mesmo modo, elementos presentes na cidade, como os meios de comunicação, *internet* entre outras tecnologias estão presentes em boa parte rural da região do Cariri.

Esta região carece de infraestrutura, mesmo sendo considerada uma Região Metropolitana do Cariri que conta com 9 municípios. Nessa região, Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha são os mais populosos e desenvolvidos economicamente, sendo a locomotiva das três, a cidade de Juazeiro do Norte.

de Campos Sales ou Barro (municípios do Ceará) e outros que vem de Exú e Moreilândia, Pernambuco, Piauí e Paraíba. Uma boa parte chega por estradas de terras, atravessando a chapada, indo e vindo todos os dias para poder assistir as aulas.

Como professor pesquisador e formador de professores, outro dado preocupante, que podemos observar e que atinge o nosso alunado, é a falta de uma cultura geral. Não há um acesso fácil à biblioteca em muitos municípios, não circulam periódicos em muitas cidades, inclusive no Crato e Juazeiro do Norte. Os jornais são apenas quinzenais ou mensais. Os que chegam são os da capital Fortaleza e não atingem muitas pessoas, já que boa parte delas é da baixa renda e não tem recursos para comprá-los.

Não há cinemas (até o presente momento da escrita desse texto) mesmo em Juazeiro do Norte que tem um Shopping. No entanto, há uma expressividade cultural material e imaterial muito dinâmica na região, como os festivais de teatro, produção musical, poesias, recitais, repentes entre outras atrações, bem como festas populares de grande impacto no entorno. Trata-se de uma região com um povo criativo que emana uma alegria que contradiz a realidade vivida. Também conta com muitas festas religiosas, puxadas principalmente pelas romarias e culto ao Padre Cícero que acontecem durante todo o ano.

Como em muitos lugares com maior desenvolvimento (regiões metropolitanas do centro sul, por exemplo), o acesso às redes sociais e a *internet* fazem a diferença, veiculando a informação. E ainda que estejam disponibilizados em muitas cidades do Sertão⁷, muitas vezes, esses recursos carecem de uma melhor compreensão e conhecimento para seu manuseio, característica não comum no perfil dos usuários.

Esse sistema de informação chega até as cidades da região metropolitana, principalmente em suas sedes administrativas, mas não abrange todo o município, que é bastante caracterizado pela presença do homem do campo.

⁷ Sertão, porque muitos alunos moram em cidades que ficam distantes da Chapada do Araripe, caracterizada por uma vegetação de caatinga com solo pedregoso, onde a vida devido à falta de água e outras infraestruturas como hospitais, transporte, instituições de ensino em todos os níveis, são precárias.

As escolas nas quais muitos alunos realizam os estágios são marcadas por uma infraestrutura rudimentar, de material didático, de mapas, livros, etc. Em uma escola, por exemplo, (visitada pelo Professor Pesquisador, responsável pelo estágio de um aluno da URCA, no município de Jardim/CE, em bairro rural), ficou sem energia elétrica durante 3 meses. Não havia ventilação adequada e, muitas vezes, faltava água até para beber. Há escolas com qualidade no que diz respeito ao prédio, as salas de aulas e materiais pedagógicos, mas infelizmente são poucas.

Nessa perspectiva, esse estudo teve como universo de experimentação, as vivências pedagógicas com os alunos da graduação em Geografia da URCA. Com esses alunos tivemos contato no VI e VIII semestres de Estágio Supervisionado. Período em que foi possível fazer um acompanhamento nas escolas, tanto como dos relatórios de estágio.

Em linhas gerais, essa tese irá abordar os processos metodológicos para se fazer outro olhar geográfico, com o qual as práticas de ensino se realizam na interface entre geografia/arte e criatividade para compor as instalações geográficas.

Apresentamos a seguir a estrutura da tese: Inicialmente, a “Apresentação” do trabalho. Na sequência, o Primeiro Capítulo, intitulado “Limpendo o Terreno – Processos Metodológicos para as Instalações Geográficas”, apresentará os passos metodológicos para a construção das instalações geográficas e a partir deles faremos uma análise dos relatórios de Estágios.

O segundo capítulo apresenta-se , sob o título “Pedra angular - A Metodologia e as Instalações Geográficas no Processo Avaliativo”. Iremos por meio da análise de uma oficina proposta e desenvolvida na Universidade, a número 1, descrever e analisar como se foi a construída a avaliação, realizada a partir das instalações, contribuindo no processo de ensino aprendizagem.

O terceiro capítulo cujo título é “Cavando o Alicerce - A Criatividade em Geografia e a Prática Pedagógica” mostrará, por meio da análise da oficina número 2, a necessidade de uma abordagem criativa e seus processos, para dar suporte a criação das instalações geográficas, bem como a subsequente avaliação, realizada com os alunos da universidade e do ensino básico.

No quarto capítulo, “Em Construção - Na Forma de Seixos: Pesquisa e Criatividade”, também será utilizada uma oficina, a de número 3, para discutir a

necessidade da pesquisa como elemento do ensino para se realizar a prática com as instalações geográficas e os resultados desse trabalho para a construção do conhecimento.

E, na conclusão, apresentamos “Em rota de considerações finais – sua gênese”, parte do trabalho que aponta as derradeiras discussões sobre os processos metodológicos apresentados na Universidade e nas escolas da região do Cariri, onde a pesquisa, a arte, a geografia, a avaliação, os conteúdos geográficos somados à criatividade podem ser a possibilidade de trabalhar o ensino de geografia pensando na transformação da sala de aula.

Em passos lentos...

Vou cair...

Cair ...

em direção...

Ascendente...

Em declive...

... Em rotação

...Transversal

... Descendente

... Até

...Se

... Fechar

... Em mim

... mesmo a

Transformação ...

Ribeiro.

LIMPANDO O TERRENO – Processos Metodológicos para as Instalações Geográficas

Abriremos esse capítulo analisando os relatórios de estágio supervisionado realizados pelos alunos nas suas respectivas escolas. Antes de discorrermos sobre a prática por eles descrita, cabe uma introdução explicando que eles teriam como proposta a realização de uma instalação geográfica na escola.

É apresentada aos alunos que chegam ao sexto semestre na URCA, a Cadeira (disciplina) de Estágio Supervisionado II, ministrada pelo professor pesquisador que visa o trabalho de regência em sala de aula nas escolas do Ensino Fundamental II. Os alunos em formação se deparam com as possíveis metodologias e didáticas a serem apresentadas em sala, as quais já foram oferecidas a eles em semestres anteriores.

Em muitos casos os alunos em formação querem uma “bula”, uma forma de lidar com a sala de aula e os maiores clamores e questionamentos por parte deles seguem os mesmos brados já identificados na atuação deste pesquisador quando lecionava nas escolas públicas do Estado de São Paulo: “que os alunos não prestam atenção e são indisciplinados”, “Por que eles são assim e como resolver?”

A disciplina de estágio supervisionado na URCA tem como proposta entender a escola do século XXI e os seus desafios à disciplina de Geografia, sendo a busca de novos procedimentos metodológicos imprescindível para o planejamento de atividades de ensino, investigação e análise das tendências pedagógicas, assim, como para o processo de avaliação em Geografia.

Para essa busca de novas propostas metodológicas e avaliação, como já mencionado na apresentação desse trabalho, este professor pesquisador passou a desenvolver a metodologia por instalações geográficas como instrumento de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, essa atividade foi realizada primeiramente no VI semestre em sala de aula na Universidade. O procedimento se configura em apresentar aos alunos o processo de se trabalhar com as instalações em Geografia, abordando um conteúdo geográfico que os leva a pensar e a construir o conhecimento. Duas

atividades práticas, pelo menos, são realizadas na Universidade pelos alunos graduandos, junto com o professor pesquisador.

Quando esses alunos chegam ao VIII semestre, o professor pesquisador propõe a eles que durante o estágio na escola realizem uma instalação geográfica, que pode ser sob o mesmo tema daquela feita no semestre anterior de Estágio, com adaptações, ou outra de livre escolha, que esteja atrelada ao conteúdo do Ensino Básico.

As diversas tentativas para desenvolver este trabalho apontaram que nem todos conseguem efetivá-lo pelos seguintes motivos: 1º. A escola não compreendeu a proposta levada pelo aluno estagiário; e, 2º., em outros casos os próprios professores que acompanharam os estagiários em sala não entenderam a proposta. No segundo caso, ocorreu de alguns desses professores irem procurar o professor pesquisador, responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado para saber mais a respeito, e acabaram fazendo parte do grupo de pesquisa “Geografia e Criatividade” que desenvolvemos na URCA.

Além disso, em torno de 5% dos alunos estagiários não conseguiram aplicar essa metodologia nas escolas, por se depararem com diretores e coordenadores irredutíveis à liberação de espaço para trabalho do universitário.

Contudo, em sala na Universidade, os alunos no VIII semestre foram estimulados a realizar em oficinas (práticas) a construção das instalações geográficas, com as quais, eles podem aproveitar para apresentar uma aula, utilizando de outras linguagens didáticas e estratégias de ensino a partir dessa metodologia de trabalho. Esse conteúdo, por vezes, é determinado ou não pelo professor pesquisador para ser trabalhado e aplicado na Universidade, como simulação para futura atuação profissional dos mesmos.

Considerando a indissociabilidade entre teoria e prática é preciso apresentar aos alunos a realidade do ensino no Brasil para que elabore, execute e avalie planejamentos de Geografia no Ensino Fundamental e Médio, assim como reflita sobre a sua prática docente diante da realidade escolar.

Para a formação de profissionais da educação, em especial a de Geografia, o estágio (regência) é parte da prática do curso de formação, muitas vezes visto pelos alunos de modo contraposto à teoria. Muitos deles, por exemplo, trazem a mesma

afirmação quando concluem seus cursos, quando se referem aos “teóricos” pensando que na verdade a profissão se aprende apenas na “prática” na sala de aula. Em outras palavras, esse pensamento dos alunos traduz que, para eles, o curso não fundamenta para a atuação profissional.

Entretanto, não concordamos com tal assertiva na sua totalidade, pois se faz necessário dizer que pode até nos escapar alguns elementos da formação articulada com a realidade da sala de aula. Mas a teoria e categorias da Geografia, assim como as disciplinas do programa didático são trabalhadas pelos professores na graduação da forma mais reflexiva possível e apreensão desses conceitos por parte dos alunos também pode se efetivar dialeticamente. O que todavia pode ocorrer é esta relação de aprendizado pode não ser muito significativa, devendo os alunos universitários retomar os conteúdos posteriormente. Fato que é de suma necessidade para dar conta da sala de aula tanto no que se refere ao aporte teórico, como às práticas postuladas. Desse ponto de vista, procuramos desenvolver uma postura metodológica relativa ao estágio supervisionado, articulando teoria e prática, com base na noção de que

O processo educativo é mais amplo, complexo e inclui situações específicas de treino, mas não pode se reduzir a este. Parece-nos que, em um certo nível, é possível falar em domínio de determinadas técnicas, instrumentos e recursos para o desenvolvimento de determinadas habilidades *em situação*. Portanto, a habilidade que o professor deve desenvolver é saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas (PIMENTA, 2008, pg.39).

A dissociação entre teoria e prática nos leva a um empobrecimento das práticas na escola, o que traduz a nosso ver porquê o estágio não pode constituir de teoria ou prática, mas, sim deve haver a relação entre teoria/prática encontrando, de modo sensível atrelado à teoria, a práxis.

Pode-se dizer que quando a universidade se distancia do ensino básico, da escola, perde-se a referência daquela práxis do cotidiano. Entretanto, teoria e prática para o processo de ensino aprendizagem deveriam se manter indissociáveis. Nesse aspecto, é importante ressaltar que

As percepções que temos da escola permitem-nos considerar que é importante a parceria entre Universidade e Escola, respeitando suas

diferenças de olhar: que é possível atuar no sentido das mudanças das práticas educativas e na sua própria formação, que moldará a imagem da profissão, que acabará orientando as atitudes, hábitos e expectativas do professor no futuro (CASTELLAR, 2012, pg.134)

As mudanças de paradigma da prática pedagógica na universidade, portanto, bem como na instituição escolar, podem demonstrar as complexidades das questões envolvidas no cotidiano desta. Desse modo, a realização das instalações geográficas na escola é importante já que a mesma se vê envolvida num projeto maior que transcende a sala de aula, vai além dos muros da instituição e atinge a comunidade. O mesmo acontece com os saberes científicos e com os saberes cotidianos.

Para que a instalação geográfica tenha êxito diante do processo de ensino aprendizagem, é necessária a pesquisa a qual falaremos mais adiante, a didática, a arte de ensinar ou a técnica estabelecida, no processo de ensino aprendizagem. Visto de outro modo, requer pensar uma “didática” que proporcione a integração desse contexto, a criatividade, o conteúdo geográfico e a educação, como processo de libertação.

Entendendo a Didática como parte das ciências pedagógicas, que trata especificamente do ensino, ou seja, das condições que devem ser criadas para que se dê a aquisição do conhecimento, entendo também que sua questão fundamental é a questão metodológica. Trata-se de criar os meios através dos quais a ciência, o saber sistematizado, traduz-se o conteúdo de ensino, isto é, em conteúdo didaticamente assimilável. Caminho, assim, na mesma direção de Saviani, que diz ser a questão central da pedagogia “o problema das formas, dos processos, dos métodos, não certamente em si, pois as formas só fazem sentido na medida em que viabilizarem o domínio de determinados conteúdos”. A pedagogia escolar, no seu entender, está ligada ao saber sistematizado, o saber metódico, e cabe à escola organizar as formas e os processos adequados para possibilitar às novas gerações o acesso ao saber sistematizado (BOULOS, 1991, pg. 96).

Sobre o saber sistematizado, assim como a relação pedagógica, é uma relação entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende mediada pelo conhecimento. O conhecimento já produzido é o ponto de partida para que nova aquisição de conhecimento no processo de ensino aprendizagem se dê de modo que se torne para o sujeito condição para organizar, sistematizar e produzir novos conhecimentos, junto ao saber crítico, idealizando sua concepção de mundo.

Portanto, ainda na concepção didática deve-se levar em conta o estado da pesquisa, a necessidade de abrir espaço para a pesquisa teórica para a aproximação da ciência e de produção do conhecimento. Sobre a didática e o conhecimento afirma-se que:

Uma proposta epistemológica para a didática deverá trazer dados relativos aos problemas do conhecimento científico nos três contextos típicos (de descobrimento, de justificação e tecnológico ou de aplicação) por meio de uma reflexão baseada na teoria até que esteja boa para aplicação na prática, já que uma coisa é o acúmulo de fatores sociais, políticos, psicológicos e culturais que podem induzir um profissional a preferir certo modo de conceituar uma disciplina em relação a outras possibilidades ou tendências, e outra, a verificação ou o apoio lógico ou empírico que suas afirmações possam ter (ANTOLÍ, 1998, pg.93).

A reflexão abordada nos remete às possibilidades de estabelecer novas formas de pensar e indagar sobre a didática, que junto a ela traz novas perspectivas de propostas e de pesquisa para uma práxis que precisa também conceituar a didática desde sua concepção prática até o sociocrítico. Para isso, é necessário um professor consciente quanto aos questionamentos em torno da didática, para que as práticas articuladas se efetivem desde o momento da vivência no estágio, pelos graduandos, até sua ação consciente quanto às transformações que podem planejar em sua atuação profissional vindoura. Desse modo;

O estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na atividade docente. No entanto, a discussão dessas experiências, de suas possibilidades, do porquê de darem certo ou não, configura o passo adiante à simples experiência. A mediação dos supervisores e das teorias possui papel importante nesse processo (PIMENTA, 2008, pg.103).

Para a realização de nossa pesquisa no que diz respeito à prática com as instalações geográficas foram observadas, como anteriormente mencionado, as aulas da Disciplina de Estágio e Ensino Supervisionado aplicada no VI e VIII Semestres, aos alunos da graduação de Geografia da Universidade Regional do Cariri – URCA. E a atuação formadora dessa disciplina tem como práxis o pensar uma nova proposta didática para as aulas do Ensino Básico.

A proposta de executar uma experiência na escola aonde os alunos estagiários farão suas vivências didático pedagógicas requer alguns conhecimentos prévios sobre a instituição destinada. Bem como sobre o professor que irá acompanhá-los, a coordenação e a direção.

Tendo realizadas algumas experiências anteriormente em escolas do ensino básico, e como os resultados já mostraram que realizar uma instalação na escola pode não ser bem aceito pelo professor e direção. Foi necessária uma preparação antes na Universidade, que se constituiu em refletirmos juntos sobre a ideia, verificando se o conteúdo era viável, pois não podemos atrapalhar o andamento curricular da escola. E, para que a instalação ocorra é necessário um entendimento maior da escola/professor pelo estagiário.

Tendo problematizado o aspecto do estágio supervisionado sobre o que os alunos conhecem a respeito dessa escola de ensino básico aonde estagiarão e aprofundando o conhecimento sobre a mesma, iniciamos o processo de ensino.

No início do semestre, pedimos aos alunos da graduação, que estão cumprindo o estágio supervisionado, que realizem uma observação primeira, ao redor da escola, fazendo uma observação crítica da paisagem do local onde a mesma está inserida. Em seguida, pedimos que esses alunos apliquem um questionário que apontem o que os moradores do entorno pensam da escola, da educação, do ensino, também o questionário é estendido ao coordenador e diretor, aos alunos, aos professores e aos funcionários. Além desse material escrito, também são necessários registros fotográficos para compor a observação para o estágio.

De posse desse material, aluno e professor na universidade debatem a respeito da escola, do seu projeto político pedagógico, da participação ou não da escola em conselho de classe e série, as demandas das políticas públicas do estado do Ceará e do currículo abordado pelo professor da escola que o acompanha como estagiário, entre outras demandas.

Em alguns momentos na sala de aula na universidade é possível descobrir que os alunos não conhecem a escola profundamente, ou seja, pouco sabem sobre o plano político pedagógico, sobre o currículo que trará os conteúdos geográficos, assim, como seu espaço, os depósitos, o prédio em si. Enfatizamos, então, a

necessidade do conhecimento da dimensão do espaço escolar ainda pouco explorada pelos alunos.

O estágio supervisionado requer do educando, por isso, uma preparação para o mercado de trabalho, para que se torne um profissional da Educação e da Geografia, para isso requer uma preparação eficiente na universidade. Dentre as disciplinas do corpo teórico como as das pedagógicas, portanto, o estágio na forma da regência em sala é de suma importância para que o aluno tenha a oportunidade de aliar a teoria e a prática.

Nesse ponto faz-se necessário relatar a experiência do aluno da URCA Edwilson, que realizou e concluiu o estágio supervisionado na escola “E.E.F.M. Presidente Geisel”, em Juazeiro do Norte. Na visão dele o objetivo do estágio supervisionado

(...) é mostrar a comunidade científica e principalmente a comunidade que vive no entorno da instituição de ensino escolhida para a realização do mesmo, a importância do ensino da Geografia na atualidade e como é que esta ciência contribuirá para o crescimento individual e coletivos (*sic*) destes alunos perante a sociedade, propondo sempre a execução de atividades reflexivas, para o surgimento de seres humanos críticos e de opinião além de visar o melhoramento das relações interpessoais dos alunos que são contemplados com o verdadeiro ensino da ciência Geográfica⁸.

O estágio supervisionado é visto por muitos alunos como apenas mais uma fase para se concluir a licenciatura, até o momento que de fato eles percebem que sem comprometimento e o conhecimento da disciplina, não se pode lecionar. Sem passar pelo estágio e pela prática de ensino, o aluno não percebe que somente as disciplinas do corpo teórico, em que se enfatizam a discussão de conceitos, não dão conta na sala de aula e que tão pouco as disciplinas didáticas também não se sustentam sozinhas, caso seja apenas a prática pela prática. É necessário, portanto, para se formar professor, não abdicar da ideia que estamos sempre em formação, ter objetivo, motivação, criação. Ser docente não é para descomprometidos, para quem pensa que dar aula é para qualquer um. Tornar-se professor e lecionar exige comprometimento profissional.

⁸ Edwilson Oliveira, aluno da graduação em Geografia da URCA, relato da experiência do estágio supervisionado. Mantida a grafia original.

Seguindo essa teia de reflexões, a seguir traremos os procedimentos passo a passo para se trabalhar com as instalações geográficas nas escolas e também nas universidades.

Em ato de assombro...

Mascarados

Saiu o Semeador a semear
Semeou o dia todo
e a noite o apanhou ainda
com as mãos cheias de sementes.

Ele semeava tranqüilo
sem pensar na colheita
porque muito tinha colhido
do que outros semearam.

Jovem, seja você esse semeador

Semeia com otimismo

Semeia com idealismo

as sementes vivas
da Paz e da Justiça.

Cora Coralina

Mexendo a terra - Os procedimentos metodológicos para a realização da Instalação Geográfica

Antes de abordarmos a execução da instalação geográfica pelos alunos do estágio supervisionado, nas escolas estagiadas, iremos elencar, como uma sugestão⁹, a metodologia de ação para produzir este tipo de trabalho, tanto no Ensino Fundamental II, como no Ensino Médio. Essa mesma metodologia de ação já foi executada muitas vezes por este professor pesquisador, em ambos seguimentos escolares.

O relato, com o passo a passo das ações, exposto a seguir, tem como referência um dos trabalhos desenvolvidos na época em que lecionávamos numa escola pública de São Paulo. A instalação foi desenvolvida em 2007, com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, da escola Estadual Professor Júlio Bierrenback Lima, no município de Sorocaba. O tema escolhido foi o Meio Ambiente.

1- **De posse** do currículo e do conteúdo a ser ministrado, o professor começa a pensar sobre como materializar esse conhecimento numa instalação geográfica (nesse ponto ainda o professor pode não saber quais materiais vão ser utilizados).

2- **O conteúdo** a ser ministrado deve ter procedimentos didáticos que auxiliem o aluno a compreender da maneira mais eficaz o assunto em questão. (esse ponto é livre para se desenvolver o conteúdo, que pode ser utilizado como base o livro didático, textos, história em quadrinhos, filmes, uma encenação lúdica, a informática com todos os seus recursos possíveis, o domínio do professor etc.).

3- **O procedimento** com os alunos em sala de aula para que os mesmos abstraíam a ideia ocorre durante as explanações do conteúdo, de preferência após a segunda ou terceira aula, conforme a extensão do conteúdo. Nesse ponto, deve o professor apresentar, como uma das formas de avaliar, a montagem de uma instalação.

4- * **A fala** específica é de suma importância nesse processo. Trata-se, essa ação, da abordagem linguística mais próxima ao entendimento do aluno para

⁹ Coloco aqui como sugestão, porque cada professor conhece os seus alunos e tem um jeito de trabalhar e de se portar em sala de aula. Porém, acredito que as fases desse processo metodológico o qual vamos expor são de suma importância para compreender e entender a realização da instalação geográfica.

requerer as atividades. A fala é aqui apontada, mas também, é preciso deixar impresso nas palavras, os gestos, pois o corpo fala, para enfatizar a importância do conteúdo e a fixação do mesmo. No caso específico deste trabalho como tema "Meio Ambiente", segue o relato sobre o diálogo aproximado entre professor e a sala, bem como a sequência didática escolhida e sugestões entre colchetes para o desenvolvimento de aula similar:

[Professor em frente aos alunos]

– Galera! [gesticulando, pois o impacto é maior na fala] É o seguinte, já terminaram? [aqui um exercício, atividade ou um texto. Se é a primeira vez que a turma irá realizar uma tarefa dessas, é bom que a fala a seguir aconteça no final da aula].

-- Tenho uma proposta e não quero saber! [aqui para tirar o ar de ditador e contraditório da "proposta", deve-se sorrir e gesticular].

-- Vocês vão realizar uma instalação geográfica como avaliação e vamos apresentar ao público.

[Os alunos perguntam: O quê? O quê é isso?]

[O professor novamente fala e em voz alta para não ser interrompido] – Uma instalação geográfica! E Vão arrumando uma gaiola! [o linguajar corrente se faz presente e necessário para uma aproximação com o universo linguístico do aluno e, conseqüentemente, o leva a aproximar-se da proposta do docente. Nesse caso foi escolhida previamente uma gaiola como objeto de partida para montar a instalação].

[Os alunos nesse momento exclamam e em bom som]

-- GAIOLA!? TÁ LOUCO?? O QUE VAMOS FAZER COM A GAIOLA? – [e nisso o professor deixa a sala]

A Gaiola como elemento da instalação nesse nosso exemplo foi pensado pelo professor, pois pode representar "o planeta terra", e pela facilidade que os alunos teriam para apresentar e arrumar os objetos. E essa ação deve mesmo ocorrer no final da aula, para ficar a dúvida, a incerteza e ao mesmo tempo o espanto dos alunos diante da proposta incomum do professor. Alguns o segue pelo corredor indagando sobre a gaiola e nesse momento é importante que o professor desvie a conversa para manter a curiosidade.

Haverá os comentários pelo corredor que chegarão à sala dos professores. E quanto a este fato faz-se necessário lembrar que, dependendo da escola e do público é preciso avisar a coordenação e a direção antes, porque alguns pais podem ligar pedindo informações, principalmente quando se pretende realizar a prática no Ensino Fundamental II.

No próximo encontro com os alunos, é fato que eles abordarão o professor e perguntarão, antes mesmo de pisar em sala de aula, “o que vamos fazer com a gaiola, professor?”. Nesse ponto depende muito do professor, já utilizei das duas situações (falas) a seguir. Pode-se dizer: “-- Ainda não sei”. Ou: “-- Conversaremos no final sobre isso”. O importante é manter o assunto em estado de novidade e suspense, sem maiores informações, para prender a atenção dos alunos no trabalho que desenvolverão. A estranheza e a dúvida se plantam com isso nos alunos. E novamente cabe um alerta: depende muito do conhecimento que se tem da turma para agir desse modo.

Os alunos nessa primeira situação vão dizer: “-- Como não sabe?” Então, o professor inicia a sua aula.

Essa situação de não falar o que os alunos vão fazer com a gaiola pode durar até duas aulas ou mais dependendo do planejamento, mas o professor sempre ao final da aula deve lembrá-los do objeto solicitado:

-- E AÍ JÁ ARRUMARAM A GAIOLA? AINDA NÃO? TÃO ESPERANDO O QUÊ?

Nessa fase já se diz quando será realizada a instalação e marca-se, portanto, a data.

Nesse momento, dos alunos, só se ouve os rangeres e rumores oriundos de seu estado de inquietação e empolgação, e alguns dizem: “-- Professor! Já arrumei”, “-- Eu também...”, afirmam uns e outros. E o professor se retira da sala com olhar de aprovação para os discentes.

Somente na aula subsequente ele explica os detalhes para montar a instalação geográfica. Quando se tem o domínio da turma e esta já realizou uma instalação e já se sabe (e se tem uma ideia, ela pode mudar depois de expor a turma) o que vai materializar na gaiola, pode-se dizer aos alunos no final da aula - que vamos materializar aquilo que estamos estudando junto à gaiola e que vai ser

feito uma apresentação, no dia x. Observem que esses momentos, essas falas o tipo de abordagem que se faz com os alunos indicam um resultado possível para a realização da instalação.

Relato de experiência- No ensino básico e com algumas exceções no ensino médio o professor lança a ideia do material a ser realizada a instalação, mas pode partir dos alunos a ideia do material, novamente devo frisar depende da conduta do professor. Na universidade onde o professor pesquisador leciona as duas formas já foram testadas com êxito. Após, portanto, a execução do trabalho, os alunos elaboram um relato descrevendo a experiência que tiveram com o trabalho, bem como sobre o conteúdo aprendido.

5-* **A ideia** apresentada, tendo, a maior parte dos alunos, arrumado seu material, o professor começa a trabalhar os elementos que poderão dar corpo à instalação.

6-* **O ponto crucial** em sala ocorre quando o professor explica a necessidade de uma pesquisa (do conteúdo que vem sendo estudado) para se efetivar a instalação e a apresentação. Os alunos novamente indagam: "-- Pesquisa?", "-- Sim!" - diz o professor "-- É necessário pesquisar para poder compor a gaiola!". E, supondo que o conteúdo abordado seja "meio ambiente", o professor acrescenta: "-- Vamos utilizar o tema meio ambiente aqui como ilustração!".

7- * **Supondo que** para esse exercício as aulas foram ministradas enfocando o meio ambiente, o professor pede aos alunos que pesquisem o tema relacionado e que eles tentem representá-lo na gaiola.

Salientamos que o professor já deve estar trabalhando com os conteúdos, a saber: 1-As estruturas e as formas do relevo; 2- Fisionomia da paisagem; 3- clima e seus tipos; 4- Fenômenos climáticos; 5- El niño e La niña; 6- Efeito estufa e ilhas de calor. Conteúdos retirados do Livro Pec - Geografia - Vol. 1 Ensino Médio Ummus, Victor William; Junqueira, Silas Martins¹⁰. E durante essas aulas que abordam estes conteúdos, é importante frisar que o professor deve dar exemplos de como se pode pensar em materiais que podem representar o tema.

Além disso, no momento de solicitar a pesquisa, o professor precisa indagar sobre o cotidiano dos alunos. Como por exemplo, por onde eles andam, o que eles

¹⁰ Livro esse adotado pela escola.

assistem, se trabalham, diz para observarem a cidade, o campo, porque o cotidiano é que vai auxiliar nas ideias e materiais a ser arranjados e pensados para transformar conteúdo em instalação. Aqui a **criatividade** começa a ser colocada à prova, pois se o tema é “meio ambiente” e se os alunos farão uma pesquisa aprofundando sobre as massas de ar ou as correntes marinhas, é necessário que o professor lance algumas ideias, de como é possível representar esse tema.

Possíveis exemplos são: o uso de algodões para representar as nuvens, ou uma corrente com um peixe colado nela para simbolizar as correntes marítimas, entre outros. Os símbolos são importantes, pois são com eles que iremos trabalhar.

A importância do professor nessa tarefa é conduzir o alunado, interferindo o mínimo possível no seu processo criativo¹¹.

Lançada a tarefa que é de se fazer uma pesquisa, o professor pede aos alunos que produzam um texto para apresentar as ideias pesquisadas. Esse texto deve conter a pesquisa por eles feita, no nosso caso, por exemplo, sobre o “meio ambiente”, e no final do texto os alunos devem manusear os materiais que irão utilizar para montar a gaiola.

8- * **Teia de ideias**” fica estabelecida como tema do encontro posterior ao da pesquisa. E o processo didático dessa aula deve ser realizado da seguinte maneira: os alunos dispostos em círculo e junto com o professor iniciam a leitura dos textos realizados pelos alunos com reflexões sobre a pesquisa, e conseqüentemente serão debatidos pela turma e professor.

Nesse momento, as ideias que um aluno teve podem mudar, pois muitas outras começam a emergir, a vir à tona, a se descobrir outras formas possíveis para compor a “gaiola do meio ambiente”. Talvez, seja necessário mais de um encontro para acertar os trabalhos.

9- * **Após o debate**, ainda em sala de aula e com os trabalhos praticamente encaminhados para a data da apresentação, o professor não pode esquecer-se de pedir aos alunos que, após a apresentação, seja refeito o texto. Porque até no dia da apresentação, há alunos que mudam o seu trabalho, por surgirem novas ideias e eles modificam, assim é importante que ele reescreva novamente o texto contextualizando toda a dinâmica e colocando as impressões do público também.

¹¹ Falaremos mais a respeito dos processos criativos nos capítulos a seguir.

10- * **O dia da apresentação** deve ser uma data bem planejada pelo professor, agendada com antecedência, destacando o local e de que forma será realizada a instalação geográfica. Se a apresentação ocorrer na escola, o tempo de preparo é diferente das que forem realizadas fora da mesma.

Na escola o público é conhecido. Portanto, é necessário apenas indicar aos alunos onde será montada e exposta a instalação. Pode até ser inserida numa festa da unidade escolar ou num projeto. Pode também ser aberta ao público em geral. Nesse é necessário definir a hora de início e fim da apresentação.

Se a instalação ocorrer fora da escola pode ser exigido transporte ou até uma documentação antecipada. Como exemplo, realizamos, certa vez, uma instalação geográfica num hipermercado da cidade de Sorocaba/ SP. Por ter sido em uma área privada, tive que redigir um memorando com o timbre da escola, para enviar ao setor responsável do hipermercado pedindo autorização e assim foi feito.

De posse da autorização dada pelo hipermercado, foi feito o reconhecimento da área, num primeiro momento, e depois com a turma em questão, para não haver surpresas quanto ao espaço e condições para a montagem.

11- Algumas imagens para ilustrar

Ilustração 5. Instalação geográfica realizada em hipermercado.



Instalação Geográfica sobre o Meio Ambiente, exposta em um Hipermercado da Cidade de Sorocaba. Fonte: Ribeiro, 13/11/2007.

Ilustração 6 e 7. Professor e alunos



Fonte: Ribeiro, 13/11/2007.

Quando chegada à hora da apresentação, na tensão típica de momentos assim, os alunos falam: “— Professor, vamos pagar mico!” E Professor lhes dá segurança dizendo: “— Que nada! Vai dar tudo certo!”

Essa atividade sobre o Meio Ambiente teve duração de 50 minutos. E ao notar que os alunos ficaram empolgados devido às pessoas que circulavam pelo local fazendo as perguntas e eles respondendo, se sentindo especiais, prosseguimos por mais 10 minutos. A exposição poderia acontecer por mais tempo, no entanto, entendemos ser papel do professor o controle e comprometimento com todas as etapas do trabalho e o trato era de no máximo 1 hora.

12- * O dia seguinte

Após a apresentação, os alunos já estão sabendo que a próxima aula eles devem trazer o texto feito sobre as instalações e as impressões do público. São analisados os pontos positivos e negativos de todo o processo, se o conteúdo foi atingido, o material passou a mensagem adequada, e o que eles acharam da atividade como um todo. Se o professor notar que faltou algo quanto ao conteúdo este deve ser retomado para melhor aproveitamento por parte dos alunos.

O fato curioso, que aponta o quanto foi compensador esse trabalho, ocorre quando encontramos os alunos passados alguns meses ou mesmo anos em que foi feita a instalação eles sempre comentam a respeito. Isso prova que a metodologia, bem como o conteúdo, ficou fixa na memória deles.

Essa e outras experiências são relatadas por nós aos graduandos em Geografia, quando frequentam as aulas de Estágio Supervisionado, no intuito de incentivá-los a criar trabalhos semelhantes nas escolas aonde estagiam.

Expusemos aqui os procedimentos metodológicos para a realização de uma instalação geográfica.

No decorrer do trabalho veremos outro exemplo de como o aluno estagiário, conduziu seu estágio e como foi posto em prática a metodologia das instalações geográficas.

Na Universidade, passadas as orientações (relatadas anteriormente) e as próprias experiências sobre como realizar o estágio na escola, com as instalações geográficas, apresentaremos a seguir os comentários sobre três relatórios de estágio supervisionado sobre algumas obras realizadas pelos alunos nas escolas estagiadas.

Os trechos dos relatórios desses alunos foram copiados tal qual foram escritos e destacados pelo grifo em itálico. Apenas as ilustrações no que correspondem a sua numeração foram alteradas pelo professor pesquisador.

Parte do Relatório da disciplina de Estágio Supervisionado, apresentado por Luis Pessoa de Araújo Júnior, aluno da URCA.

O aluno Luis Pessoa de Araújo Junior realizou o seu estágio com minicursos e regência em sala de aula. Uma das propostas de minicursos, sistematizando a regência, foi projetar e fazer com seus alunos uma instalação geográfica.

A abordagem do seu relatório de estágio aqui é parcial, pois se trata apenas do trecho sobre o desenvolvimento da prática com as instalações geográficas na escola, sendo a mesma, cópia fiel do excerto mencionado.

Ilustração. 8- Distrito de Ponta da Serra. (Crato)



Fonte: Araújo Júnior, 2012

Localização da escola

A Escola de Ensino médio Joaquim Valdevino de Brito, encontrasse (sic) na Rua Maria Ribeiro de Matos, Distrito de Ponta da Serra s/n, município de Crato, Ceará, situada em uma região de particularidades que transitam entre o Urbano e o Rural devido à tradicional fonte e emprego que estão ligadas a agricultura e pecuária

de Classe alta, média e baixa atendendo a uma população mista, sendo a única escola que oferta ensino médio nesta localidade.

Foi de extrema importância a atividade de estágio e interação com a escola Joaquim Valdevino de Brito, onde foi uma grande vitrine para meu entendimento em relação aos conteúdos que aprendo em sala e na maneira de aplicá-lo para os alunos do ensino Médio.

Nesse relatório consta uma breve realidade da educação tendo em vista que o período de análise (sic) e prática (sic) de estágio foi de grande proveito, com diversas atividades de interação entre novas práticas em sala tendo como destaque as práticas (sic) de campo e a exposição e **instalação geográfica “Uma Geografia para os cegos”¹²** no fim do estágio.

Dentro de um processo construtivo das práticas de ensino esse estágio estabelece tendências pedagógicas (sic) baseado no diálogo, do conhecimento já usado dentro das instituições de ensino como também na possibilidade de testar novas probabilidades de aplicação do ensino de Geografia.

A divisão do desenvolvimento desse trabalho é por parte de pesquisa e ações de práticas relativas pelo período de aplicação do estágio com a intenção de realizar uma atividade de docência com responsabilidade e prestação de conhecimento dentro da instituição de ensino localizada no distrito de Ponta da Serra no município de Crato¹³.

Ao estagiar, as aulas ministradas no 3º ano da escola Joaquim Valdevino de Brito, percebi a dificuldades na prática de ensino de Geografia, porém o interesse de muitos alunos ajudou no sucesso que considero, pois, aceitação por boa parte dos alunos, professores que me acompanharam e direção foram positivas.

Entendo a importância do planejamento que é de onde pode se fazer um diagnóstico das possíveis prevenções para as dificuldades que os alunos poderão apresentar, o plano de aula é importante instrumento de embasamento dos objetivos para obter conquistas concretas, através da interação entre alunos e professor. O processo avaliativo tem importância dentro da educação mais (sic) as formas que

¹² Grifo nosso. Geografia para cegos foi utilizada como metáfora pelo aluno estagiário.

¹³ Grifo nosso. A importância de o aluno pensar em algo que tivesse relação com o cotidiano não só dos alunos da escola, mas com a comunidade, é um dos nossos objetivos para com o ensino.

são seguidas devem seguir a dinâmica da juventude atual e assim facilita a prática da docência.

Por fim concludo com grande felicidade já que posso entender mais sobre metodologias em classe, funcionamento de uma escola, aprendendo novas maneiras para lidar com os alunos, desejo que a educação brasileira encontre um bom caminho e as pessoas entrem em um processo de valorização do conhecimento.

Minicursos Região Metropolitana do cariri

A Região Metropolitana do Cariri (RMC) está localizada no estado brasileiro do Ceará. Nos minicursos foi aplicado o seguinte cronograma temático que ao todo foi aplicado em 50 horas de aula e prática de campo.

Unidade I

- Concepções sobre o Nordeste do Brasil.*
- O que é território, espaço, lugar e região?*
- Dinâmica histórica do processo de formação do Cariri*
- Cariri: organização sócio espacial*

Unidade II

- Aspectos Físicos*
- Clima*
- Vegetação*

Unidade III

- Núcleo Crajubar: Características das cidades ancoras do cariri.*

Apesar de ser indiscutível que os problemas que (sic) a questão socioeconômica deve estar entre os assuntos prioritários na sociedade moderna e que a aula de campo é um instrumento eficiente para o estabelecimento de uma nova perspectiva na relação entre a sociedade e a natureza, o que se procura nesta

aula é outra abordagem para as atividades educativas, ambientais, políticas e sociais. O desenvolvimento das aulas empíricas como uma metodologia que auxilie na aprendizagem dos conhecimentos científicos, principalmente aqueles relacionados à exploração dos recursos naturais é de suma importância, pois a creditamos que, se o aluno aprender sobre a dinâmica dos ecossistemas, eles estará(sic) mais apto a decidir sobre os problemas ambientais e sociais de sua realidade quando for solicitado.

Objetivo específico

Aplicar e confrontar o conhecimento formal adquirido em sala, com a realidade encontrada em campo.

Trajetória detalhada

Ponta da Serra

- Saída as 07:00 (escola)

Crato

- Voçoroca do seminário
- Grendene
- Pontal do Seminário
- Estação Crato (metrô sentido Juazeiro)

Juazeiro do Norte

- Estação Juazeiro
- Igreja dos franciscanos
- Praça Padre Cícero
- Pausa para almoço
- Cariri Garden Shopping
- Hospital Regional do Cariri

Analisar as relações socioambientais dos espaços urbanos e rurais de parte da Região Metropolitana do Cariri; indústria, comércio, transporte, impactos ambientais, fluxos e comunicação.

O processo da prática

Essa Instalação foi produzida ligando duas atividades do meu estágio, o minicursos que tratava sobre a Região metropolitana do cariri e a aplicabilidade dos conhecimentos geográficos nas proximidades da escola "Distrito de Ponta da Serra" assim também buscando provocar discussões sobre a influencia (sic), problemas e ações positivas do processo de metropolização sofridas no Cariri Cearense desde 2009.

Foram estabelecidos em sala seis eixos temáticos que norteariam as pesquisas que seriam desenvolvidas em equipes, os trabalhos interligavam todos os campos da geografia sendo que o objetivo era não dividir e sim unificar os conteúdos físicos e humanistas, já que o vejo como interativo e dinâmico.

O processo de pesquisa necessitava dedicação dos alunos devida obrigatoriedade de prática dentro do território do distrito onde se localizava a escola, objetivo era colocar em prática os conceitos aprendidos durante os três anos de vida escolar em nível médio.

*A Geohistória através do espaço da memória; as formações de relevo e geológica; as características da flora e clima; o comércio local e os meios de comunicação; redes de acesso e informação; zoneamento de impactos ambientais o desenvolvimento urbano e rural; as atividades industriais, artesanais e culturais. Esse leque de questionamento seria estudado durante dois meses, sendo que o professor estaria disponível a indicar caminhos para facilitar os resultados que deveriam ser estudados dentro da contemporaneidade e transmitida através de uma **instalação geográfica** e exposição de trabalhos¹⁴ no pátio da escola no dia 07 de dezembro de 2012.*

O que foi mais desafiador seria a maneira de como expor essa pesquisa já que não seria aceitável o uso de materiais tradicionalmente usados a exemplo cartolina e o projetor, a ideia era a partir da pesquisa que fossem usados matérias que tivessem relação com o conteúdo, exemplo se fosse fala sobre impactos ambientais poderia ser usado matérias(sic) jogados em ambientes públicos ou mesmo no caso no ambiente rural já que a escola conta com muitos estudantes

¹⁴ Segundo o aluno estagiário, outros professores também expuseram os seus trabalhos no pátio da escola.

dessa localidade, Mais(sic) desenvolver atividades que necessitem de criatividade não é um trabalho fácil principalmente quando os alunos não tem práticas(sic) dentro de novas vertentes metodológicas, e isso ser encaminhado por um estagiário pode ser tornar um pesadelo ou ter bons resultados.

Para facilitar indiquei uma lista com alguns materiais que seria possíveis e interessantes para apresentação como: Garrafas de vidro, guarda-sol, pinéus(sic), aro de bicicleta e antena de TV, porem(sic) ficaria aberto para a inserção de novas ideias. Para o desenvolvimento desse tipo de atividade o professor tem que também ser criativo para ajudar tanto na produção, pesquisa e criação de uma maneira para apresentação.

Veja alguns dos resultados dessa atividade em fotos abaixo:

Ilustração. 9- Descrição: Guarda-sol e papel

Nome: Os Guarda-conhecimento.



Fonte: Araújo Júnior, 2012.

Aro de bicicleta e garrafas pet. O trabalho abordava o relevo, clima e vegetação local.

Ilustração. 10- Nome: Ciclo homo - físico



Fonte: Araújo Júnior, 2012.

Aros de bicicleta, garrafas de vidro com informações dentro do recipiente. O trabalho mostrava o turismo, comércio e indústria local.

Ilustração. 11- Nome: Espiral geoformacional. Parecido com instrumentos de soro para ambientes caseiros.



Fonte: Araújo Júnior, 2012.

Ilustração. 12-

Os alunos do minicursos desenvolveram a partir da prática de campo um croqui sobre os pontos que entendem como importante, mas a base para apresentação foi uma vestido, vejam nas imagens abaixo.



Fonte: Araújo Júnior, 2012.

Avalio o processo como um procedimento inovador, que foi bem visto pela comunidade escolar e pelos demais alunos que participaram das apresentações, vê (sic) que o uso da criatividade e a pesquisa em Geografia são elementos importantes e ajudam a formação de estudante ativo.”

ilustração. 13- A seguir um dos textos das alunas apresentados a respeito da instalação proposta pelo estagiário.

Análise do Trabalho.

No dia 07-12-12, foi apresentado trabalho cujo objetivo era a montagem com a utilização de materiais recicláveis.

O trabalho foi manuseado e apresentado por a equipe que tinha como integrantes Andrylle Brito, Kelini Souza, Ramyla Ximendes e Maria Izadora com o tema: "Atividades econômicas em Ponta da Serra e seus arredores." Nosso trabalho teve a seguinte montagem:

Obtivemos fotos de lugares que descrevem as seguintes características: lazer, turismo, agricultura, transporte, indústrias, comércio e redes educacionais, as fotos foram enroladas e colocadas em long necks.

A montagem do trabalho teve inspiração em como era armazenado os antigos pergaminhos, que continham partes de territórios e eram enrolados e colocados em garrafas.

Nosso trabalho teve o objetivo de mostrar divididamente as partes que compõe Ponta da Serra e seus arredores separadamente por cada setor.

Maria Izadora,
Andrylle Brito
Kelini Souza
Ramyla Ximendes - 3º B

.....

Escólios

O trabalho realizado pelo estagiário Luis, sobre o processo de inserir a metodologia de se trabalhar com instalação geográfica pode ser analisado da seguinte forma: A escola a que o aluno submeteu o trabalho tem como característica de inserção geográfica espacial, constatada na Ilustração (8) acima, o distrito da Ponta da Serra, um lugar rural. É também a única escola pública de Ensino Médio que atende a comunidade. Este aluno estagiário não teve o acompanhamento do professor da escola, pois o mesmo estava afastado de suas funções.¹⁵ Portanto, o discente traçou o seu plano de trabalho visando o currículo escolar e inserindo assim, as instalações geográficas.

Apontou-nos, o aluno, algumas dificuldades de se realizar a metodologia. Uma delas foi o modo de expor a pesquisa em sua totalidade, por não se tratar de qualquer material que tradicionalmente é usado para a realização de muitos trabalhos escolares, como ex: cartolina, papelão etc.

O aluno deixa clara a necessidade de se usar material que tivesse relação com o conteúdo estudado, mas relata que desenvolver atividades que necessitem de criatividade não é uma tarefa fácil e sobre a prática pedagógica na relação entre aluno e professor, expõe a dificuldade que os alunos têm quando são apresentadas, novas práticas pedagógicas, novas “vertentes metodológicas” na palavra do aluno estagiário, e destaca também, a difícil tarefa que é encaminhar esses trabalhos sendo estagiário.

O estagiário também aponta para a necessidade da pesquisa com o intuito de ser realizada e materializada não só o conteúdo, como os materiais a serem trabalhados. A dificuldade de inserir, junto aos alunos, uma pesquisa que aprofunde sobre os conhecimentos do conteúdo trabalhado não é uma tarefa simples também e isso poder ser constatado nos anexos que comportam o material coletado pelo estagiário.

¹⁵ O afastamento de professores da sala de aula não é exclusividade dessa escola é uma realidade nacional, tanto a falta de professores como os afastamentos, o que faz com que muitos alunos ainda em formação assumam o papel do professor, mesmo não tendo uma experiência em regência.

É fato preocupante que tanto a escrita do estagiário como a dos seus alunos apresenta sérios problemas de ortografia e desenvolvimento coesivo dos textos produzidos. Os problemas ocorrem desde a ausência de concordância verbal, de gramática, como de significados e pontuação.

A compreensão da língua e do seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita inclui capacidades que para Garcia (1998) aparecem como sendo necessárias à lembrança dos acontecimentos, à capacidade da ideia central, à elaboração de inferências a extração de conclusões, o fazer predições e extensões.

Linguagem oral e linguagem escrita se formam em estrita relação com o desenvolvimento intelectual. O importante é fazer compreender a criança que a escrita permite transmitir informações, que é um código convencional cuja posse permite decifrar as mensagens das demais pessoas e transmitir qualquer mensagem própria. A aprendizagem desse código é discriminativa (discriminação dos fonemas e dos grafemas) e substitutiva, ou seja, substituição de uns pelos outros (Stambak, Vial, Diatkine, Plaisance e Beauvais, 1984, in.: BAZI, 2000, pg.34).

Um fator pedagógico referente ao desenvolvimento da linguagem trata exclusivamente da passagem que envolve as relações complexas do pensamento para a linguagem (VYGOTSKY, 1991). E o que podemos perceber é que os alunos, que são do terceiro ano do Ensino Médio, passaram por todo o curso do Ensino Básico e Médio e não se apropriaram dos recursos da escrita, que se traduz na tríade: pensamento-linguagem-escrita.

Portanto, seria necessário um estudo mais aprofundado do cotidiano escolar para compreender como a escola, professores e alunos desenvolveram as suas atividades ao longo do Ensino Básico, quais pontos foram falhos, quais os motivos reais que contribuíram para essa defasagem de produção da linguagem escrita.

O estudo do cotidiano escolar se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conteúdos acadêmicos, seja na veiculação das crenças e valores que aparecem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano da experiência escolar.

Esse processo de socialização, no entanto, não é tão determinístico ou mecanicista como se poderia imaginar. Da mesma maneira como a realidade social se configura contraditória, expressando no seu cotidiano uma correlação de forças entre classes sociais, a escola, como constitutiva dessa práxis, vê refletidas no seu dia-a-dia todas essas e outras contradições sociais (ANDRÉ, 1991, pg. 39).

A nosso entendimento tanto os alunos do estagiário como o próprio apresentam uma escrita defasada em relação à série e idade, isso parece ter relações com o processo de aprendizagem que se inicia no Ensino Fundamental I, pois os alunos não foram estimulados à leitura, redigir e produzir textos mais contextualizados. Essa prédica aponta a relação da escola com as políticas públicas e com a formação de professores, essas observações têm estreita relação com a experiência vivida pelo professor pesquisador não só na região do Cariri, como também, das experiências no magistério no Estado de São Paulo, precisamente na região de Sorocaba.

Podemos encontrar alunos com boa capacidade na expressão oral, porém, com sérias dificuldades para escrever as palavras (disgrafia). Encontramos alunos, por exemplo, que se expressam com dificuldade perante a oralidade e a escrita, também, alunos que escrevem bem as palavras, mas se expressam mal na fala.

Bazi (2000) afirma que as dificuldades de aprendizagem sobre a leitura e a escrita são reflexos do fracasso escolar, que tem diversas variáveis, passando tanto pela genética como pela cultura e por ações da sociedade.

Leite (1988) evidenciou dois grandes determinantes do fracasso escolar. O primeiro é o nomeado de “fatores extra-escolares”, representados por uma série de fatores relacionados à realidade sócio-econômica a que está submetida à maioria da população brasileira, caracterizada pelas relações de trabalho e de pobreza. Simultaneamente às variáveis extra-escolares, existem os “fatores intra-escolares” que englobam a distância cultural entre a escola pública e sua população, a ineficácia da formação e treinamento dos professores, os problemas relacionados aos programas de ensino e práticas escolares e a própria burocracia pedagógica. (BAZI, 2000, pg. 4)

É constatável a dificuldade da escrita desses alunos na região do Cariri, mas não são os únicos no país, embora as taxas de analfabetismo no Brasil apresentem um quadro que, segundo o IBGE, na região nordeste em cidades com até 50 mil habitantes é uma das mais altas do país.

O estudo mostra, por exemplo, que, embora no país como um todo a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade tenha se reduzido de 13,63% em 2000 para 9,6% em 2010, ainda

chega a 28% nos municípios com até 50 mil habitantes na região Nordeste. Além disso, o percentual de analfabetos entre pretos (14,4%) e pardos (13,0%) era, em 2010, quase o triplo dos brancos (5,9%). No caso do analfabetismo de jovens, a situação da região Nordeste era também preocupante, na medida em que mais de ½ milhão de pessoas de 15 a 24 anos de idade (502.124) declararam que não sabiam ler e escrever. Na região do Semiárido a taxa de analfabetismo também foi bem mais elevada do que a média obtida para o país, mas teve uma redução de 32,6%, em 2000, para 24,3%, em 2010. Entre os analfabetos residentes nessa região, 65% eram pessoas maiores de 60 anos de idade (IBGE, 2010)¹⁶.

Creditamos essas taxas de analfabetismo às condições socioeconômicas encontradas, de modo mais acentuado na região Nordeste, pela característica (em geral precária) da formação de professores, a falta de infraestrutura básica (qualidade dos prédios escolares, acesso a água encanada e tratada e esgoto, entre outros), ao gerenciamento dos recursos para a educação, assim como a baixa remuneração salarial dessa categoria.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e a educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que e o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós corrermos o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansada, cair no indiferentismo fatalismo cínico que leva ao cruzamento de braços. "Não há o que fazer" é o discurso acomodado que não podemos aceitar (FREIRE, 1996, pg.74).

Como apostar na mudança? A sala de aula e a educação na atividade docente são parte dessa mudança, esse professor pesquisador que vos escreve é parte dessa transformação. Não se altera um quadro sem confiança, sem estímulo do professor e do aluno, sem pesquisa, para isso se for preciso transgredimos o

¹⁶ <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2019> >Acesso em 1/06/2013.

sistema para a transformação da educação, da escola, da sala de aula, do espaço pedagógico.

A pesquisa é um dos pontos chaves da instalação, quando tratamos das instalações na universidade junto aos nossos alunos, abordamos a necessidade prioritária da pesquisa e a discussão dessas em sala de aula por todos os alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Em vários momentos chamamos a atenção deles para esse ponto crucial.

Podemos perceber que mesmo o estagiário ao colocar a necessidade da pesquisa para a execução da instalação, ela não foi atingida no relatório dos alunos, pois os mesmos relataram apenas os lugares por eles visitados sem aprofundar na descrição dos materiais a serem utilizados e as formas de realização da mesma.

A importância do lugar para os alunos também é primordial. Quando eles saem de sua escola para visitar e estudar certos lugares que nunca estiveram, não podemos deixar de creditar que essa ação, sobretudo, pedagógica não tenha uma relação com a experiência extra-sensorial espacial dos alunos, construindo assim, o conhecimento. Afinal, sabemos que pela condição social (baixa renda) muitos desses alunos não teriam a oportunidade de saírem do distrito da Ponta da Serra.

Temos que para a formação dos alunos e para o conhecimento deles, os sentidos das coisas, o lugar, o ver, o cheiro, o sentir, a emoção de estar indo aonde nunca foram, de realizar uma simples viagem de ônibus, aos olhos de outros que têm esse acesso, esses eventos podem parecer comuns, mas aos olhos daqueles que nem sempre têm a oportunidade de se locomover, de deixar o seu local habitual, o seu cotidiano, a experiência de saírem da escola e realizarem uma observação de campo se comprova muito importante.

É necessário expor que a pesquisa e o processo para montar a instalação pelo estagiário e seus alunos não foi tratada e abordada corretamente, pois não teve a atenção que ela merece para a sua execução. E mesmo essa tendo sido realizada, os seus conceitos e os conteúdos não foram trabalhados e aprofundados como deveria.

Reiteramos que para atingir os objetivos desse trabalho, é importante seguir atentamente cada etapa da metodologia apresentada no início deste capítulo. Se no primeiro encontro a ideia não foi fundamentada corretamente, deveria o estagiário

marcar outro momento ou quantos fosse necessário, para discutir e aperfeiçoar a pesquisa dos alunos, para que eles pudessem melhorar não só a linguagem do texto, mas a escrita e toda a sua dimensão pedagógica. Alguns dos motivos sobre a necessidade de haver paciência e dedicação para a atividade escrita, como foi exposto acima, quando tratamos da leitura e da escrita.

A pesquisa e seu desenvolvimento merecem certo cuidado diante da metodologia com as instalações. Quando tratamos da primeira, é um dos elementos mais importantes para que a instalação se materialize. Para tanto, o professor deve acompanhar a pesquisa dos alunos quando esta vai ser colocada em pauta, no momento que chamamos de Teia de Ideias, que é uma das ações descrita no tópico sobre os procedimentos metodológicos deste capítulo.

Refletimos sobre esse momento e pudemos concluir que essa parte do processo não foi atingida como deveria, em relação à correspondência da série a qual esses alunos freqüentam, esse momento seria onde todos os alunos leem as suas pesquisas, discutem e apontam os signos e símbolos que vão ser colocados na instalação.

A leitura em conjunto na Teia de Ideias faz com que todos os textos sejam discutidos e comentados pelo professor e alunos, enriquecendo o processo de conhecimento sobre o tema abordado da pesquisa. De igual modo, os símbolos e signos que irão compor a instalações dos alunos, surgindo desse momento opiniões e ideias para todos os trabalhos. Em outras palavras, é uma etapa essencial por ser um trabalho reflexivo coletivo.

Esse momento não é único, pois se o professor junto aos seus alunos observa alguns que não atingiram a leitura necessária da pesquisa, do trabalho, este deverá marcar outro momento para que eles reflitam e refaçam a sua pesquisa observando que no final da mesma, os símbolos e signos devem ser apontados para a instalação.

O que ocorreu no caso acima foi que o estagiário realizou apenas uma rodada da Teia de Ideias, deixando a pesquisa em segundo plano e atentando-se mais para a instalação e suas simbologias.

Podemos afirmar que a instalação se sobrepôs a pesquisa. Essa foi realizada, cumpriu o seu papel, porém, para que a avaliação tivesse êxito em todo o seu

percurso, os elementos da escrita aliados à pesquisa objetiva, junto com a Teia de Ideias e as discussões que seriam levantadas e abordadas sobre o conteúdo, deveriam acontecer de forma sequencial. Também acrescentamos que a pesquisa faz parte de um processo, em que a aula e outras estratégias realizadas pelo professor proporcionam contribuições recíprocas no processo ensino e aprendizagem.

Segundo o estagiário, no seu relatório, o livro didático é utilizado, com os textos complementares e é feita uma saída em campo para materializar os diversos conteúdos e compreender o lugar “A Ponta da Serra na Região Metropolitana do Cariri”. Ressaltamos aqui de forma positiva a iniciativa do estagiário em realizar o campo com seus alunos para uma melhor compreensão do conteúdo visto.

Para finalizarmos, no que diz respeito ao encaminhamento da prática com as instalações retomamos aqui a importância do processo novamente. O estagiário trabalhou o conteúdo, realizou o campo, que a nosso ver foi pertinente ao planejamento traçado por ele, instigou aos alunos à criação de uma instalação, fornecendo ideias para o desenvolvimento dessas. Os alunos, por sua vez, realizaram a pesquisa, porém a mesma não apresentou profundidade, apresentando certos limites, um deles, relatado pelo estagiário foi a ausência da ação reflexiva “teia de ideias” e, após a montagem da instalação, não houve a construção de um texto final pelos seus alunos.

Concluindo, a prática com as instalações realizada pelo aluno Araújo Júnior, provou que teve contribuições específicas para a sua regência apesar de ter pecado quanto ao respaldo teórico e extensivo da pesquisa, sua fundamentação técnica e produção do texto final¹⁷.

¹⁷ Esse estágio foi realizado em novembro de 2012. Em Agosto de 2013 o professor pesquisador voltou à escola para fazer um convite à mesma para participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). No encontro com profissionais da educação da referida escola, foi lembrado o trabalho realizado com as instalações geográficas, pelo aluno estagiário, exaltando o mérito do exercício pedagógico para a comunidade. Isso foi reforçado pelo professor pesquisador para evidenciar a certeza de que a metodologia com as instalações geográficas junto ao processo de avaliação construtiva pode ser uma ferramenta importante para a formação dos alunos/estagiários visando à transformação da sala de aula nas escolas.

Parte do Relatório da disciplina de estágio supervisionado VIII, apresentado por Francisca Fernanda Batista de Castro, aluna da URCA ¹⁸

Introdução:

O presente relatório narra a experiência do estágio supervisionado como disciplina curricular do VIII semestre do curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri-URCA, realizado no Colégio Estadual Wilson Gonçalves, localizado na cidade de Crato-Ce.

A prática do estágio se coloca como etapa fundamental para a formação do educador de Geografia, sendo assim esta foi realizada nas turmas do 1º ano do ensino médio da referida instituição, com aulas iniciadas no mês de março e finalizadas no mês de junho de 2013.

O principal objetivo deste relatório refere-se à exposição da vivência durante esse período, ressaltando a necessidade da sua aplicabilidade tendo em vista as grandes dificuldades que serão enfrentadas posteriormente, ao iniciar de fato a profissão de professor de Geografia.

Sabemos que a prática de estágio estabelece um paralelo entre teoria e prática, constituindo-se em uma experiência que propicia ao graduando o início da sua preparação para sua vida profissional. Porém, é preciso destacar a existência de algumas lacunas no que tange a preparação do acadêmico na Universidade, possibilitando a falta de preparo ao chegar à escola. Assim buscaremos fazer uma reflexão sobre essa temática no decorrer deste trabalho, visto que estamos no estágio final, propensos a receber a licença para atuar como educadores.

*Diante de toda complexidade e obstáculos enfrentados na realização do estágio III, **enfatizamos a execução das Instalações Geográficas, como novo recurso metodológico que nos propiciou inovação durante a realização das aulas, despertando nos alunos o ato da criação no ambiente escolar.** Ao fazer uma abordagem sobre o processo de criação, concordamos com Vygotsky (2009, p. 14) que “é exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente”, neste sentido, nos*

¹⁸ Mantida a grafia original.

atentamos para a importância de provocar os alunos para a construção o saber, a partir da inovação e criatividade nas aulas de Geografia.

Diante da experiência do estágio, considerando ser este o último enquanto acadêmicos deste curso, buscamos analisar os desafios e as novas possibilidades quanto ao ensino de Geografia, tendo em vista a experiência obtida nos anos que passamos na universidade. Sabemos que a prática em sala de aula com o passar do tempo nos permitirá ter mais segurança, obtenção de conhecimento e aprendizado, porém, no estágio algumas situações se mostram como desafiadoras, nos permitindo enxerga-lo(sic) como um pontapé inicial diante do que nos espera enquanto futuros educadores. Nesse sentido buscaremos sintetizar neste trabalho toda nossa experiência e aprendizado, conquistas e obstáculos para sua realização, não desprezando nossos anseios como concludentes do curso de Licenciatura Plena em Geografia.

Sabemos que ainda nos falta muito, logo o período de estágio se coloca como fase inicial para a maioria dos acadêmicos, contudo evidenciamos que a partir deste estágio, talvez por ter nos despertado ainda mais vontade de lecionar e por já existir um pouco mais de contato com escolas, devido à participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) nossas expectativas quanto à educação prosperam a cada nova experiência.

PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS NO COLÉGIO ESTADUAL WILSON GONÇALVES:

As Instalações Geográficas como já mencionado na introdução deste relatório é uma metodologia utilizada no intuito de promover a interdisciplinaridade, criatividade e produção do conhecimento de maneira dinâmica e interativa com os alunos. Já realizada enquanto acadêmicos da URCA no 6º semestre a inovação nos proporcionou inicialmente certa rejeição, o que não se diferenciou na escola a qual o estágio foi realizado. Todavia orientados pelo professor da disciplina seguimos todos os procedimentos para sua execução. Sendo assim, a primeira delas refere-se à seleção do conteúdo, tendo em vista que a materialização do conhecimento virá a partir da escolha deste.

- *Compreender o processo histórico da Globalização;*
- *Observar as conseqüências da Globalização no mundo;*
- *Identificar a relação da Globalização com a sustentabilidade;*
- *Conscientizar sobre a importância do consumismo;*
- *Analisar os problemas ambientais em ambiente urbano;*

Inicialmente utilizamos na execução deste minicurso uma pesquisa bibliográfica a cerca do conteúdo que será abordado no intuito de aprimorar as aulas para uma melhor aprendizagem dos alunos. Os temas serão abordados em forma de aula expositiva, com a utilização de data show e produção de slides enfatizando a parte teórica a cerca do conteúdo em questão. Posteriormente será apresentado aos estudantes filmes e documentários (o mundo global visto do lado de cá, entrevista com Milton Santos, entre outros) relacionados com a temática, buscando dinamizar as aulas. Utilizamos também, o livro didático escolhido pela escola: MARTINS, Dadá, BIGOTTO, Francisco, VITIELLO, Márcio. Geografia sociedade cotidiano. 3ª edição; São Paulo; Escala Educacional; 2009.

No decorrer do curso faremos visitas aos laboratórios da Universidade Regional do Cariri-URCA visando à interação dos discentes com a instituição e o incentivo ao estímulo do curso superior, tendo em vista que eles estão cursando o ensino médio. Ao final das atividades será feita uma avaliação por meio de Instalações Geográficas.

Neste caso, escolhemos a temática relacionada ao processo de Globalização. É importante destacar que o conteúdo selecionado foi bem trabalhado durante as aulas, no intuito de compreensão por parte dos alunos, visto que a sua assimilação permitirá maior ênfase durante a preparação das Instalações. Outro fator contribuinte na forma de passar este conteúdo foi à utilização de recursos multimídia, estes como já relatados se colocam como fundamentais para uma boa dinâmica da aula.

Outro ponto que se sobressai quanto à constituição das Instalações é fazer uma abordagem da sua execução logo nas primeiras aulas. Ou seja, ao falar sobre o processo histórico da Globalização já nos atentamos em revelar para os alunos a forma de avaliação a qual seriam submetidos ao término do

conteúdo. Neste sentido percebemos que expressar a metodologia nas aulas iniciais permitiu que os alunos participassem na formulação de ideias quanto ao processo de montagem da Instalação, contribuindo de certa forma com o processo avaliativo. Por se tratar de uma abordagem diferenciada e nova forma de avaliação em sala de aula, a construção das Instalações causa inicialmente um embate. Assim buscamos expor toda sua praticidade, tendo em vista que o material a ser solicitado partiria do cotidiano de cada um deles.

Após a exposição do conteúdo apontamos como parte essencial deste percurso a pesquisa, neste sentido desconsideramos a ideia que apenas a explanação em sala de aula seja suficiente, pois o aluno deve buscar outras fontes além do que foi exposto na escola. É durante a pesquisa que se desenvolve o processo criativo, surgem os questionamentos e a participação nas aulas seguintes começa a ganhar destaque. É nesse momento que ocorre a intervenção do professor, conduzindo-os e os desafiando a elaboração de um texto, no qual possam expressar suas ideias e possíveis dúvidas referente ao assunto.¹⁹

Salientamos a necessidade dos alunos realizarem uma pesquisa a respeito do conteúdo, com isso solicitamos também uma revisão das anotações feitas durante as aulas e fornecemos material bibliográfico para realização desta, este material se refere a uma apostilha(sic) que confeccionamos para os alunos do estágio e alguns sites, no qual eles poderiam obter mais informações. Durante a pesquisa, os alunos destacaram a ênfase do papel das multinacionais implantadas em nosso país e pensando um recorte espacial menor, enfatizando essencialmente aquelas presente na região do Cariri Cearense.

Assim a próxima etapa foi à solicitação de objetos do cotidiano dos alunos, que representassem a inserção destas empresas no Cariri, cogitando a acumulação do material para posterior organização e materialização da Instalação. Nas aulas seguintes partimos para o próximo passo deste processo referente à análise da elaboração dos textos. Nesta etapa denominada “Teia de Ideias”, pelo professor da disciplina, aluno e professor farão um debate sobre as informações obtidas através

¹⁹ Grifo nosso.

Sendo assim escolhemos o pátio da escola para expor a Instalação. O público alvo são todos os alunos e funcionários da instituição. Percebemos que depois de prontas as Instalações Geográficas causam certo impacto devido ser algo novo no ambiente escolar, os alunos de outras turmas curiosamente examinam o material exposto buscando entender do que se trata. Pensando nisto construímos uma nota explicativa com as devidas informações sobre o significado do nosso trabalho, esta por sua vez é colocada do lado das instalações já concluídas.

A última fase deste trabalho refere-se à elaboração de um novo texto, a fim de analisar como se deu a exposição, e quais as impressões causadas por ela nos demais alunos da escola e principalmente uma reflexão dos pontos positivos e negativos quanto à ideia exposta. Nesta produção textual pedimos que os estudantes avaliassem se o objetivo da Instalação foi alcançado e quais as suas perspectivas. (analisar textos nos anexos).

Ilustração 16- texto produzido pela aluna da estagiária. (antes da instalação)

INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS
TEMA "GLOBALIZAÇÃO"

A NOSSA INSTALAÇÃO ABORDA O TEMA DAS MULTINACIONAIS, ELA FOI FEITA COM MATERIAL RECICLÁVEL QUE PEGAMOS EM CASA, TROUSSEMOS VÁRIAS MARCAS COMO COLA-COLA, PEPSI E GILETE. AS MULTINACIONAIS SÃO EMPRESAS QUE TEM SEDE EM UM PAÍS E VÁRIAS FILIAIS EM OUTROS PAÍSES. POR EXEMPLO EMPRESAS DOS ESTADOS UNIDOS QUE POSSUÍ FILIAL NO BRASIL COMERCIALIZANDO SEUS PRODUTOS.

O TEMA DA GLOBALIZAÇÃO É MUITO INTERESSANTE, POIS APRENDAMOS A NÃO SE ILUDIR COM PROPAGANDAS QUE VEMOS TODOS OS DIAS E NEM PERCEBEMOS. A IDEIA DAS INSTALAÇÕES FORAM MUITO BOAS, PORQUE ATRAVÉS DE COISAS QUE NÃO SERVIAM MAIS, OU SEJA, QUE IAM PARA O LIXO, PODEMOS FAZER UM TRABALHO PARA EXPOR NA ESCOLA. NÓS NUNCA TINHAMOS TRABALHADO COM INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS.

O PRINCIPAL MOTIVO DESSE TRABALHO É DIZER O QUE É AS INSTALAÇÕES E COMO ELAS FORAM IMPORTANTE PARA A NOSSA APRENDIZAGEM NO QUE SE REFERE A GLOBALIZAÇÃO E O PAPEL DAS EMPRESAS MULTINACIONAIS.

ALUNA: LUANA CAROLINE SOUSA DASILVA
11"B"

Ilustração-17. Texto apresentado depois da instalação.

TEXTO DA INSTALAÇÃO APÓS A APRESENTAÇÃO.
TEMA "GLOBALIZAÇÃO"

A APRESENTAÇÃO DA NOSTRA INSTALAÇÃO FOI MUITO BOA, VÁRIOS ALUNOS DO SEGUNDO E DO TERCEIRO ANO VIERAM OLHAR E SABER DO QUE SE TRATAVA, EXPLICAMOS PARA ELES O QUE É A GLOBALIZAÇÃO E QUE AQUELAS MARCAS PREGADAS SIGNIFICAVA AS MULTINACIONAIS QUE EXISTEM EM NOSSO PAÍS. ELES ACHARAM MUITO BONITO O NOSSO TRABALHO E DISSERAM QUE QUERIAM FAZER UM IGUAL. ELES PERGUNTARAM COMO NOIS FIZEMOS PARA CONSEGUIR TANTA COISA, CADA UM DE NOIS DA SALA PROCUROU EM CASA EMBALAGEM PARA LEVAR E TERMINAR O TRABALHO. NOS GOSTAMOS MUITO DE FAZER A INSTALAÇÃO E QUEREMOS FAZER DE NOVO. NOS ACHAMOS QUE FICA MAIS FACIL APRENDER OS ASSUNTOS QUANDO A GENTE FAZ UM TRABALHO QUE GOSTAMOS COMO A INSTALAÇÃO. NOS PERCEBEMOS QUE Nossos COLEGAS TAMBEM GOSTARAM E FICARAM COM VONTADE DE FAZER UMA. AGRADECEMOS AOS PROFESSORES PELO TRABALHO.

ALUNA: LUANA CAROLINE SOUSA DA
1^ªB" SILVA.

O fato de já ter realizado a produção de Instalações Geográficas como alunos do curso de Geografia nos concede certa familiaridade com esta realidade, porém, salientamos para o ato satisfatório de poder levar pra escola pública algo que aprendemos na Universidade, além dos conteúdos que são impostos pelo sistema educacional. Acreditamos que apesar das dificuldades enfrentadas com a indisciplina por parte de alguns alunos, essa seja uma ferramenta essencial na busca pela mudança do atual sistema educacional a qual estamos inseridos.

Escólios

No relatório apresentado pela aluna Francisca Castro, pudemos observar que os procedimentos para a execução da metodologia com as instalações geográficas foram seguidos. Além disso, algumas considerações e análises sobre o relatório do estágio realizado são importantes, como veremos a seguir.

Quando a mesma tratou do processo de criação, utilizou uma citação de Vygotsky, sobre a atividade criadora do homem, em que o mesmo visa o futuro modificando o seu presente. As palavras da estagiária, “(...) nos atentamos para a importância de provocar os alunos para a construção do saber, a partir da inovação e criatividade nas aulas de Geografia” nos traz a indagação de provocar nos alunos a criatividade e a busca pelo saber, busca essa baseada na construção do conhecimento.

Essa atividade criadora que só os humanos têm como a capacidade de projetar, de criar, de imaginar, pelo ato de pensar, nos remete a Marx seu conceito a cerca da categoria de trabalho a que pertence somente o homem.

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tende subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é exigida a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção durante todo o tempo de trabalho, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo próprio conteúdo e pela espécie e modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos ele o aproveita como jogo de suas próprias forças físicas e espirituais (MARX, 1985, Tomo I, pg. 149-150).

Diferente do trabalho da aranha e da abelha, que baseia a sua produção e força a uma especificidade biológica, o tecelão e o arquiteto realizam suas atividades mediadas pela consciência **“ele construiu o favo em sua cabeça, antes**

de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente.” (op. cit., grifo nosso)

A importância dessa passagem em Marx é que ele aborda a transformação da matéria pela vontade do homem, mediada pela consciência, a qual se tem a capacidade de imaginar e projetar para materializar a obra.

Quando a aluna trouxe para discussão a obra de Vygotsky sobre a atividade criadora do homem, ela elegeu, criticamente, a necessidade de apontar para o aluno as possibilidades de criação, do ato de pensar para corresponder um dado conhecimento.

As instalações, diante do seu processo metodológico, conduzem o aluno à idéia de que o conteúdo apreendido se materializa em um objeto, pelos signos e símbolos. A aluna mostra reconhecer que a atividade criadora resulta do ato imaginativo que eleva o homem acima dos animais, podendo dar forma ao ato pensado.

Outra reflexão feita por ela diz respeito à sua concepção da responsabilidade do ato de lecionar: “sabemos que a prática em sala de aula com o passar do tempo nos permitirá ter mais segurança, obtenção de conhecimento e aprendizado”, a inquietação com a sala e a segurança para desenvolver o conhecimento e o aprendizado, ou seja, a tomada de consciência, esta produzida na/pela escola frente à dificuldade de se realizar o estágio também é uma preocupação constante dos alunos.

Os processos de conhecimento ao qual estão submetidos os alunos em formação na universidade, para o exercício da profissão de professor de Geografia, passa pelo corpo teórico e pelas disciplinas práticas e pedagógicas. Contudo, o seu exercício prático (o estágio) nas escolas requer outros conhecimentos que nem só a academia pode oferecer, mas também, a vida prática, e o meio pelo qual esse aluno atua. Ou como aponta Marx, quando relaciona a formação dos sentidos humanos com a história e conhecimento da humanidade. “A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui” (MARX, 2004, pg. 91).

Essa insegurança da aluna quanto ao estágio, à sala de aula (escola) e o ganho de experiência, passam também pelo conhecimento do que a escola pode

oferecer, pois o conhecimento que se obtém na universidade não é único, os alunos sabem disso, existe um conhecimento sendo produzidos na escola, pelos alunos, funcionários, professores, diretores, coordenadores, etc.

Existe uma linguagem, não só do senso comum, mais uma linguagem em que o conhecimento e suas devidas complexidades que nascem na escola se reproduz criativamente entre os seus atores, criando uma consciência que muitas vezes chega ao laço familiar e à sociedade.

Gramsci afirma: “(...) da linguagem de cada um é possível julgar da maior ou menor complexidade a sua concepção do mundo” (GRAMSCI, 1981, p. 13). A linguagem exercida na escola envolve as ações simbólicas e materiais dos seres humanos, ela perpassa os seus muros como uma ação de sociabilidade e vincula ao processo de conhecimento na construção de uma sociedade onde a forma humana relaciona entre si e a natureza.

Portanto, essa inquietação da aluna estagiária que advém de seu processo de conhecimento é pertinente, pois o seu raciocínio a conduz a indagações sobre a sua prática, o que a torna capaz de seguir em frente com a sua formação. Essa formação e o reconhecimento da aluna de aprimorar a prática em sala de aula, tem relação com a própria formação dela, já que a mesma teve participação no PIBID (Programa institucional de bolsas de iniciação a Docência). Sua constatável capacidade de analisar a sua prática tem estreita relação com seu conhecimento adquirido no PIBID, pois como mesmo ela afirma, o programa fez com que ela tivesse um contato mais estreito com a escola e a pesquisa.

A importância desse programa é que conduz o aluno, mesmo antes do estágio, a se relacionar com a vida escolar e a pesquisa, aprofundando o seu conhecimento sobre as práticas pedagógicas e os conteúdos de Geografia, inserindo-se numa dinâmica escolar.

Outro elemento importante de se ressaltar é a **rejeição** de se realizar a metodologia com as instalações geográficas. A aluna estagiária ressalta que quando esse trabalho foi realizado “(...) enquanto acadêmicos da URCA no 6º semestre a inovação nos proporcionou inicialmente certa rejeição, o que não se diferenciou na escola a qual o estágio foi realizado”.

A repulsa, o medo, a rejeição a realizar algo novo é conhecida da humanidade, não distante do que ocorre com os alunos quando apresentamos a metodologia com as instalações geográficas.

Portanto, quando vamos apresentar a metodologia em questão, os trabalhos já realizados por nós são de grande auxílio para a compreensão dos alunos.

As imagens junto à apresentação trazem significado para o estudante, que lhe remetem a possibilidade de criação colaborando com os alunos no entendimento do processo metodológico, dando suporte e condições de construir o conhecimento baseado na sua realidade.

Quando isso ocorre, ou seja, quando o professor aborda aos alunos com uma metodologia diferenciada, que exige o fazer relações, a repulsa é imediata, pois há uma dificuldade em levar o discente a articular o tema proposto a pensar as suas contradições.

Pode-se afirmar que o aluno está inserido numa metodologia do “pouco fazer e do pouco pensar”. E até se fazer entender e compreender que o caminho não é linear, pois o processo de criação se converte no ato de perguntar, propiciar caminhos, sugerir, indicar, em suma facilitar a aprendizagem, a escola deveria ser o local da criação do exercício do pensar criativo, e o que vemos em muitas das vezes no nosso cotidiano é que estas proposições não são alcançadas.

Podemos perceber que tanto na universidade como na escola, o medo do novo, causa certa estranheza, seguido de rejeição, porque existe uma zona de conforto de onde muitos não querem sair. Cabe ao professor ajudar a realizar essa travessia, mostrando os primeiros passos para se alcançar a obra como um todo.

Outra abordagem da aluna diz respeito à exposição da obra: onde expor? Por que expor? E para quem? A importância desse relato está contida na possibilidade de expor a obra na escola ou fora dela se julgar necessária, a escolha de ambas deve ser decidido previamente pelo professor junto a seus alunos

A exposição deve contemplar um espaço amplo onde haja fluxo de pessoas. Geralmente os trabalhos são expostos no pátio da escola, ou na quadra, depende do espaço físico da escola. No caso da aluna estagiária o trabalho foi exposto no pátio, onde na hora do intervalo (recreio) os alunos de outras turmas podiam ver,

criticar, questionar, indagar sobre o seu significado. Por isso a escolha do local aonde será exposto o trabalho deve ser pensado pela turma e professor.

Há também uma questão que deve ser levada em conta: como deve ser feita a instalação? Quanto a sua forma de expor, se pendurado? Ou em pé? Se a instalação irá ter apoio ou não? O material escolhido para a instalação geográfica nos denuncia as possibilidades. Se o local escolhido lhe proporciona essas condições, o professor deve sempre verificar quais os materiais necessários a serem usados pelos alunos no ato de instalar o trabalho.

Sobre a forma da instalação a aluna estagiária aponta para a possibilidade de haver algumas notas explicativas sobre o trabalho.

As notas explicativas, criadas por ela, foram essenciais para facilitar o entendimento do público alvo (sujeitos da escola). No entanto, alguns trabalhos podem não trazer nota explicativa, devido ao conteúdo apresentado ou a forma de instalação. Pode-se realizar uma instalação sem notas explicativas e observar a receptividade do público, ou até mesmo questionar o público sobre o que entende da obra apresentada e a realidade que ela trás, ou seja, o seu sentido.

Se há uma instalação e ao mesmo tempo essa seja performática não é necessário trazer notas explicativas, pois o aluno que estiver expondo pode fornecer as explicações necessárias aos transeuntes, aos observadores. Portanto, há diversas formas de expor a instalação geográfica, que nos traz outras possibilidades de compreensão. O professor em conjunto com os alunos pode direcionar para a obra com as referidas notas ou não, ou com o aluno explicando-a, esse tipo de apresentação gera outra receptividade no público.

Quando tratamos da receptividade, Lukács (1981) coloca que existe uma realidade social que tem seu aporte no processo histórico mediatizada pelo conhecimento humano e na sua capacidade receptiva de entender o mundo e mesmo que este desenvolvimento esteja muito distante de sua conclusão, assinala que nem todos os sujeitos estão receptivos à arte ao modo que referimos, mas isso não tira o reflexo estético da realidade.

Para Marx;

Em relação à arte sabe-se que certas épocas do florescimento artístico não estão de modo algum em conformidade com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, por conseguinte, com o da base material que é, de certo modo, a ossatura de sua

organização. Por exemplo, os gregos comparados com os modernos ou ainda Shakespeare. Em relação a certas formas de arte, a epopeia, por exemplo, até mesmo se admite que não poderiam ter sido produzidas na forma clássica em que fizeram época, quando a produção artística se manifesta como tal: que, portando, no domínio da própria arte, certas de suas figuras importantes só são possíveis num estágio inferior do desenvolvimento artístico (MARX, 1974, pg. 130).

Marx se refere à autonomia da criação como condição de sua própria existência. O artista seja ele qual for o tempo histórico, não cria por imposição externa, mas atende a uma relação dialética que ocorre entre necessidade interior de expressão humana aliada ao processo histórico de um determinado povo com sua condição ontológica ligada a esse povo.

A obra de arte para Marx representa um produto (objeto) para um determinado sujeito, esse produto tem estreita relação com seu criador e é consumido de um modo mediatizado pela sua criação. Esse produto cria um público afetuoso diante da criação artística.

Acrescenta Lukács (1981) “Para valorizar com justeza a eficácia da arte, o seu ‘depois’ não é menos importante do que o seu ‘antes’”.

Em suas palavras, Lukács afirma que a construção de uma obra não se faz apenas pela materialização da obra em si, mas para si, quando esta se atém a construção antes da obra, ou seja, o seu processo de construção está também imbricado nos elementos que a antecedem, no projeto, na ideia, na pesquisa, nas suas contradições e nos materiais a serem adquiridos.

Em relação à instalação geográfica, os passos ou ações que antecedem sua construção (levantamento da questão, a pesquisa, a Teia de ideias) têm uma contribuição fundamental na construção do conhecimento geográfico, nas relações da sociedade com a natureza, observando as contradições geradas do/no espaço, e para a sua efetivação em um dado espaço escolar ou não.

Por isso, a arte e os conteúdos geográficos apreendidos diante do processo de conhecimento não são neutros, pois eles geram conflitos diante da construção da obra e a sua exposição não pode ser negligenciada diante do conhecimento adquirido na compreensão da produção artística de qualquer tempo histórico.

Em uma parte do texto apresentado pela aluna da estagiária Luana Silva, do 1º ano do Ensino Médio, é possível verificar o que ela compreendeu sobre o processo de globalização, porém não é possível aferir através do conteúdo do seu texto um entendimento real sobre o tema abordado. Ela escreve sobre a importância das multinacionais e das propagandas e que não devemos nos iludir com elas, evidencia a importância de se trabalhar com materiais que iriam para o lixo, mas a relação com a globalização não foi aprofundada.

A primeira parte de seu texto, que é uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, não alcança a profundidade necessária sobre o mesmo. Ainda que essa seja a produção textual de uma aluna que já concluiu o Ensino Fundamental e ser sua escrita melhor em comparação ao texto da outra do 3º ano do Ensino Médio, apresentado no primeiro relatório de estágio, observamos uma melhora das conexões de leitura em relação ao conteúdo.

O segundo texto, o da aluna Luana, trata a importância que foi ter trabalhado com as instalações geográficas para o seu aprendizado e relata que explicou para outros alunos o significado da globalização e das multinacionais e que gostaram muito de ter realizado esse trabalho. Além disso, ela fez menção aos outros alunos que também disseram querer realizar um trabalho como aquele. Por fim ela agradece a professora estagiária por ter lhe proporcionado esse tipo de trabalho com as instalações geográficas, o que aponta ser o ápice de seu reconhecimento sobre o aprendizado significativo.

Há que apontarmos alguns limites e potencialidades a respeito das instalações geográficas e em relação às pesquisas e aos textos produzidos pelos alunos.

Os estagiários nos relatórios relatam sobre a dificuldade de apresentar as pesquisas dos alunos, textos que abordem o momento antes da instalação e o depois da instalação para um novo diálogo e avaliação. Quando são apresentados, os mesmos são superficiais com relação ao conteúdo o que, para um universitário, se configura um sério problema. Essa questão já constatada e abordada pelo professor pesquisador.

Portanto esse ponto deve ser esclarecido, pois é um elemento importante da metodologia com as instalações geográficas. Quando os estagiários foram

questionados pelo professor pesquisador sobre os textos produzidos pelos alunos, foram dadas as seguintes considerações:

A aluna Francisca Fernanda de Castro é categórica em afirmar que o texto pedido por ela aos alunos sobre a pesquisa com o tema globalização foi realizado por 80% dos alunos, e corrigidos e devolvidos a eles. O texto realizado depois da instalação feita, afirma a aluna, também “teve quase o mesmo retorno”, contudo quando ela pediu os textos de volta, para registro e arquivo, poucos devolveram. Um agravante por nós constatado na fala da aluna é que o estágio já tinha acabado ou estava no final e ela não se encontrou mais com os discentes.

Quando ela afirma que o texto de volta teve “quase o mesmo retorno” equivale para nós que a obra em muitos momentos suplanta o texto. Quando os alunos se voltam para a obra concreta, deixam o texto em segundo plano.

É notório nos relatórios dos alunos que há alguns entraves e limites no processo de ensino e aprendizagem quanto à dificuldade na apresentação dos textos de pesquisa e mais ainda, no texto de retorno. Alguns apontamentos já foram colocados anteriormente, sobre a dificuldade da escrita e o processo de alfabetização ao quais foram submetidos os alunos, bem como o tempo de produção relacionado ao tempo do estágio nas escolas. O cronograma inadequado para a realização e construção dos textos também se somou aos aspectos insatisfatórios gerais do trabalho.

No entanto, frisamos que para a análise desse processo de construção da instalação geográfica estão atrelados alguns pontos, que são:

1- O professor deve compreender o conteúdo a ser ministrado, esse conteúdo deve ser abordado com procedimentos didáticos que auxiliem o aluno na compreensão do tema em questão. Devem ser levadas em conta as diversas estratégias e didáticas para aproximação do tema aos alunos.

O que pudemos verificar na Universidade, durante as oficinas e na observação da regência na escola, é que os conteúdos foram trabalhados numa linha dialógica, relatando as contradições existentes entre o homem, sociedade e natureza num determinado espaço;

2- O segundo momento é sobre a ideia posto (já lançada), quando o professor aponta aos alunos o material a ser explorado para determinado conteúdo em estudo,

trabalhado em sala. É quando surge a ideia para a instalação. Esse ponto exige dos alunos que identifiquem, associem e encontrem o material da instalação, assim como os símbolos e signos que tratam do tema pesquisado por eles. Mas, se não conseguirem é o professor que deverá ter em mente o material a ser pesquisado e arranjado.

É necessário para essa criação, para esse projeto que exige uma forma e um conteúdo, que o professor tenha em mente alguns esboços do que poderá vir a ser a instalação.

A compreensão da criação por parte de alunos e de professores²⁰ que é a arte. A criação não depende apenas de uma área do saber, não basta dominar o conteúdo de Geografia somente, é preciso aliar outras áreas dos saberes. É necessário o professor ter outras leituras e outras experiências aliadas ao lúdico, pois isso facilita o desenvolvimento e a criação de signos e símbolos, assim como da pesquisa sobre os materiais a serem utilizados na instalação.

Na Universidade não tivemos problemas quanto ao processo de criação, ele se desenvolveu seguindo os passos metodológicos, pelo fato de o professor pesquisador já ter realizado diversas experiências com as instalações principalmente no ensino básico.

Já os alunos estagiários tiveram maior dificuldade de construir e pensar o objeto da instalação na escola por terem realizado na Universidade, apenas duas experiências com as instalações geográficas.

Quando isso ocorreu, da dificuldade e todas as dúvidas que os alunos estagiários tiveram durante o seu estágio para desenvolver a instalação na escola, foi orientado pelo professor pesquisador que eles trouxessem essas dúvidas para a sala de aula na Universidade para serem discutidas e sanadas.

²⁰ Alguns alunos já se formaram, e relatam essa dificuldade quando exploram temas ainda não visto por eles. No decorrer dessa escrita, fui interpelado por uma aluna que iria fazer uma instalação no município de Barro/CE distante a 120 km, do Crato, onde ela menciona o tema “desenvolvimento e subdesenvolvimento, países do norte e do sul” em que estava com dificuldade de chegar ao material, pois a mesma me disse que os alunos estavam entusiasmados, pois ela já tinha apresentado aos alunos que a avaliação seria realizada na forma de instalações e os alunos adoraram a ideia. Perguntei a ela porque eles gostaram da ideia? Segundo a aluna, eles estavam cansados de ver professor “entrar falar e sair” sem nada de novo para apresentar. Os alunos são do 3ºano do Ensino Médio. E a sugestão dada por mim a ela, foi que eles poderiam montar e fazer as instalações nas roupas do corpo e fazer uma performance na praça. Ela gostou da ideia e diz que iria realizar. (Esse relato ocorreu no dia 29/10/2013).

Na Universidade as dificuldades e dúvidas sobre os materiais e os objetos que poderiam auxiliar na instalação eram pensadas em sala em conjunto com outros alunos, discutidas e resolvidas. Em outros momentos o professor pesquisador foi até a escola, e junto com o estagiário desenvolveram a ideia que seria mais bem aproveitada diante do tema em questão, verificando também o local da exposição.

Diante desses fatos, pergunta-se: Por que os alunos têm essa dificuldade? De aliarmos o conhecimento, o conteúdo estudado a um objeto, a um material, a uma representação a ser usada na instalação?

Analisamos que só o fato de conhecer o conteúdo e seu desenvolvimento não lhe garante a ideia de chegar ao objeto da instalação. O que lhe dá referência de mundo são as experiências anteriores praticadas por eles na Universidade e outras leituras que estejam presentes em seu cotidiano, como exemplo, as obras de artes.

Verificamos também, que os alunos que assistem ou participaram de uma peça de teatro, que vão às festas culturais, ou seja, os alunos que têm uma participação ativa em festivais e tiveram experiências com o lúdico, são aqueles que melhor se adaptam a essa metodologia. Pois as ideias surgem com maior facilidade, a partir da ativação mental de suas vivências.

Para tentar amenizar essa dificuldade em relação ao objeto da instalação na Universidade, com o tempo e experiência adquirida, o professor pesquisador passou a mostrar diversas fotos contendo outros trabalhos com as instalações já praticadas no Ensino Básico e na Universidade;

3- Em sala o professor deve explicar a necessidade de uma pesquisa (do conteúdo que vem sendo estudado) para se efetivar a instalação e a apresentação, abordadas pelos signos e símbolos.

A questão da pesquisa, ou seja, de ser realizada pelos alunos na escola é a maior dificuldade que os estagiários enfrentam pelos motivos já expostos quando comentamos analiticamente os relatórios de estágio.

Na Universidade a pesquisa fluiu com mais facilidade, mas também, passamos encontrar textos que não atendiam aos requisitos exigidos. Nesse caso o aluno precisou reescrevê-lo.

Percebemos que a escrita e o seu desenvolvimento, do ato pensado para a forma escrita é difícil para muitos alunos, isso se deve a muitos fatores, família,

políticas públicas, professores qualificados, infraestrutura de sala de aula, alimentação etc.. E sobre estes aspectos já mencionados, apenas reiteramos aqui como parte dos itens identificados pelos estagiários, na lista dos fatores que atrapalham o processo do ensino aprendizagem como um todo;

4- Quando os alunos trazem as pesquisas, essas devem ser confrontadas exploradas no que chamamos de Teia de ideias, é quando os alunos apresentam as suas pesquisas. Esse ponto não tem sido corretamente abordado pelos alunos estagiários nas escolas e não obtivemos o êxito esperado nesse processo. Isso ocorre, não apenas porque os alunos estagiários não sabem conduzir o diálogo, mas, sobretudo a nosso ver por ter estreita relação com a escrita, a dificuldade em realizá-la, de se pensar e levar adiante uma ideia e conduzi-la para um nível mais abstrato do raciocínio. Essa ineficiência nas habilidades leitora e escritora dos alunos são resultados de um processo mais amplo que passa por políticas públicas e pela cultura.

O momento quando os alunos, dispostos em círculo, leem as suas pesquisas apontando o tema em questão, relatando a sua ideia a respeito do que irá colocar na instalação e o porquê desse material é quando o professor faz os ajustes e os auxilia na compreensão. Quando o tempo não é satisfatório, deve-se marcar outro encontro.

Essa etapa da pesquisa e dos apontamentos é um dos momentos finais dessa metodologia. Porém, após o debate na Teia de ideias e com os trabalhos já encaminhados para apresentação da instalação, o professor não pode esquecer-se de pedir aos alunos que o texto seja reescrito, após a apresentação. Sem a reescrita, não é possível tornar palpável o trabalho como um todo, assim como os conceitos e fundamentos dele e por ele apreendidos.

5- Sobre os materiais da instalação, nem todos aqueles apresentados pelos alunos, principalmente na escola e alguns casos na universidade, atendem a uma estética, a forma e nem o seu conteúdo está alinhado com o tema proposto para uma adequada avaliação. Vejamos este exemplo:

Um aluno estagiário pediu para que os seus alunos do 6.º ano, do Ensino Fundamental II, trouxessem garrafas *pet* para a instalação, cujo tema era “Cartografando a Chapada do Araripe”.

O estagiário apresentou aos alunos o conteúdo relacionado ao tema em questão e fez uma saída a campo. E seus alunos fizeram um croqui e mapearam algumas áreas próximas à escola. Quando a etapa do trabalho chegou à materialização do conteúdo, como realizar a instalação a partir de garrafas pet, alguns alunos trouxeram garrafas de vidro, de cachaça.

Além do perigo desses alunos, ainda crianças, poderem se machucar com as garrafas de vidro, a forma e a estética iria destoar do restante do material, que eram garrafas *pets*.

Quando isso ocorre, só há duas alternativas. Ou o aluno refaz o seu trabalho, ou não participa da exposição.

Portanto, cabe sempre uma ressalva. O professor deverá ter o cuidado ao escolher o material, pois se for de difícil aquisição não é viável negar a participação do aluno. O que não é o caso da garrafa de vidro, que apresentava iminente risco à saúde dos alunos.

Outra hipótese para se compreender melhor sobre a escolha do material seria supor que pedimos para o aluno arrumar uma mala velha, antiga, para uma instalação e exposição performática. Então, aparecem algumas malas novas, nesse caso é possível aceitar pela dificuldade de se arrumar esse objeto em forma antiga.

Portanto, há que se ter um cuidado e bom senso quanto à escolha do material, mas também, com a forma, a estética e o conteúdo exposto.

Esses limites não encobrem as potencialidades da instalação geográfica, quanto ao processo metodológico e o **valor da obra para os alunos**, tanto na escola como na Universidade. Isso se torna visível quando são apresentados os textos de retorno.

Pudemos constatar na escrita, a satisfação, a alegria dos alunos por terem realizado as instalações geográficas. Estas se tornam maior e a sua construção inevitavelmente perpassa pelo conhecimento que foi gerado, gestado e materializado em obra autêntica do aluno.

(...) nas grandes obras de arte, os homens revivem o presente e o passado da humanidade, as perspectivas de seu desenvolvimento futuro, mas os revivem não como fatos exteriores cujo conhecimento pode ser mais ou menos importante e sim como algo essencial para a própria vida, como momento importante também para a própria existência individual (LUKÁCS, 1970, pg. 268).

Para o aluno, o valor evocativo de sua obra não traz apenas os conteúdos geográficos apreendidos na mesma como sua existência do presente pautado na sua construção histórica. Mas, sim, na possibilidade de construir algo novo para ele, como se fizesse parte de sua própria vida, da sua existência individual mediada pela construção do conhecimento.

Por fim, é importante retomar as considerações finais do relatório da estagiária Francisca Fernanda, em que aborda a importância de ter realizado a instalação geográfica na Universidade. A experiência adquirida lhe trouxe segurança para poder levar essa metodologia à escola pública e acredita que esse procedimento seja uma ferramenta importante para a mudança do atual sistema educacional.

Nessa perspectiva, inserimos o terceiro relatório de um aluno da URCA para, em seguida, fazermos as considerações mais amplas sobre a escrita produzida pelos alunos dos estagiários, bem como pelos próprios estagiários.

Parte do Relatório da disciplina de Estágio Supervisionado VIII, apresentado por Gilson Ferreira Pereira, aluno da URCA²¹

Apresentação

O presente relatório mostra o quanto é necessário o estágio supervisionado III em Geografia, quando entramos na Universidade deparamos com um mundo completamente diferente de tudo aquilo(sic) passamos no ensino fundamental e médio, um novo mundo se abre e novas perspectivas são abertas. Ao entrar na universidade não imaginamos o tamanho da responsabilidade de ser professor, o quanto sua contribuição é extremamente importante na vida das pessoas, não é por caso que qualquer pessoa se torne professor é preciso ter vocação e não meramente obrigação por tratar-se de um curso de licenciatura.

É no estágio que temos a oportunidade de ver e sentir na pele o que passa um professor no exercício de sua função quando o mesmo faz a escolha pela vida docente, às experiências que observei durante o estágio foram essenciais para fortalecer minha trajetória.

Ainda no relatório também, analisaremos como anda o ensino de Geografia na referida escola, se a mesma possui uma boa estrutura que possa atender as necessidades dos discentes na realização de práticas educacionais exteriores, e como são tratados os alunos por seus professores, assim concordo com FREIRE (2011) quando ele afirma “ensinar exige querer bem aos educandos”. De uma maneira geral temos que ter amor pelo trabalho de professor e ter respeito pelo educando.

Durante o estágio me deparei com inusitadas situações onde tive que recorrer a autores e livros como Tardfi, Luckesi, Hadiji e Rubem Alves grandiosos autores que tratam assuntos sobre avaliação, formação de professores e formação profissional, para entender um pouco sobre a relação professor e aluno, afinal não existem formas prontas de como administrar uma aula, a aula é um momento único que muitas vezes pode demorar bastante tempo, como no exato momento pode-se desenvolver uma iluminação e ocorrer algo inédito.

²¹ Mantida a grafia original.

O estágio foi realizado na Escola de Ensino Fundamental e Médio Clotilde Saraiva, Rua do Limoeiro, 2338, no Bairro Pirajá em Juazeiro do Norte- Ceará. Na referida escola funciona(sic) os três turnos, pela manhã funciona Fundamental II e ensino Médio, à tarde Fundamental II e Médio à noite o EJA (educação de jovens e adultos).

Início: Primeiro Round

O meu estágio teve início no dia 4 de Março de 2013, em plena segunda feira, assim que cheguei à sala de aula os alunos estavam fazendo provas, observei a atitude deles e logo veio na mente, à maioria deles estavam pescando²², e, pensei em alguma coisa que pudesse mudar aquilo, mas só pensei afinal era o primeiro dia não tinha ainda noção de como seria a experiência frente a frente com eles.

Dia seguinte comecei realmente o meu estágio no ensino médio, fiquei a cargo do primeiro, segundo e terceiro ano, o estagio(sic) foi de segunda a sexta feira menos na quinta feira que não tem aula de Geografia na escola.

No mesmo dia recebi os diários e livros que iria lecionar, comecei primeiramente com o primeiro ano, além do livro do primeiro ano, recebi ou melhor, fui orientado a seguir uma apostila que a escola disponibiliza do governo do Estado com alguns conteúdos, ou seja, todos os conteúdos das outras disciplinas em uma única apostila, sem querer ser radical um conteúdo de Geografia altamente ruim. Logo que comecei a ministrar as aulas percebi um pouco de descontentamento dos alunos em relação ao professor, muitos comentários negativos como “ por que você não fica no dele” eu levei aquilo na esportiva sem desmerecer a opinião deles.

De início as turmas do primeiro anos eram bem cheias entorno de 45 alunos, não só nos primeiros, mas no segundo ano também, só no terceiro ano é que a quantidade de alunos era de 25 alunos na sala, sala essa que não tive nenhum problema em administrar aula, eram alunos que de certa forma já tinham noção de seguir alguma coisa na vida como o ingresso na universidade.

Trabalhei com o Livro **território e sociedade no mundo globalizado** (sic) Geografia ensino médio autores Elian Alabi Lucci, Anselmo lazaro branco e Cláudio

²² Pescando, também se refere a “colar”, fazer consultas ao conteúdo de uma avaliação sem permissão.

Mendonça, primeira edição 2010, editora Saraiva, um livro bem ilustrativo com informações atualizadas e assuntos que condizem com os parâmetros curriculares de Geografia no ensino médio, é claro que o livro não pode apenas ser levado como único conhecimento do professor, acredito que o conhecimento do professor vai muito além daquilo que esta (sic) escrito no livro didático.

No decorrer das aulas abandonei um pouco o livro e resolvi usar mais o quadro e o pincel, que no meu ponto de vista são armas a favor da compreensão e eficaz no entendimento de muitas dúvidas, de uma forma mais radical brinquei um pouco, no intuito de fluir as aulas de forma mais dinâmica lançando desafios para os alunos, até muitos deles me perguntavam sempre, professor próxima aula é para trazer o livro, e sempre respondia é sim, pelo menos para fins de consulta.

Uma coisa muito interessante e que fiquei espantado foi que, muitos alunos não gostam de ler, uns por quer não sabem outros por quer não gostam e outros extremamente difíceis de interagir, percebi que muitos têm problemas em casa e levam consigo para a escola, uma problemática que o professor tem que sobressair, mas que de certa forma atrapalha e atrasa muitas aulas.

Segundo Round: A URCA, campo de concentração onde tudo começou...

Não poderia deixa(sic) de citar aqui as experiências da sala de aula que foram cruciais, ou seja, no VIII semestre de Geografia, começamos o semestre sabendo que o professor seria Emerson Ribeiro, professor que trabalha com as instalações Geográficas, ou seja, criatividade em Geografia, sabendo disso, fiquei bastante animado, pois no VI semestre fizemos uma instalação que ficou exposta lá na Refesa²³ Crato.

Todas as experiências que tivemos na sala de aula junto com a orientação do professor foram muito importantes para a conclusão do estágio, não poderíamos deixar de falar também, dos questionamentos que o professor sempre falava “não usem apenas o livro didático procurem outros mecanismos, o professor sempre tem que ter uma carta na manga quando algo sair errado, ” essas orientações foram extremamente importantes e será memorável sempre. Essa afirmação do professor

²³ Antiga estação de trem que virou um centro cultural da cidade do Crato. Nota do professor pesquisador.

me fez procurar uma forma de trabalhar os conteúdos de forma mais dinâmica, não que, todas as aulas foram dinâmicas, mas não poderia de deixa(sic) de falar das dificuldades que passei para administras(sic) as aulas, muitos alunos que não queria(sic) estudar e atrapalhavam muito as aulas, mas deu para levar sem nenhum conflito.

No andamento do semestre, logo no primeiro dia de aula na Universidade, o professor chegou à sala de aula e levou alguns objetos e espalhou no chão, olhamos assustados sem saber o que se tratava, logo, o professor mandou a turma se reunir em grupo e escolher um daqueles objetos ali, eram: o ralo, pano, espelho, tapete e funil, minha equipe ficou com o ralo, mas ate(sic) o momento não sabíamos o que iria acontecer, apenas alguma dúvidas, o que vamos fazer com o ralo? Como podemos ver na imagem abaixo

Ilustração-18.

Imagem 1 (a tampa do ralo, onde tudo começou)



Fonte: Pereira, 2013.

Logo o professor explicou que a equipe na próxima aula tinha que trazer um livro do ensino médio. Na aula seguinte foi levado o livro e o professor pediu que procurássemos um assunto de Geografia e relacionasse com o objeto que seria a

instalação geográfica do VIII semestre noite, então pensamos e decidimos trabalhar com a revolução industrial por se tratar de três fases, tinha muita coincidência com as linhas do ralo, dessa forma ficou esse assunto, embora, tentamos encaixar outros assuntos, mas sem contradição resolvemos ficar com o tema da revolução industrial.

Mas a instalação não seria apenas só a montagem, tivemos que trabalhar o conteúdo e pesquisar sobre o tema e ministrar aula individual em sala de aula, cada componente da equipe ministrou sua aula de forma individual, mostrando o domínio do conteúdo. Na medida em que os componentes das equipes ministravam suas aulas no final o professor perguntava aos demais sobre a aula, nascendo ali as discussões sobre o que era certo ou que era errado, sempre mostrando caminhos para que quando estivéssemos em sala de aula a aula não fracassasse, as discussões que ali nasceram serão sempre úteis.

Vamos ao trabalho?

Não poderia deixar de citar aqui que o professor sempre perguntava como estava sendo o planejamento das instalações se estava tudo acertado, ele deu sugestões para todas as equipes tudo foi detalhado para que ocorresse tudo em ordem. Lembrando que anterior às instalações teve a pesquisa sobre o tema escolhido e a construção de um texto sobre os materiais que iríamos usar na montagem.

Dia 18 de Junho de 2013 montagem da instalação na URCA, tudo começou em sala de aula os primeiros preparativos, depois hora de expor no corredor da Geografia, fomos até o local e penduramos a instalação para que o público pudesse ver, como podemos ver na imagens a seguir.

Ilustração-19. Imagem 2 (A engrenagem simbolizando as fases da revolução industrial).



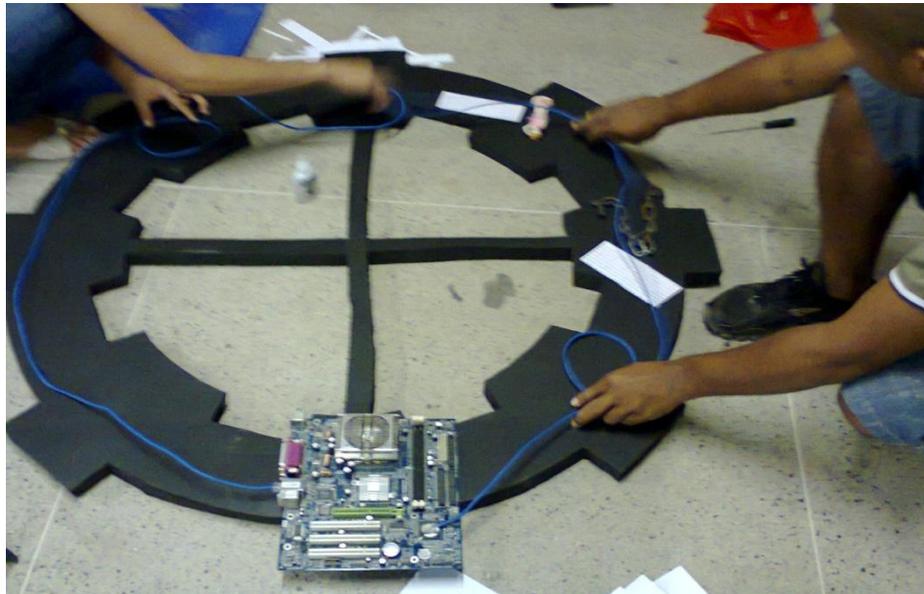
Fonte: Pereira, 2013. Aluno de graduação.

Ilustração.-20. Imagem 3 (Começando a expor as instalações)



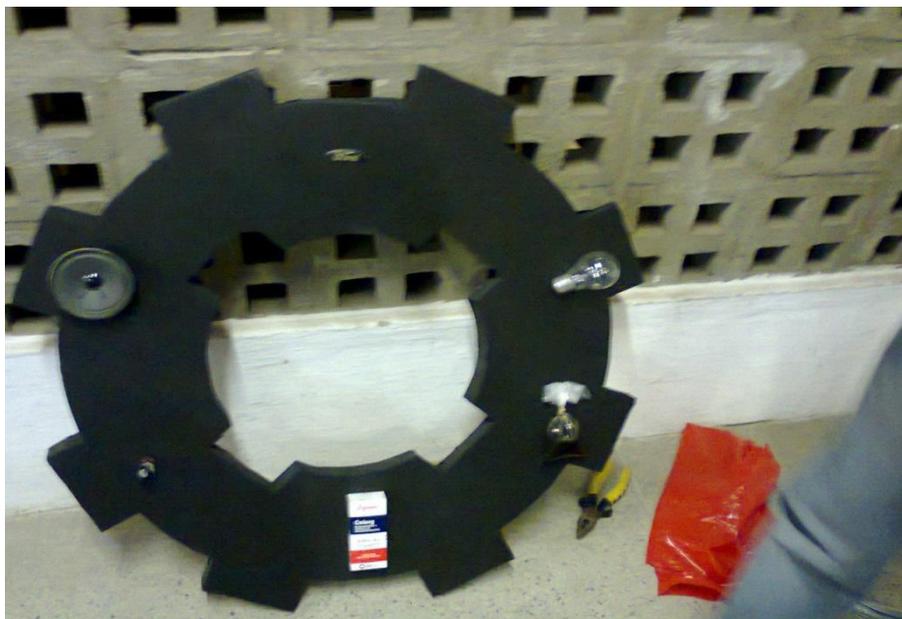
Fonte: Pereira, 2013. Aluno de graduação.

Ilustração21- Imagem 4 (Uma das engrenagens, a segunda fase da revolução industrial)



Fonte: Pereira, 2013. Aluno de graduação.

Ilustração 22- Imagem 5 (A engrenagem ficando quase pronta, com os símbolos).



Fonte: Pereira, 2013. Aluno de graduação.

Diante das instalações geográficas que montamos na Universidade e de toda a experiência adquirida, tínhamos o compromisso durante o estágio na escola fazer uma instalação geográfica também, e foi isso, fugir um pouco da rotina de livro, quadro e provas, criar algo novo, uma nova forma de avaliação levando em consideração a participação dos alunos sempre. Mas isso não seria coisa fácil, fazer uma instalação na sala de aula, ainda mais por um estagiário, muitas vezes pode ser complicado, como veremos mais adiante.

Terceiro Round: Primeiro trabalhar o conteúdo

Tarefa nada fácil conduzir os alunos a pensar, como tinha citado antes trabalhei com as turmas do primeiro, segundo e terceiro ano, na medida em que eu administrava as aulas comecei a observar qual a turma eu iria trabalhar uma atividade nunca trabalhada naquela escola, me refiro; A criatividade em Geografia, Prática Pedagógica e Avaliação: Lanternas Geográficas. Para o professor Ribeiro (2011).

A avaliação por instalações geográficas se dá na forma e conteúdo, ou seja, pelos conceitos apreendidos e estimulados pelo professor e o meio sócio espacial. Essa avaliação parte da proposta do professor em materializar o conteúdo ensinado aos alunos e para que a aprendizagem se realize pela avaliação construtiva.

E foi de acordo com a citação acima que emergiu uma nova forma de avaliar, notei durante o estágio a repugnância da maioria dos alunos sobre provas, infelizmente nas provas não se tinha nenhum proveito, dessa forma tinha-se a necessidade de pensar numa saída para fugir daquela rotina de provas que a meu ver não tinha nenhum proveito.

Comecei a conversar com os alunos do terceiro ano sobre as instalações, a toda aula eu levava uma lata de cola como podemos observa(sic) na imagem abaixo.

Ilustração 23- Imagem 6 (O objeto da instalação na escola)



"em todas as aulas os alunos perguntavam o que iam fazer com aquela lata, e eu sempre chamava atenção deles aqui é o nosso objeto da instalação geográfica"

A dúvida eles tinham que levar para casa, em primeira vista a lata tinha que chamar a atenção deles.

Começando o contexto histórico de como surgiu a (sic) urbanização, as primeiras cidades, a revolução industrial, trabalhei com um texto da professora Raquel Rolnik²⁴ como surgiu (sic) às (sic) cidades, o poder de uma cidade. Assim expliquei aos alunos a importância de conhecer as cidades mais populosas do mundo e do Brasil e as suas influências no mundo.

Trabalhei com os alunos as regiões metropolitanas do Brasil, expliquei o conceito de região metropolitana, aglomerado urbano, lugares, cidade, trabalharam com um texto de Milton Santos a natureza do espaço e o livro didático e outros textos, dando um panorama sobre esses conceitos.

Focalizei um pouco mais sobre a importância de nossa Região Metropolitana do Cariri, conversei com eles, se eles já tinham ouvido falar, alguns diziam "já num é o juazeiro" aí tinha que explicar que uma região metropolitana não é o mesmo que metrópole e que juazeiro faz parte de uma região metropolitana, fui mostrar a eles através de slides quais os municípios faziam parte da região metropolitana do cariri,

²⁴ A professora Raquel Rolnik é arquiteta e urbanista, titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e relatora especial do Conselho de Direitos Humanos da ONU para o Direito à Moradia Adequada.

trabalhei com ele os problemas de uma região metropolitana desde moradia, saúde, especulação imobiliária, educação, trânsito, verticalização, violência, desemprego e outros assuntos.

Ao observar as questões colocadas, ou seja, os problemas que são vistos e presenciados pelos próprios alunos no dia a dia, pensei, seria o assunto das instalações, os problemas urbanos enfrentados por uma região metropolitana, por que são assuntos que eles convivem diariamente no ir e vir para a escola. Além do mais, esse assunto foi bem discutido em sala, e como professor a participação do aluno é fundamental, perguntei a eles se o assunto era legal e todos aceitaram, mas ouve (sic) alguns que não participaram e até mesmo não ligaram.

Quero deixar claro que o livro didático não dispõe de informações sobre a região metropolitana do cariri (sic), dessa forma fui à busca de outras fontes para fazer a orientação dos alunos, afinal às (sic) informações do livro consta (sic) apenas um panorama geral com informações de região metropolitanas do Brasil, ou seja, constam apenas as mais importantes, assim tive que pesquisar e repassar as informações da região metropolitana do Cariri.

Quarto round: A pesquisa...

Como tinha colocado anteriormente toda aula eu levava um lata que era o objeto da instalação, primeiramente os mandei fazerem uma pesquisa sobre os problemas vivenciados na nossa cidade, como saúde, segurança etc. Alguns fizeram outros não, os que fizeram deram até opiniões sobre que material poderíamos usar. Falei vocês iram (sic) para casa e observem a paisagem em sua volta e vejam o que acham delas (sic).

Alguns dias depois uma quantidade mínima me mostrou as observações que eles tinha(sic) feito, assim resolvemos usar imagens capitadas (sic) do dia a dia, fotografar os problemas e materializar e colar nas latas e expô-las no pátio da escola. Diante das pesquisas feitas por eles pedi que eles produzissem um texto sobre que material iríamos usar, como eu já tinha explicado para eles as imagens seriam uma boa opção, os problemas do cotidiano materializados em fotos.

Eles puderam observar que, falar de um problema é fácil, mas mostrá-los para outras pessoas seriam mais gratificante.

E assim começamos a analisar as fotos, eles foram a campo pesquisaram tiraram as fotos e nas aulas eles traziam as fotos para conferirmos, para ver se estava tudo ok, algumas não tinham nada haver, dessa forma eram descartadas, nessa altura já estava na hora de marcar o dia das montagens e exposição das instalações. Houve um pequeno contra tempo na semana que íamos montar, teve uma pequena paralisação dos professores do Estado, e com isso teve que ser adiada para outra semana.

Chegou o dia

Fui até a escola bem mais cedo do que o horário normal, por volta de meio dia, para ver onde ficaria melhor expô-las, o pátio foi o local mais viável para se colocar, pois se tratava de um trabalho que era para ser visto por todos, é claro que o pátio é onde reúnem (sic) mais pessoas.

Esperei a chega(sic) de uma professora que tinha uma aula antes da minha, pedi a ela que cedesse a aula, pois já era última semana de estágio e necessitava de mais um tempinho para finalizar o trabalho, ela cedeu e fui para a sala de aula esperá-los, como já tinha marcado com eles foi só aguardar. Naquele exato momento vem os alunos com um monte de latas e papel, se (sic) reunimos na sala fiz a chamada para comprovar quem estava participando, pois os que participariam não necessitavam fazer provas, os demais que não iam participar só o professor iria resolver, até aquele momento à (sic) avaliação era minha.

Iniciamos contadas (sic) quantas latas tinham ao todo, 14 latas começamos cobrindo as latas como podemos ver nas imagens.

Ilustração 24- Imagem 7 (Começando a cobrir as latas, mãos a obra)



Fonte: Pereira, 2013.

Ilustração 25- Imagem 8 (Todos trabalhando concentrados).



Fonte: Pereira, 2013.

E os alunos em ação todo o trabalho de cobrir as latas foi de responsabilidade dos próprios alunos, eles levaram todo o material necessário para cobrir. Veja nas imagens abaixo.

Ilustração 26- Imagem 9 (Concentrados na obra).



Fonte: Pereira, 2013.

Ilustração 27- Imagem 10 (Já estão quase terminando de cobrir as lanternas).



Fonte: Pereira, 2013.

Os alunos que não participaram de certa forma ajudaram os demais a cobrirem as latas, ou até mesmo queria(sic) participar de alguma forma em pleno dia das instalações, alguns alunos queriam participar, infelizmente já não havia mais possibilidade de integrá-los nos trabalhos, seria injusto quem não pesquisou participar e obter sua nota de participação. Eles estavam bem ansiosos para ver o

resultado de suas obras como podemos ver na imagem a baixo as lanternas já montadas, a instalação quase finalizada.

Ilustração 28- Imagem 11 (A lanterna já pronta).



Fonte: Pereira, 2013.

Ilustração 29- Imagem 12 (Prontas as lanternas geográficas).



Fonte: Pereira, 2013.

Nocaute: O novo choca o que é isso?

Como podemos ver nas imagens abaixo, muitos curiosos passaram vendo a arte feita pelos alunos do terceiro ano tarde, ninguém nunca tinha visto isso antes, as pessoas se deparando com o novo jamais visto naquela escola.

Ilustração 30- Imagem 13 (As pessoas começam a ver a obra).



Fonte: Pereira, 2013.

Ilustração 31- (Pátio da escola Clotilde as lanternas geográficas já expostas com os temas desemprego e especulação imobiliária)



Fonte: Pereira, 2013.

Na imagem 14 podemos perceber um preocupante fenômeno na Cidade de Juazeiro do norte (sic) o desemprego assombra centenas de pessoas, imagem do SINE agencia de emprego do Ceará.

Ilustração 32- Imagem 16 e 17 (Cada lanterna geográfica com seu tema, ou seja, cada lanterna com sua abordagem sobre a problemática do cotidiano).



Fonte: Pereira, 2013.

Na imagem 17 é possível constatar que a saúde de Juazeiro do norte (sic) anda precária, a ambulância quebrada sem condições de transportar nenhum paciente.

Ilustração 33- Imagens 18 e 19 (Os alunos da escola começam a se perguntar quem foi que fez esse trabalho).



Fonte: Pereira, 2013.

Nas imagens 18 e 19 é possível ver os alunos bastante curiosos com as instalações, e muitos se perguntando quem foram os responsáveis por este trabalho, ficou massa...há o professor vai ter que fazer na nossa sala também. Mas, infelizmente não tinha como trabalhar outras turmas devido ao tempo do estágio, eu gostaria de ter tido mais tempo para compartilhar com as outras turmas, mas enfim deu para trabalhar e mostrar que é possível fazer algo diferente criativo.

As instalações ficaram expostas no pátio da escola por quatro dias, as turmas da noite e manhã puderam presenciar os trabalhos e discutir qual o real objetivo das lanternas geográficas, quero deixar claro que, os alunos ficaram bem cientes que as lanternas servem para clarear o espaço, as instalações serviram para clarear os problemas que Juazeiro do Norte (sic) passa no dia a dia.

Montadas as lanternas geográficas percebi que os alunos gostaram dos resultados, pois se trataram de uma atividade que será lembrada por todos os alunos, professores e funcionários.

Considerações finais

O estágio foi finalizado no dia 6 de Maio de 2013, logo após a retirada das instalações, fui até a escola no horário da tarde e quando cheguei já tinham tirado, o professor de educação física me procurou e falou que tirou por que necessitava do espaço para prática de sua atividade, sem problemas as latas estavam guardadas em uma sala, fui até a sala e peguei-as e entreguei aos alunos para que eles pudessem levá-las para casa.

Agradeço a todos pela participação na minha iniciativa, sabemos que a criação de algo novo é difícil, mas é necessário arriscar.

Tenho plena certeza que o trabalho que realizei foi altamente proveitoso, pois percebi isso através dos comentários dos alunos e dos próprios professores. Alguns professores antes mesmo da instalação me falava (sic) que seria difícil fazer algo com aqueles alunos, pois eu estaria procurando trabalho, mas como diz Hadji (2006) "é preciso apostar na inteligência dos alunos"

O estágio foi um grande desafio, uma oportunidade única vivenciada nesse trajeto que busco um dia chegar ao meu objetivo de ser professor de Geografia, tentar pôr em prática (sic) aquilo que aprendi na academia junto com as orientações do professor e todos os livros e autores que li até o momento, na constante busca sobre (sic) o conhecimento.

Quero aqui finalizar dizendo que os professores tem (sic) a obrigação de criar algo inédito para seus alunos, digo isso por experiência própria, um simples estagiário foi até (sic) uma escola e fez algo diferente, mostrei que o conhecimento sobre determinado assunto não está (sic) só apenas em uma prova, mas sim na capacidade de materializar o conteúdo e transformá-lo em algo real. Do que me vale dizer que sei andar de bicicleta, se eu não mostrar isso na prática.

O que fiz no estágio supervisionado III prometo repetir a dose quando estiver sendo professor de Geografia seja no setor privado ou no público, dessa forma finalizo esse relatório como também, estou finalizando o VIII semestre com uma bagagem de conhecimento grande, acredito que o que eu aprendi nesses quatro anos de academia vão servir fortemente para me fortalecer e ser um grande professor.

Espero que todos os estudantes de licenciatura abracem a profissão de professor, é uma arte inédita, qualquer pessoa pode ser professor desde que faça licenciatura, mas não é qualquer um que se identifica como professor é preciso ter amor pela coisa, assim, como se tem amor por seus pais, filhos, irmãos e amigos.

Ilustração 34- Texto produzido pela aluna do estagiário. (Antes da instalação).

Escola: E.E.F.M Dona Elotilde Sampaiva Coelho.
Aluna: Maria Palonísia Pereira Nogueira.
Tema: Transportes Precários.

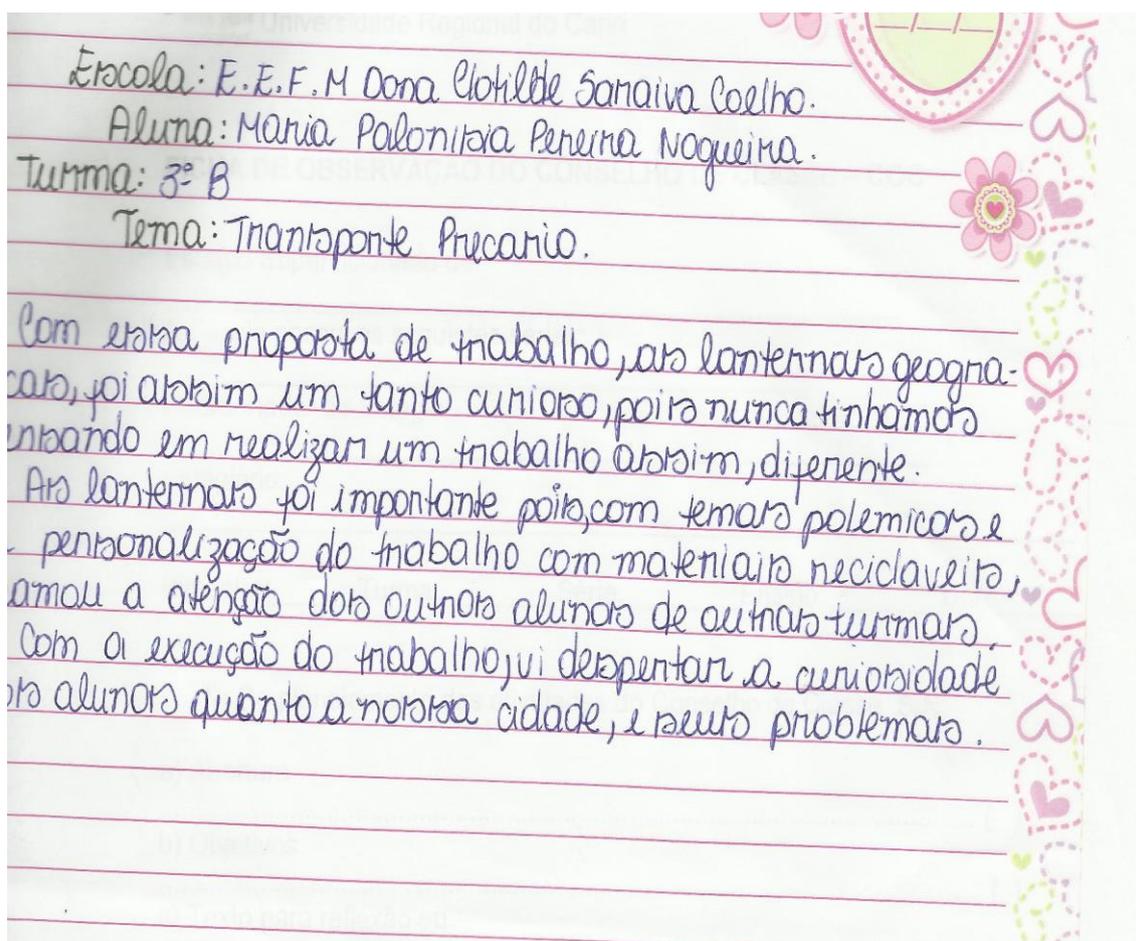
O tema proposto para a minha lanterna, foi um tema bastante polêmico. Pois envolve um conjunto de problemas. Pois para a execução do trabalho, tivemos que ir às ruas para fotografarmos os problemas como prova de que eles existem.

Chegando às ruas deparei-me com ruas totalmente esburacadas, sem a menor condição de tráfego, com carros e mais condições de uso, lixo e entulho espalhados nas ruas, avenidas com carros mais estacionados, impedindo os pedestres de andarem pela avenida. Ônibus com más condições de uso, velhos e estragados.

Fotografamos, e fizemos a montagem da nossa lanterna, personalizamos e levamos para a escola, onde fizemos a exposição do trabalho no pátio para outros alunos das outras turmas.

Ilustração 35-

Texto produzido pela aluna do estagiário. (Depois da instalação).



Escólios

Na análise do relatório apresentado pelo aluno Gilson Pereira, logo na primeira parte ele emprega o termo “vocação” apontada na seguinte frase “não é por acaso que qualquer pessoa se torne professor é preciso ter vocação e não meramente obrigação por tratar-se de um curso de licenciatura”.

Cabe uma ressalva quanto ao termo apresentado em sua escrita. Vocação vem do latim ‘vocare’ que significa chamado, de invocar, infelizmente esta palavra está associada à profissão do professor pela crença popular. Ela traz consigo outros adjetivos como; “esse é um herói”, “é a missão dele”, é aquele que se disponibiliza para o sacrifício, que abre mão de muita coisa para um “bem maior” ou religioso. Esses atributos estão sempre associados à dificuldade, à penúria, às péssimas condições de trabalho, ao lamento, colocando a imagem desse profissional como um conformado com a situação.

A esse respeito Marx (1978, pg. 14) afirma que “um ser só se considera autônomo, quando é senhor de si mesmo, e só é senhor de si, quando deve a si mesmo seu modo de existência (...). A criação é, por isso, uma representação muito difícil de eliminar da consciência do povo”.

Isso também se apresenta no imaginário do aluno estagiário, quando ele escreve sobre esse termo “vocação”. É importante salientar que entendemos que a profissão de professor se dá em um espaço pedagógico (escola/universidade) aonde se professa um conhecimento.

Esse conhecimento o qual o professor se apropria com o tempo “um contínuo” de formação, cujo valor social e sua prática devem estar associados a uma compreensão do seu papel também social no espaço. Espaço esse que denuncia valores, que denuncia uma constante luta de classes e é nesse espaço que o professor necessita ter claro qual é a sua identidade enquanto profissional da educação.

A nosso ver o professor é um profissional que pode analisar as especificidades da docência, o papel dos sindicatos e do Estado nas políticas educacionais e do valor do trabalho docente, assim como contribuir para construção

das políticas educacionais, ou seja, buscar a sua emancipação enquanto sujeito social.

Seguindo algumas colocações do relatório do aluno estagiário nos deparamos com a seguinte frase. “Dia seguinte comecei realmente o meu **estágio** no ensino médio, fiquei a cargo do primeiro, segundo e terceiro ano (...). No mesmo dia recebi os **diários e livros** que iria lecionar, comecei primeiramente com o primeiro ano” (grifos nossos)

Em conversas com os alunos nas aulas na Universidade a respeito do estágio ficamos sabendo como este está sendo realizado por eles. Sabemos que o estágio deve ser realizado com o acompanhamento do professor supervisor da escola, sendo também acompanhado pelo professor do estágio supervisionado.

Em visita às escolas se confirma que muitas vezes o estagiário assume a turma, enquanto o professor supervisor fica na sala dos professores. Muitas escolas visitadas pelo professor pesquisador observou que essa é uma prática comum (e não é exclusividade dessa região). Muitas vezes o professor da sala se ausenta por completo da escola e o aluno que deveria receber orientações para a docência, passa a lecionar sem ter uma orientação prévia relacionada com a prática, proveniente da escola.

Em seu relatório o aluno estagiário divide as partes de seu texto utilizando da palavra *Round*. Frisamos que ele a utiliza fazendo uma referência ao livro trabalhado em sala da professora Doutora Maria Lúcia Soares, “Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico”, em que a mesma se utiliza desse termo na conclusão da sua tese. É desse livro que ele se apropriou do vocábulo.

Outra abordagem um pouco mais complexa no relatório do aluno é quando este menciona que “notei durante o estágio a repugnância da maioria dos alunos sobre provas, infelizmente nas provas não se tinha nenhum proveito, dessa forma tinha-se a necessidade de pensar numa saída para fugir daquela rotina de provas que a meu ver não tinha nenhum proveito.”

Iremos abordar com mais propriedade sobre a avaliação, no capítulo a seguir sob esse tema. No entanto faremos, antecipada e brevemente, algumas ponderações em relação ao trecho acima.

Quando o estagiário afirma a repugnância da maioria dos alunos sobre provas, e que na sua visão as provas não se tinham nenhum proveito sendo necessário pensar em outra saída para avaliar, ele, em verdade acaba projetando, enquanto aluno que ainda é, o incômodo causado pelas provas sem conseguir ver teoricamente o processo de avaliação o que a mesma pode significar se for explicitada sua metodologia de aplicação.

As provas são recursos utilizados como exames, seleções, que visam analisar pontualmente, podendo ser classificatórias ou não. Tem-se na prova um modelo autoritário de medir e classificar. Essa repugnância que muitos alunos têm quanto à prova, é o medo de ser “classificado como”.

O que ocorre é que, muitos professores e alunos confundem provas com avaliação. A avaliação é diagnóstica, ela visa o melhor resultado possível, ela parte para a construção de um resultado, ela constrói o conhecimento, já as provas são para classificar, provar ou reprovar, portanto são práticas totalmente diferentes.

A saída a qual o estagiário se refere são as instalações geográficas, pois ele teve a certeza que o seu conhecimento foi construído quando utilizamos a metodologia das instalações nas aulas na universidade. E a esse tipo de avaliação denominamos avaliação construtiva, devido ao seu processo de construção, baseado na pesquisa objetiva real, trabalhada com signos e símbolos para o entendimento de um dado conteúdo geográfico, materializado em uma obra de arte, chamada de instalações geográficas.

Quanto ao trabalho por ele realizado com seus alunos, como nem todos se dispuseram a participar inicialmente, constatado em seu relatório no trecho “infelizmente já não havia mais possibilidade de integrá-los nos trabalhos, seria injusto quem não pesquisou participar e obter sua nota de participação”.

O aluno estagiário foi categórico ao afirmar sobre a importância da pesquisa e da participação de alunos que não a realizaram, pois um dos processos da metodologia com as instalações é a pesquisa, assim como os materiais arrumados, o texto produzido, a construção da instalação desde o seu início.

Portanto, segundo o aluno, não seria justo deixar os alunos que não participaram ativamente das discussões, no último momento obter uma “nota” e participar. Como professor pesquisador, sei que quando trabalhamos com o novo,

com uma metodologia nova, alguns alunos não conseguem visualizar a obra e muito menos o processo de construção, isso também ocorreu na Universidade, fazendo com que alguns alunos (que não realizaram dentro do tempo programado), quando perto de finalizar os trabalhos passaram noites em claro para na expectativa de recuperar o tempo desperdiçado e apresentar seus trabalhos dentro do tempo programado pelo professor.

No Ensino Básico ocorre com mais frequência esse tipo de atitude, que é sanada quando se parte para a segunda vez, ou seja, quando é realizado novamente pelo professor com a mesma turma. O retorno esperado atinge quase a totalidade da classe.

Ressaltamos que o tipo de instalação realizada pelo aluno estagiário: “Lanternas geográficas” foi realizado pelo professor pesquisador na Universidade com outra turma que não a dele, porém as ideias foram passadas durante as nossas aulas.

Em outra passagem o aluno estagiário relata que “muitos se perguntando quem foram os responsáveis por este trabalho, ficou massa...há o professor vai ter que fazer na nossa sala também. Mas, infelizmente não tinha como trabalhar outras turmas devido ao tempo do estágio”

Esse trecho do relato do estagiário, que menciona o fator: tempo do estágio para a realização da instalação, é um dos limites já tratados acima. Muitos deles nos chegam alegando a falta de tempo para a realização das instalações geográficas, alguns alunos mesmo tendo terminado o estágio, que equivale a 100 horas na escola, continuam indo até a sua efetivação, o que não nos traz em algumas situações bons resultados, infelizmente.

O professor pesquisador orienta os alunos estagiários a escolherem uma turma para a realização da metodologia, devido à complexidade do processo e o não entendimento de imediato pelos professores, coordenadores e diretores de escola. No início dessa etapa do nosso projeto, foi necessário o meu comparecimento a algumas escolas para explicar a nossa proposta e convencer sobre sua realização. Então, já passado um tempo, e com a propagação das experiências, os estagiários não estão mais tendo as dificuldades para apresentar a metodologia com as instalações geográficas nas escolas.

Sobre os textos apresentados pela aluna do estagiário, o primeiro que deveria tratar mais especificamente da pesquisa e aprofundar o tema relacionando no seu final, o que iria abordar nas lanternas geográficas não ocorre. Ela apenas descreve a importância de descobrir a cidade e os seus problemas, relatando as suas descobertas.

O aluno Gilson Pereira, em seu relatório de estágio, também se colocou categoricamente. Quando indagado sobre a pesquisa dos alunos, afirma que foram realizadas, não pela totalidade de seus alunos e sim em torno de 90% e quanto ao texto de retorno depois da obra realizada, conclui-se em torno de 60%. Novamente a dificuldade relatada pelo estagiário é que os alunos depois de realizada a obra não tiveram interesse em apresentar o texto novamente, poucos o fizeram.

Ainda na opinião do aluno Gilson Pereira, como seu estágio também havia acabado, teve dificuldades em obter os relatórios dos alunos. Assim, a conclusão do tempo do estágio dificulta a realização do segundo texto, mesmo tendo recebidos alguns, não teve contato com todos os alunos para poder pegar e incentivar a construção de um novo texto.

Porém, há que se considerar o texto por outra perspectiva. Para a aluna a descoberta da cidade e o seu olhar direcionando-se diretamente para os problemas que a mesma elenca, implica numa consciência ativa, pois a mesma faz os registros daquilo que estava a um bom tempo presente em seu cotidiano. Quando o aluno parte para um campo direcionado, passa a ter uma intencionalidade para com os objetos e sujeitos dispostos no espaço, o que nos remete a uma conscientização do processo, mesmo que ainda de modo superficial.

No texto de retorno, a aluna do estagiário faz apenas um relato do que foi para ela e quanto foi significativo trabalhar com as lanternas geográficas. A cidade foi descoberta por ela e outros alunos da escola, esse trabalho levou aos alunos a ter curiosidade sobre os problemas que a cidade Juazeiro do Norte apresenta para a aluna. Para ela, portanto, foi um trabalho diferente que chamou a atenção para o novo.

Novamente o texto de retorno, que deveria conter um aprofundamento sobre o estudo da cidade e seus problemas, assim como as impressões do público em relação à instalação, não foi feito. A dificuldade em ter uma devolutiva por parte dos

alunos estagiários no texto de retorno seria um dos pontos que professor pesquisador deve explorar com mais propriedade junto com os alunos estagiários, para obter êxito na orientação e supervisão para os próximos trabalhos.

No final, conclui o estagiário que “os professores têm a obrigação de criar algo inédito para seus alunos”. Essa afirmação está pautada nas experiências do estagiário, o qual reconhece que uma nova proposta abala as estruturas já postas, fazendo com que o modelo atual se rompa (nem que seja momentâneo). Isso é resultado de uma constatada estratégia de criar algo que ajude no processo de ensino e aprendizagem de alunos e professores, mesmo que de forma insipiente.

PEDRA ANGULAR- Metodologia e as Instalações Geográficas no Processo Avaliativo

EXÓRDIO

Esse exercício didático pedagógico que vamos apresentar tem como característica principal, fazer com que os alunos da graduação que estão em estágio supervisionado, compreendam melhor o processo avaliativo. Partindo do concreto (conteúdo) num movimento de desconstrução para a reconstrução teórica e concreta, tendo a pesquisa como elemento importante no processo de avaliação das instalações geográficas.

Na forma de um estilhaço:

A grandeza de uma obra de arte está fundamentalmente no seu caráter ambíguo, que deixa ao espectador decidir sobre o seu significado.

Theodor Adorno

Fica-nos um Fragmento:

Para nos livrar do tédio, parafraseamos Fernando Pessoa: “cadáveres adiados que procriam”. É preciso ressuscitar a escola.

Ilustração 36- Ressuscitando a escola, em tempo não linear.



Fonte: Ribeiro. Nov/2011.

Ressuscitando! Com a instalação geográfica, exercício esse de apreensão e suspensão do cotidiano muitas vezes repetitivo da/na escola, para realizá-la os alunos da disciplina de Estágio Supervisionado, pesquisaram-na de perto, encontrando na arte e na categoria de lugar a sua intencionalidade pedagógica.

“Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar (SANTOS, 2005, pg. 161)”. O referido lugar para nós se configura na região do Cariri, onde a maior parte dos alunos que cursa a URCA reside e realiza os seus estágios para a licenciatura em Geografia.

Para a execução do trabalho cuja foto foi apresentada inicialmente, solicitamos aos alunos que a universidade e a escola fossem pensadas a partir da categoria lugar, revelando a sua identidade, que para nós ajudaria os alunos a compreender melhor o seu espaço de convivência.

O lugar para LEFEBVRE (1999, pg.45) “aparece como diferencial: cada lugar e cada momento não tendo existência senão num conjunto, pelos contrastes e oposições que o vinculam aos outros lugares e momentos, distinguindo-o”. O lugar em si, a descoberta, a ocasião, o viver, os significados e suas simbologias remetem a vida e à sua história.

As referências sobre essa história, de como a URCA forma os seus alunos e como essa formação reflete no ensino escolar foram necessárias para compor a instalação acima.

“No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tenha usos e sentidos em si” (CARLOS, 1996, pg. 29). É no lugar, portanto, que se materializam as relações sociais e de produção.

O lugar é assim, a porção do espaço apropriável para a vida, revelando o plano da microescala: o bairro, a praça, a rua, o pequeno e restrito comércio que pipoca na metrópole, aproximando seus moradores, que podem ser mais do que pontos de troca de mercadorias, pois criam possibilidades de encontro e guardam uma significação como elementos de sociabilidade. A análise da vida cotidiana envolve o uso do espaço pelo corpo, o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas: as relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante e habitante-lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o homem dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição da vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites). (CARLOS, 1996, pg.35-36).

Compreender o lugar tem as suas complexidades do espaço vivido, das relações existenciais materializadas no seu cotidiano, no seu fazer, considerando as transformações existentes nas relações políticas, sociais e econômicas. Não são as somas de um objeto que compõem o lugar, mas como essas relações de um pertencimento que se apropria e cria contradições no espaço vivido como (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico).

O lugar contém uma prática social, que dá identidade, transmite o sentimento de pertencer à localidade, a cultura, e as variáveis da língua formal. Essa categoria lugar foi exposta aos alunos na aula de Estágio Supervisionado, em que o professor

pesquisador e os alunos discutiram o tema em questão utilizando textos dos autores acima citados.

A partir das discussões os alunos passaram a analisar as escolas nas quais realizam os seus estágios e a URCA, diante de uma visão que abarcasse as políticas públicas, social e econômica, materializada no lugar: região do Cariri

O segundo passo foi trazer para a sala de aula da Universidade os elementos que, no julgamento dos alunos, eram mais impactantes, em relação às mudanças. Algo que ainda resistiam em mudar. Em sala foram postas as ideias para compor a instalação. Que instalação? Como iríamos materializar e dar forma às críticas que queriam realizar os alunos? Então, o professor pesquisador sugeriu um caixão. Espanto! Na sala de aula? Vozes – caixão...

Foi uma forma de provocá-los, pois a região é muito devota e apegada aos símbolos religiosos. Aceitariam a ideia? Sem resistência? Confesso que alguns alunos não gostaram nem um pouco. E perguntaram: "-- E a URCA deixa?" Respondi: "-- Quem é a URCA? A Reitora, o departamento?" E respondi: "-- Não haverá problemas, apenas vamos fazer!"

Os questionamentos subsequentes à aceitação foram: Porquê do caixão? A que ele nos remete? À morte, às coisas que não têm solução? Ou nos dizeres religiosos, sem comprovação científica, porém, aceitos por muitas pessoas religiosas: o "nascimento" o renascer, a esperança que algo pode mudar? Ou a crítica feita por eles em relação às escolas que estagiam, que a escola não mudou em "nada"? Pois essa é sempre a mesma fala trazida pelos alunos para as aulas de estágio.

Então, eu perguntei: "-- Por que não muda?" E eles usaram, com pesar, a mesma fala: "-- Na escola só usávamos o livro didático e o professor na frente falando. Na universidade segue o mesmo ritmo: textos e seminários não nos ensinam como fazer e produzir uma aula, criar. Como falar de hidrografia, por exemplo, para os alunos do Ensino Fundamental, por exemplo? Se estamos vendo isso agora no estágio!"

Na outra ponta destas situações apresentadas pelos alunos está a formação do professor que “forma” e no currículo²⁵. A universidade tem que “chegar mais perto das escolas” e como fazer? Com práticas pedagógicas que devem ser ensinadas, pensadas, mas, sobretudo praticadas com os alunos nas universidades. Simplificando, temos que ir a campo.

Depois dessas indagações, o próximo foi conseguir um caixão. A busca por funerárias da cidade que nos prestassem um caixão colocava em xeque a nossa obra. Contudo, foi conseguido por um de nossos alunos e o empréstimo feito.

Nessa etapa, ainda tínhamos que discutir sobre o que colocaríamos dentro do caixão e as intencionalidades para com a obra. Depois de muito pensar chegamos a um veredicto.

Símbolos (vide ilustração nº 36) de um ensino a ser ultrapassado, aquele baseado somente na memorização “decoreba”, e, muitas vezes, numa única ferramenta: o livro didático. Também os alunos sugeriram colocar uma boneca que se representasse a expressão da professora intitulada por eles como “defunta”. Aquela que morreu e depois de formada ela passa a não refletir mais sobre as suas práticas e bases teóricas e por um espelho que indicasse: “será você o próximo? Também foi posta uma balança que pesava contra a educação, no que diz respeito às políticas públicas. Então, fizeram dessa maneira a crítica à universidade e à escola.

Em uma representação, materializou-se em um caixão, símbolo de morte e vida, a busca por uma esperança.

Essa instalação não ficou estática. Os alunos andaram com o caixão pela Universidade, passeando pelas salas de aulas, pela Reitoria, entrando nas salas e, num ato de rebeldia, cantavam “segura na mão de Deus...”. Um cortejo fúnebre com crítica à Universidade e ao sistema de ensino diante das políticas públicas oferecidas pelo estado do Ceará.

²⁵ Deixamos claro aqui nesse contexto que essas premissas referem-se exclusivamente à URCA.

Ilustração 37- O caixão passeia pela Universidade aos olhares de assombro do público.



Fonte: Ribeiro. Nov/2011.

O processo de se trabalhar com essa instalação nos remeteu ao conteúdo e ao seu processo criativo, à pesquisa feita pelos alunos, ao processo de pensar (debatido em sala) até chegar à montagem da instalação. Também os materiais e sua relação com os signos e símbolos, finalizando em uma exposição foram, cada etapa, construída coletivamente.

Nesse caso, não foi pedido aos alunos a produção de um texto final e também não foi recolhido pelo professor pesquisador o texto inicial. Devido à proporção que o trabalho tomou e o alcance das repercussões, o debate suplantou o texto. Fato essencial que nos levou a concluir termos alcançado com os alunos o objetivo proposto.

O alcance e as repercussões do trabalho com a instalação do caixão ultrapassou nossas expectativas, talvez por ter causado movimento não só na sala que a criou, mas em toda a Universidade. Por isso, concluímos que as produções

textuais, das ações oriundas da metodologia aqui defendidas, não seriam necessárias nesse caso. O texto de retorno perdeu o sentido, pois foi possível avaliar os alunos através da tamanha intervenção que se desdobrou pela Universidade. Assim, como pela interação entre alunos a instalação e o público.

Esse trabalho ficou exposto durante uma semana no pátio da pedagogia na URCA. E durante dois dias foram realizados cortejos "fúnebres" em que os alunos entravam nas salas de aula para explicar a instalação. Muitos professores que lecionavam naquele momento, autorizaram e até chamaram alguns integrantes do grupo para explicar sobre o que estava ocorrendo. Isso não aconteceu apenas nos cursos de licenciaturas: as intervenções ocorreram também nos cursos de Economia e Enfermagem, entre outros.

Avaliação por instalações Geográficas: Elementos para o baldrame

O presente capítulo trata de uma diferente abordagem sobre a prática pedagógica e a avaliação.

A prática sugerida aqui tem a pretensão de discutir como o ensino de Geografia no Ensino Básico e na Universidade pode encontrar também na Arte sua relação com o ensino aprendizagem.

O processo consiste na *construção da avaliação*, durante o qual é aplicado um conteúdo teórico para uma manifestação prática: a criação das instalações feita no conjunto entre professor e aluno. Portanto, denomino esse tipo de avaliação de “avaliação construtiva”.

O encontro com novas práticas pedagógicas que levem a desvendar outra metodologia e outro processo de avaliação, pode nos conduzir a um novo processo de ensino aprendizagem, baseado no teórico/ prático sem esquecermo-nos da manifestação criativa.

No que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem é necessário compreender a natureza da avaliação ou das avaliações. Nesse sentido, faz-se estritamente necessário uma avaliação alternativa frente aos modelos já existentes. Nesse caso a sugestão aqui é a avaliação por instalações que requer uma construção do conhecimento geográfico a partir do uso da arte, sustentada pela pesquisa para a superação do cotidiano escolar.

Oficina 1. A Obra

Nesse segmento vamos abordar uma prática pedagógica realizada na Universidade Regional do Cariri - URCA com os alunos da disciplina de Estágio Supervisionado. Conteúdo programático: A formação da população brasileira, proposta essa constituinte do currículo para os alunos do Ensino Fundamental II.

Essa proposta poderia ser abordada de várias maneiras, incluindo no ensino tradicional. Mas, a nossa indicação é superar as avaliações tradicionais sem, contudo, dispensá-la totalmente. Por isso, é preciso uma boa dose de criação e imaginação para materializar a teoria em prática, contextualizando-a em conhecimento e não na memorização.

Entendemos por a avaliação tradicional quando o objetivo da mesma é medir a quantidade de conteúdos que o aluno “aprendeu”, sem criatividade exposta. Quando não ocorre a criação, esta é realizada por um teste, trabalho, prova etc. Esse instrumento de avaliação não leva em consideração o percurso que o aluno percorreu, mas, apenas um determinado momento, passado esse momento o que sobra do conhecimento possivelmente adquirido é pouco e cai no esquecimento. O fato é que não houve um processo de conhecimento e sim uma memorização do conteúdo. Ainda que em alguns casos possa haver o aprendizado mediante o ato de decorar. Isso significa que o foco está apenas no conteúdo e, não, no desenvolvimento por completo, sem visar à construção do conhecimento pelos alunos. Apostamos que o ideal para os discentes, é que eles sejam mais criativos, inventivos e práticos e não presos apenas ao livro didático, ou aos conteúdos explicados apenas pelo professor, por isso, defendemos a avaliação construtiva baseada nas instalações geográficas.

Para essa prática didática, temos que usar da representação das categorias da geografia, deslocando-a do livro didático para outra forma de expressão da linguagem. Para tanto, foram criadas oficinas em sala de aula sob o tema em questão, para originar as instalações. Exemplificando passo a passo a didática utilizada temos:

- 1- Abordagem por estimulação sobre o que conhecem sobre o assunto retratado, no caso a formação da população brasileira. Utilizamos dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito do tema em questão.
- 2- Conteúdos teóricos e delimitação do processo histórico e geográfico e uso de mapas e vídeo pelo professor pesquisador.
- 3- Ensaio e erros, apresentação de imagens (mapas).
- 4- Estabelecimento de relações entre fatos e conceitos.
- 5- Questionamentos a respeito do tema.
- 6- Proposta para pesquisa feita pelo professor sobre a formação da população brasileira no território. Para isso, além do tema proposto, sugerimos a bibliografia e o seu desenvolvimento que é realizado em forma de oficinas (6 aulas de 2h) pelos alunos.

Plano do Conteúdo desenvolvido

TEMA= A FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Prática Estágio Supervisionado II – Período: manhã e noite.

- 1- Conceitos básicos- População e nação
- 2- Crescimento populacional ou demográfico
 - a- Teoria Malthusiana
 - b- Reformista
- 3- A população brasileira
 - a- Emigração
 - b- Estrutura da população brasileira/ taxas natalidade mortalidade.
- 4- Formação da população brasileira segundo Darcy Ribeiro.
Conceito de território e de lugar
- 5- Bibliografia básica sugerida pelo professor.

MOREIRA, J.C. SENE, Eustáquio. Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização. São Paulo: Scipione, 2005. p.431.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 9-21.

Santos, Regina Bega. Migração no Brasil. São Paulo; Scipione, 2002.

Braz, Julio Emílio. Na cor da pele. São Paulo: Laurosse do Brasil, 2005.

Pesquisa na internet: IBGE/ PNUD

Memorial do imigrante.

Vídeo sugestão: BYE BYE, BRASIL, Direção Carlos Diegues. Brasil 1979.

Gaijin- os caminhos da liberdade, Direção: Tizuka Yamazaki, Brasil 1980.

O homem que virou suco. Direção: João Batista de Andrade, Brasil 1980.

O fio da memória. Direção: Eduardo Coutinho, Brasil, 1991. 115 min

6- Aula ministrada pelos alunos²⁶ (**que aborde uma estratégia criativa**) nas oficinas e debatidas pelos colegas em sala.

7- Depois de ministradas as aulas pelos alunos e os conteúdos relacionados sobre a formação da população brasileira (brancos, índios e negros) estiver sedimentada, explicada, (como ocorreu esse processo desde sua colonização com a invasão dos portugueses massacrando os indígenas e catequizando, passando pela escravidão e a imigração formando uma miscigenação do povo) assim, realizada pela tomada de conhecimento sobre o objeto em questão. Os alunos constroem um texto para leitura prévia e discussão em sala, e nesse texto eles apontam o material que será usado e a simbologia relacionada para a efetivação da avaliação.

8- Avaliação na forma de instalações geográficas.

9- Retorno à sala de aula para as manifestações de aprendizagem e ensino apreendidas. E a construção de um novo texto.

O momento principal do processo desse trabalho é quando as instalações são expostas ao público. Ou seja, quando a criação e o criador se encontram no espaço, para que os conteúdos sejam materializados em símbolos e signos, os quais são

²⁶ Afirmamos que a intenção dessa tese não é a de analisar as aulas dos alunos, é claro que houve intervenção pelo professor pesquisador, porém o que nós queremos demonstrar é que a partir de um conteúdo é possível realizar uma instalação geográfica com avaliação construtiva. Também é objetivo dessa aula, promover, instigar os alunos a criarem estratégias diferenciadas de aulas.

exigidos do aluno além da aprendizagem, a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante o desenvolvimento até a conclusão do mesmo. Ocorre aí uma importante relação por contrastes.

Nesse exemplo, os objetos a serem utilizados para representar o conteúdo proposto foram inicialmente sugeridos pelo professor e ao longo das aulas outros objetos foram sendo acrescentados pelos alunos, que ainda estavam ministrando os conteúdos relacionados ao tema.

No decorrer das aulas, as discussões sobre o material a ser utilizados e a sua forma, foram acontecendo gradativamente com contribuições dos alunos e do professor pesquisador conforme as aulas avançavam. A seguir, a lista do material, na ordem que o desencadear de ideias proporcionou:

- Madeiras medindo 1 metro de comprimento (para a construção de uma mesa).
- Malha losangular (tela de galinheiro)
- Pregos, martelo, serra e furadeira.
- Cola quente, fita adesiva, tinta e barbantes.
- Bonecas, essas despedaçadas, na parte dos membros
- Palitos de churrascos, esses para espetar nas bonecas e colar as imagens.
- Imagens representando a formação do povo brasileiro e outras simbologias.
- Barbantes e cartolinas com frases sobre a formação do povo brasileiro:
- Painel confeccionado pelos alunos sobre o tema.

Ilustração 38- Em construção as instalações



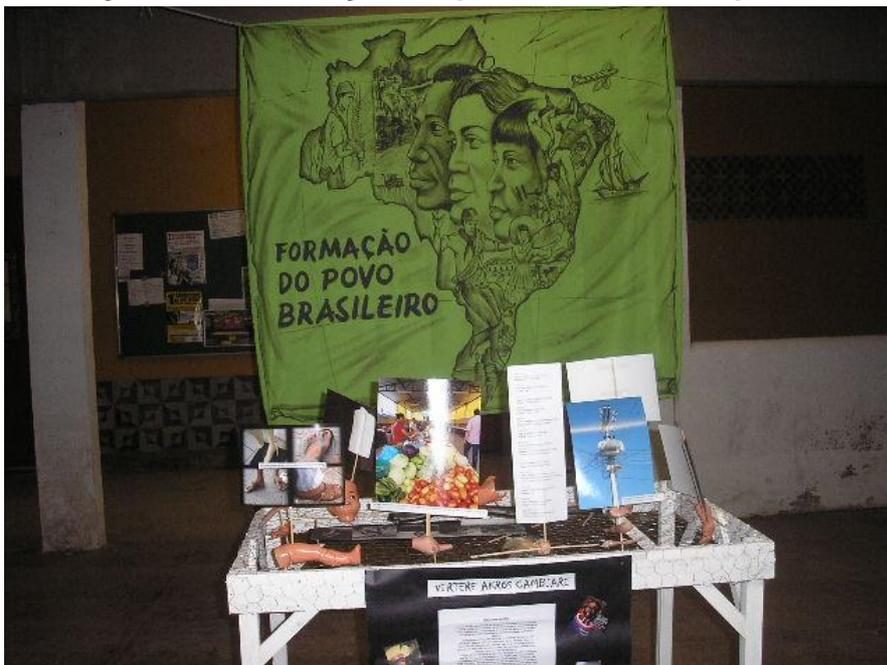
Fonte: Ribeiro, Emerson. Nov/2011.

Ilustração 39- Em montagem na universidade. A alegria é o momento.



Fonte: Ribeiro, Emerson. Nov/2011.

Ilustração 40- A formação do povo brasileiro, representada numa instalação.



Fonte: Ribeiro, Nov/2011.

O tema em questão estudado e realizado em oficina na universidade foi “a formação do povo brasileiro”, em que os alunos estudaram como se deu o processo de colonização e de miscigenação no território brasileiro.

Foram utilizadas como estratégia de ensino as oficinas que tratavam especificamente sobre cada conceito de abrangência do tema (mencionado anteriormente no Plano do Conteúdo desenvolvido), para facilitar não só a pesquisa que cada um tinha que realizar como também a aplicação da instalação geográfica.

Cada oficina tratou de um tópico sobre o tema, entre eles, os povos indígenas, negros e europeus, abordando a exploração de um povo pelo outro, as técnicas, as doenças, a moral, constituindo um domínio não só sobre a população já residente (os indígenas) como também na conquista do território e o desenvolvimento de uma economia e uma política direcionada a uma determinada região e à exploração de outras.

Essas oficinas foram ministradas sobre a supervisão do professor pesquisador e, quando os alunos não explicavam corretamente os conteúdos propostos sobre a formação da população brasileira, o professor pesquisador pedia para que o aluno realizasse novamente a sua aula. Afinal, como tratamos da

formação de professores temos que nos preocupar com tal formação e essa é uma das estratégias utilizadas para este fim.

Nessa construção avaliativa os alunos depararam com um problema relacionado ao nosso tema que era “A formação do povo brasileiro”: “como representar esse conteúdo que foi estudado?”

Os conceitos chaves da geografia foram o lugar/território e a paisagem, não podemos deixar de expor que outros conceitos e teorias que abrangem essa aula apareceram durante as oficinas, como: ocupação, migração e seus movimentos, nação, sociedade, teoria de Malthus, teoria Reformista, demografia etc., entre outras executadas para essa manifestação do ensino aprendizagem.

Essa **avaliação construtiva** pode ser realizada em grupo de no máximo três pessoas, sugestão limitada de integrantes para não haver dispersão dos mesmos. Pois, é uma avaliação que envolve **atitudes, compromisso, formas de lidar com o processo avaliativo, pesquisa, criação, materiais a serem arranjados e discussão envolvendo o grupo**, formado por colegas de classe.

O termo utilizado “**avaliação construtiva**” é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não só utilizando de provas e avaliações ou textos, mas sim com um objetivo que leve o aluno a **unir o conhecimento geográfico ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte, encontrando a efetivação desse conhecimento nas instalações.**

É necessário que o aluno percorra pela mediação do meio, o tema abordado, transformando-o e materializando-o em instalações geográficas. Em outras palavras, a avaliação se enfoca no “como” **representar** o que foi estudado em sala de aula ou campo. Isso, por conseguinte atuará nas estruturas mentais por associações, experimentadas e vivenciadas pelo aluno contidas na sua experiência de vida, concretizando o que foi apreendido. Assim, a apresentação da forma e do conteúdo da instalação só se torna possível pela pesquisa objetiva real.

Esse tipo de avaliação vai além dos muros da universidade/escola e atinge a família, que passa a ser consultada, devido ao objeto (no nosso caso a construção de uma mesa) com o qual se envolvem para caracterizar o conteúdo abordado. Também, a liderança é observada pelo professor em relação às tarefas encaminhadas para a realização da instalação, a busca pelo conhecimento e

distribuição das tarefas e materiais a serem arranjados etc., sempre por um ou outro aluno que se destaca no grupo.

Em sala de aula após as pertinentes discussões sobre os objetos a serem colocados para a representação da população brasileira nas instalações, surgiram as cogitações para nomear o evento. Após as sugestões construímos o título: **“VERTERE AKROS CAMBIERE”**, que significa “Revirar (latim) ao extremo (em grego) para mudar (latim)”.

Como já abordamos acima, os alunos redigiram um texto que explicava os materiais abordados e a pesquisa realizada, e depois da avaliação exposta eles refizeram-no. Abaixo, apresento parte do relatório de uma aluna, com cópia fiel à original:

“VERTERE AKROS CAMBIERE

Repulsa espanto, surpresa, entusiasmo e indiferença. Foram muitos os sentimentos percebidos nas expressões do público que assistiu à experiência da mudança proposta e alertada por meio do movimento intitulado Vertere Akros cambiere organizado pelo professor Emerson Ribeiro e que sugestivamente significa Revirar ao extremo para mudar.

A intenção foi de propor o incentivo à prática da criatividade na universidade e na educação de modo geral, bem como a visualização dessa possibilidade e necessidade, já que a educação atual é tão carente da atividade criativa, do novo, da inovação. Além disso, propôs vivenciarmos tal atividade para nos tornarmos aptos quando no exercício do magistério repassarmos esse estímulo à criação.

Nesse sentido foi de fundamental contribuição para a nossa formação docente, visto ter possibilitado analisar a importância da desconstrução e construção no processo ensino-aprendizagem, e perceber que fugir a essa linearidade e buscar a complexidade e a abordagem holística simbólica do conhecimento é bastante representativo e não tão difícil como pareceu inicialmente.

Enfim nos possibilitou perceber a aplicabilidade, apesar dos obstáculos a serem superados, dessa prática nas escolas, onde o aluno terá oportunidade de construir seu próprio conhecimento a partir da sua realidade de forma prazerosa e com integração entre os mesmos.

Apesar de apresentar dificuldades no início tentei atender a proposta de representar simbolicamente a formação da

população brasileira, **expondo sobre a mesa fotografias de um prato de sopa representando a mistura de gostos, de um pilão simbolizando a miscigenação das técnicas e ainda de um mosaico e uma colcha de retalhos propondo a representação da diversidade e a união dos povos, culturas e hábitos constituintes de nossa população**²⁷.

Mais uma vez, constata-se a extrema importância da pesquisa feita pelos alunos, para que pudessem representar, na forma de instalação (mesa), o conteúdo abordado. Sobre a análise teórica estudada, a aluna faz apenas um relato sem aprofundamento do mesmo, priorizando o processo e não apenas o conteúdo sistematizado. No entanto, fica evidente que a prioridade foi o processo quando ela comenta sobre “a mistura de gostos, a miscigenação e a diversidades e união dos povos”. Essa característica refletida realça o que estamos a destacar nesse capítulo: o processo de avaliação constituído pela pesquisa, o material utilizado para representar o tema escolhido e o produto final.

Todo o processo de ensino aprendizagem, passando pela avaliação construtiva até a apresentação requer um diálogo final que nos remeta aos erros e acertos por parte dos alunos e professor, pois ficam evidentes na apresentação, as falas dos conteúdos abordados, quando eles são abordados por outros alunos, funcionários etc. da universidade/escola. Enfim, a interação entre aqueles que participam desse movimento, num ato de aprendizado sócio-coletivo e, porque não, individual.

²⁷ Texto de Maria Cynara G. de Alencar, aluna do VI semestre, da URCA. (grifo nosso).

Ilustração 41- Miscigenação sendo apresentado. Em bonecas despedaçadas.



Fonte: Ribeiro, Emerson. Nov/2011.

Em outro texto de um aluno da graduação abordando a formação do povo brasileiro, ele afirma que:

Quando falamos de formação, vem logo a ideia de criação ou de nascimento, porém quando se trata de algo tão complexo como uma civilização ou sociedade que devemos levar em consideração, muitos fatores que possibilitam analisar os motivos desta suposta formação. Uma revelação que nos aproprie do que se formou, como se formou, e de que origem tem essa formação. As verdadeiras intenções não só das suas formações, mas de quem as formou, não esquecendo que em alguns casos as formações não passaram de deformações organizadas.

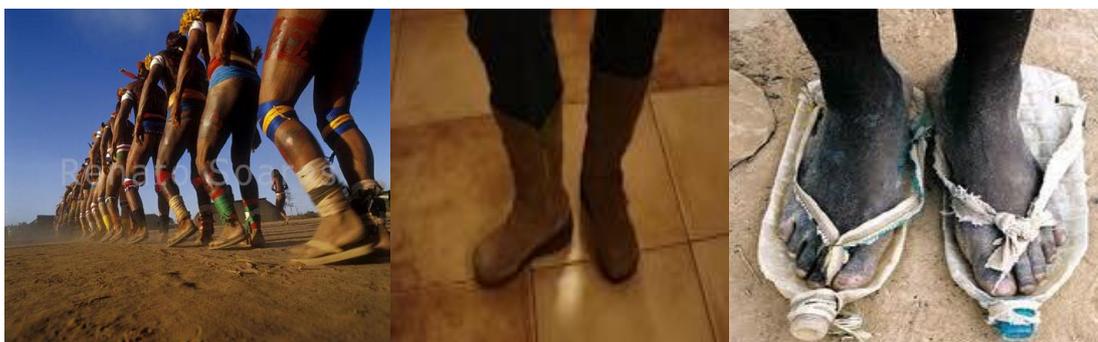
(...) Nossa deformação formou uma nação de homens sem chão, apertado na espacialidade entre os não lugares e lugar nenhum, vivendo um presente invisível, um passado sem glória, contudo, montado num cavalo de tróia. Sendo assim todos os nossos passos devem ser modificados, devemos andar com os nossos próprios pés, sem muleta alguma, sem tropeçar-nos próprios passos, e procurar em nós mesmos o que eles procuraram...

(...) Foi essa mesclagente composta de alma de índios, de negros, de mulatos, que fez crescer esse país. Ao longo da

costa brasileira se encontraram duas visões de mundo completamente opostas: a “selvageria” dos homens brancos e a “civilização”, dos Índios. Concepções diferentes de mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram.

A simbologia que usarei na formação e apreciação ao povo brasileiro será os Pés. **Os pés foram e sempre será o símbolo da própria invasão dos brancos portugueses, das fugas nas matas de índios e negros e da audácia, e resiguação persistente de avançar contra as espadas, baionetas e escudos policiais, pois só existe um jeito de chegar até a porta é indo...** (citação *ippsis litteris* e o grifo é nosso).

Ilustração 42- Índio, branco e negro.



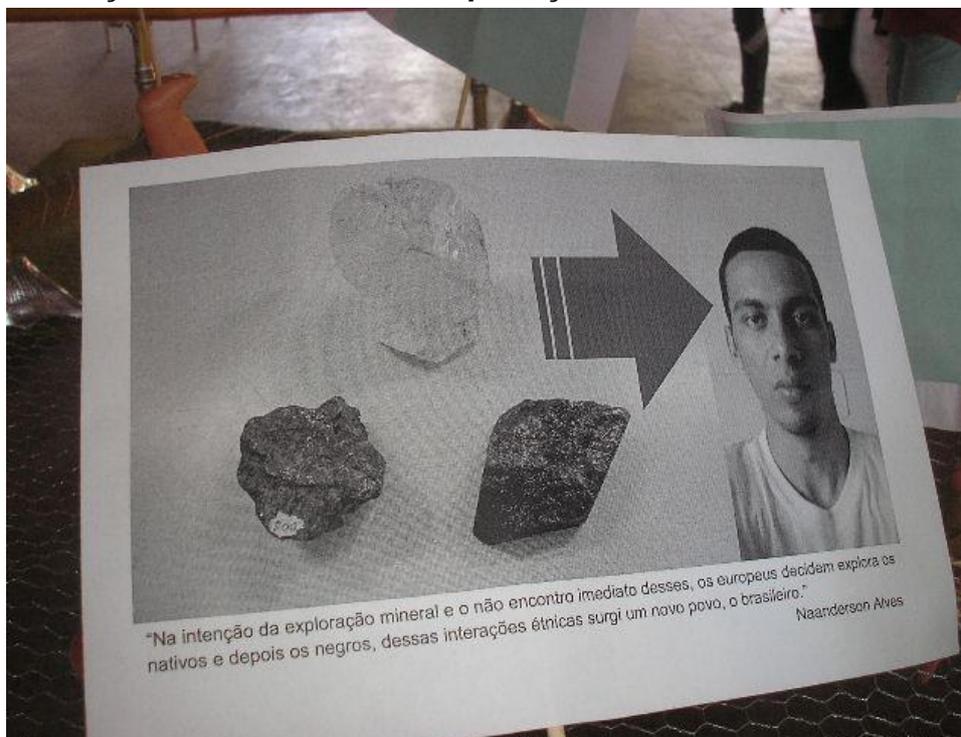
Fonte- internet/Google imagens.

Ilustração 43- O Brasil na cara.



Fonte: Ribeiro, Emerson. Nov/2011.

Ilustração 44 - Revisando a exploração.



Fonte: Ribeiro, Emerson. Nov/2011.

Impressões do Baldrame

Para a superação no processo de ensino aprendizagem no que diz respeito ao processo de avaliação, propomos uma avaliação já mencionada e explicada no texto acima, com o título de **Avaliação Construtiva**.

No entanto, vamos focar os nossos esforços para entender e compreender uma variedade de denominações sobre o termo avaliação. Principalmente o que vem sendo designado como avaliação formativa, ou ainda, avaliação como se o seu processo feito pelo avaliador ao avaliado fosse uma prestação de contas.

Em linhas gerais, muitos professores chamam de avaliar o processo de ensino aprendizagem que consiste no ato do aluno em sala de aula fazer as tarefas, por exemplo, após a explicação de um tema e depois realizado uma série de exercícios. Esse fato é constatado comumente e foi verificado pelo professor pesquisador, no trabalho docente na rede Estadual de Ensino do estado de São Paulo e hoje através dos relatos dos alunos universitários.

Os alunos fazem as tarefas e depois o professor atribui uma nota. Muitos deles copiam uns dos outros sem se preocuparem se está correta a questão ou não e dá por encerrado o seu dever. O professor, por outro lado, verifica se foram preenchidas as questões e faz sua atribuição de nota ou pontos que, mais tarde no fechamento do bimestre, são somados e divididos, atribuindo um conceito/nota.

Outro exemplo é a realização dos exercícios na apostila ou livro, também atribuído uma nota como se fosse uma avaliação. Em verdade, esse tipo de atividade é apenas um exercício de fixação.

Também é chamada de avaliação a apresentação de um trabalho escrito e entregue pelos alunos e que na maioria das vezes “quase sempre” são tirados da internet sem a menor preocupação de pesquisa. Na realidade é usado o “CTRL C e CTRL V” e aceito por muitos professores.

A apresentação de trabalho é sim um tipo de avaliação, porém, quando essa é realizada de forma correta, com pesquisa empírica ou bibliográfica etc. Há crítica a essa aceitação avaliativa na forma da “apresentação de trabalhos”, por parte de muitos professores. Isso porque não é realmente uma avaliação e sim mais um

trabalho para contar nota e porque, nem sempre há por parte dos alunos, pesquisa séria envolvida no seu trabalho.

Afinal, então, como podemos avaliar? O que é avaliar?

A Ideia foi definida muitas vezes para medir mudanças comportamentais na aprendizagem, como também para quantificar resultados, ou méritos, apoiada no positivismo. Essa caracterização visa a comprovar um rendimento do aluno com base nos objetivos (de conteúdo ou comportamental), representando uma quantificação sistemática que determina as mudanças de comportamento do aluno e em que medida essas mudanças ocorrem, a avaliação é reduzida à medida e seu resultado se separa do processo de ensino (CALDEIRA, 2000)

Em relação aos modelos de avaliação, existe uma variedade de designações, conceitos que normalmente são utilizados quando os seus autores querem referir a algum tipo de avaliação como: “avaliação autêntica Telles, avaliação contextualizada Berlak, avaliação formadora Nunziati, regulação controlada dos processos de aprendizagem Perrenoud, avaliação educativa Gipps” (FERNANDES, 2006).

As avaliações citadas por Fernandes se referem a uma avaliação para orientar, para melhorar as aprendizagens, mais contextualizada a um papel em que o aluno tem a desempenhar.

Num certo sentido poderemos dizer que todas são alternativas a uma avaliação que, genericamente, se caracteriza por dar mais ênfase aos processos de classificação, de selecção e de certificação, aos resultados obtidos pelos alunos, à utilização sumativa dos resultados dos testes ou à prestação de contas (FERNANDES, 200, pg. 25)

De certa forma, podemos analisar as características dessas avaliações e suas mutações e perceber que elas são variações, como aponta Fernandes (2006), mais ou menos elaboradas de uma avaliação formativa inspirada em concepções cognitivistas, construtivistas e/ou socioculturais da aprendizagem. O que leva também a muitos autores atribuir e pensar a avaliação como medida. Aliás, o que mais se observa nas escolas principalmente e nas Universidades, no nosso caso URCA, é que o ato de medir tem o seu ápice no vestibular. A escola trata o aluno como um número e exige dele (principalmente nas escolas privadas) metas para passar no vestibular. Desse modo, vemos propagandas e mais propagandas das

redes privadas de ensino, mostrando os seus índices de aprovações para determinada área do saber.

Segundo Hadji (2001, pg.27), “medir significa atribuir um número a um acontecimento ou a um objeto, de acordo com uma regra logicamente aceitável”. Esse autor nos traz a ideia de que medir o desempenho dos alunos está enraizada fortemente no consciente dos professores e dos alunos. Essa concepção reside na suposta “norma” das medidas adotadas pelas instituições e nos parâmetros, nas “formas” utilizadas pelos professores para atribuir uma nota, um número, uma letra aos trabalhos dos alunos.

Uma medida é objetiva no sentido de que, uma vez definida a unidade, deve-se ter sempre a mesma medida do mesmo fenômeno. Certamente, um erro é sempre possível, devido às imperfeições da instrumentação, pois ele resulta então das condições de operacionalização dos instrumentos. Ele provém da operação de medida. Por essa razão, pode ser calculado e, portanto, neutralizado (HADJI, 2001, pg.27).

Portanto, reduzir a avaliação à medida implica aceitar a credibilidade da avaliação como instrumento de medida e desconsiderar que o resultado da avaliação não pode ter a subjetividade do avaliador, interferindo nos valores finais.

(...) registraremos aqui o fato de que hoje se sabe que a avaliação não é uma medida pelo simples fato de que o avaliador não é um instrumento, e porque o que é avaliado não é um objeto no sentido imediato do termo. Todos os professores avaliadores deveriam, portanto, ter compreendido definitivamente que a “nota verdadeira” quase não tem sentido (HADJI, 200, pg. 34).

Concordamos com Hadji quanto à figura do professor avaliador e quanto o que está sendo avaliado não é objeto, pois o processo de compreensão sobre o ato avaliado é subjetivo e está sujeito a interferências psicológicas e de atitudes dos avaliadores em relação aos instrumentos e procedimentos para avaliar.

Em se tratando da avaliação formativa, a mesma

(...) sustenta que sua função principal é a de contribuir para uma boa regulação da atividade de ensino. (...) uma avaliação não precisa conformar-se a nenhum padrão metodológico para ser formativa (HADJI, 2001, pg. 19).

No contexto escolar outra função tradicional que a avaliação assume é a certificação, isto é, o diploma garante uma formação e, portanto, não necessita ao portador se submeter a novos exames e provas. “(...) A vantagem de uma certificação instituída é justamente a de não precisar ser controlada ponto por ponto, de servir de passaporte para o emprego ou para uma formação posterior” Perrenoud (1999, pg. 13).

A certificação garante apenas que saberes globais foi adquirido, para o aluno passar a série seguinte²⁸, ou passar para um curso mais avançado e até ser admitido em uma profissão.

Nessa perspectiva, não podemos deixar de apontar outra lógica de abordagem de avaliação, a formativa. Esta se preocupa com o processo de apropriação do conhecimento pelo aluno, os diferentes caminhos que percorrem mediados pela intervenção ativa do professor, a fim de promover a organização e regulação das aprendizagens, para que o fracasso não ocorra, inserindo o aluno no processo educativo.

Nesse tipo de avaliação, a lógica e sua concepção se apóiam em verificar se o aluno, no final dos estudos ou semestre e ano letivo, adquiriu conhecimento.

Para esse processo de avaliação, Azzi aponta:

A avaliação que acontece ao final nos dá uma dimensão do significado e da relevância do trabalho realizado. Difundida nos meios educacionais com a denominação de somativa, é sempre associada à idéia de classificação, aprovação e reprovação. Tal associação tem sentido e não é errada em uma proposta que tenha esses objetivos. Numa proposta que vise à inclusão do aluno, a avaliação final necessita ser, redimensionada, sem perder seu caráter de seriedade e rigor (AZZI, 2001, pg. 19)

. Diante desse processo de entender a avaliação e a sua importância, recorreremos à outra matriz que é avaliação de cunho qualitativo, que propõe um processo de ultrapassagem da avaliação quantitativa e que detém as premissas epistemológicas vigentes na atualidade.

A avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que no espaço educativo os processos

²⁸ Essa realidade de não aprovação para a série seguinte nas escolas públicas deixou de ser regra, em muitos Estados brasileiros, para que um aluno reprove é necessário um abandono total do compromisso com a escola por parte dele.

são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis. Estas são mais fáceis de manipular metodologicamente, porque a tradição científica sempre privilegiou o tratamento mensurado da realidade, avançando, por vezes, de maneira incisiva em algumas disciplinas sociais, como a economia e psicologia. Todavia, não se pode transferir à limitação metodológica a pretensa redução do real. Este é mais complexo e abrangente do que sua face empírica. A avaliação qualitativa gostaria de chegar até à face qualitativa da realidade, ou pelo menos de se aproximar dela (DEMO, 2004, pg.156).

Podemos perceber que a avaliação qualitativa apresenta-se como um modelo em transição por ter como centralidade a compreensão dos processos da aprendizagem e de ensino, o que produz uma ruptura.

Para Libâneo o conceito de avaliação da aprendizagem apresenta-se como;

(...) o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas (LIBÂNEO,2004, pg.196).

Luckesi (2006) nos faz refletir sobre o porquê de muitos professores serem resistentes a certas mudanças. Ele elenca três razões principais que justificam essa atitude:

A razão psicológica (biográfica, pessoal) tem a ver com o fato de que os educadores e as educadoras foram educados assim. Repetem automaticamente, em sua prática educativa, o que aconteceu com eles. Em segundo lugar, existe a razão histórica, decorrente da própria história da educação. Os exames escolares que praticamos hoje foram sistematizados no século XVI pelas pedagogias jesuítica e comeniana. Somos herdeiros desses modelos pedagógicos, quase que de forma linear. E, por último, vivemos num modelo de sociedade excludente e os exames expressam e reproduzem esse modelo de sociedade. Trabalhar com avaliação implica em ter um olhar incluyente, mas a sociedade é excludente. Daí uma das razões das dificuldades em mudar (LUCKESI, 2004, pg. 5).

Ainda segundo o mesmo autor, a pedagogia jesuítica definia como um ensino eficiente, o ritual de provas e exames, assim, como a Pedagogia Comeniana que priorizava os exames para estimular o aprendizado dos alunos. Esse tipo de prova era baseado no medo, na punição e no ato de disciplinar.

Esse cartesianismo, posto principalmente pelas pedagogias jesuíticas, custa a ser rompido diante do processo de ensino aprendizagem, junto à sociedade excludente em que na maior parte dos estabelecimentos de ensino ainda persiste e continua a formar nesse padrão, num ciclo. Parafraseando Nietzsche, num eterno retorno, formado rebanhos não criativos.

Sobre o processo de avaliação e em relação as suas distinções Luckesi pondera que

A questão básica é distinguir o que significam as provas e o que significa avaliação. As provas são recursos técnicos vinculados aos exames e não à avaliação. Importa ter-se claro que os exames são pontuais, classificatórios, seletivos, anti-democráticos e autoritários; a avaliação, por outro lado, é não pontual, diagnóstica, inclusiva, democrática e dialógica. Como você pode ver, examinar e avaliar são práticas completamente diferentes. As provas (não confundir prova com questionário, contendo perguntas abertas e/ou fechadas; este é um instrumento; provas são para provar, ou seja, classificar e selecionar) traduzem a idéia de exame e não de avaliação. Avaliar significa subsidiar a construção do melhor resultado possível e não pura e simplesmente aprovar ou reprovar alguma coisa. Os exames, através das provas, engessam a aprendizagem; a avaliação a constrói fluidamente (LUCKESI, 2004, pg.4).

A expressão avaliação, ao longo da década de 90 do século XX e início do XXI, tem sido usada constantemente na literatura como se fosse uma muleta para segurar todo e qualquer tipo de processo de avaliação anunciado a regular e a melhorar as aprendizagens para que se possam prestar contas do que foi ensinado ou não. A impressão que fica aos olhos do professor pesquisador é que essas avaliações têm como pano de fundo justificar a sua ação para o mercado.

Entre esses diversos processos de avaliação podemos concluir que ao longo do tempo, diversas matrizes e concepções teóricas conforme o tempo histórico e os interesses da classe dominantes são as que seguem à frente das políticas públicas. São as que programam na educação, no seu tempo, a concepção desejável.

Segundo Marcos Soares,

Podemos entender uma das centralidades das reformas educacionais, o currículo (mudanças curriculares, propostas de novos currículos), a partir da recontextualização do discurso pedagógico.

O "texto oficial" produzido nas agências de fomento internacionais (BID, Banco Mundial, FMI, UNESCO) sobre as necessidades da

educação, frente a uma nova realidade mundial, tende a ser recontextualizado, adaptando-se à realidade cultural, educacional e até política, dos países a que foram destinados (SOARES, 2001, pg.109).

Podemos dizer que as reformas educacionais e a reboque o termo avaliação e suas designações ao longo da história, passam a ganhar contornos diferentes seguindo o sentido do que é produzido pelas agências de fomento, adaptando-se a cultura educacional. Mantido pelo discurso das relações de poder, direcionando a sua intencionalidade de quem a produziu, levando ao cotidiano escolar as suas diretrizes, que é de formar cidadão para o mercado de trabalho revigorando as concepções do sistema capitalista.

Na realidade o que sobra para as nossas escolas e alunos é a avaliação enquanto classificação, medida, juízo de valores, cobrança, para a disciplina etc. É a punição observada entre professores e alunos para fornecer dados estatísticos de aprovação, para o banco mundial, para uma sociedade insaciável marcada pela competição engendrada no neoliberalismo e no capitalismo de mercado²⁹.

A **avaliação construtiva**, termo designado pelo professor pesquisador, retrata o processo de conhecimento que o aluno irá percorrer até o produto final. Esse produto é realimentado pelo processo criativo, num ciclo que para a criança e o jovem são de extrema importância, pois levam os alunos a desenvolver experiências para enfrentar o cotidiano.

A avaliação por instalações geográficas exige do aluno, conteúdo, pesquisa, imaginação e criatividade, entre outros conhecimentos possíveis de serem alcançados com relação à atividade proposta pelo professor. Esses elementos ocorrem devido ao processo de combinação e de complexidade, em particular do acúmulo de experiência. Como já relatado no texto em que Vygotsky (2004) aponta a diversidade e a experiência de uma pessoa como elementos importantes para a criação.

Esse processo criativo ocorre quando abordamos o conteúdo da Geografia na sala de aula e em seguida pedimos aos alunos que de posse da ideia do objeto (a

²⁹ Para compreender melhor as políticas neoliberais e de mercado e seu processo de engendramento na educação recomendamos a tese de Marcos de Oliveira Soares- “O NOVO PARADIGMA PRODUTIVO E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE GEOGRAFIA”, USP, 2011.

instalação), é exigido que eles aprofundem sobre o tema da pesquisa, para que num segundo momento haja o diálogo com a sala sobre acerca de sua temática. Para que isso ocorra, é necessário que o aluno escreva um texto sobre as suas descobertas.

Quando o aluno busca os elementos que compõem a sua pesquisa, temos o próximo passo que é a passagem dessas cognições do pensamento para a escrita.

São essas complexidades da linguagem e a sua passagem para a escrita que o aluno por meio de suas experiências da linguagem, baseadas na sua vivência social, reinventa no ato de imaginar e construir o seu objeto (a instalação).

Essa criação, a instalação, resulta numa apresentação para um dado público (escolar ou não). Esses dados, essas informações, esses símbolos indubitavelmente se traduzem num processo de conhecimento, resultando a aprendizagem.

A avaliação por instalações geográficas e a sua metodologia, sem deixar de lado as outras formas de avaliação, atinge a realidade ou pelo menos se aproxima dela, levando ao professor a tomar novas decisões e rever os seus resultados podendo dessa maneira corrigi-los se necessário.

Baldrame em Construção

Em “A formação social da mente”, de Vygotsky, buscamos um referencial teórico para o suporte pedagógico que o fundamente, dando consistência para a reflexão interna. O intuito foi ampliar os conhecimentos necessários que levassem às instalações geográficas materializada pelos alunos, como recurso comprovadamente significativo (RIBEIRO, 2009).

Para Vygotsky (1989), o aprendizado começa muito antes de a criança entrar na escola, também podemos afirmar que o aprendizado escolar produz algo novo no desenvolvimento infantil. O conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) trata da questão de como a criança pode vir a ser o que ela ainda não é. Quanto a essa ZDP, o autor disserta que

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independentemente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução

de problemas a orientação de um adulto ou a colaboração com companheiros capazes (VYGOTSKY, 1989, pg.111)

Embora o conceito de ZDP possa se referir a múltiplas situações de interação social, vividas pelos sujeitos na cultura, por exemplo, no âmbito do trabalho, família, lazer etc., ele representa uma significativa contribuição de Vygotsky para a área escolar (NUNES, 2009).

Vygotsky aborda também a interrelação entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos espontâneos, promovendo a criança para o nível mais elevados do desenvolvimento entre o mental e o aprendizado escolar. Com Kramer, usurpado de Soares em “Girassóis ou Heliantos”:

... os conceitos científicos e os conceitos espontâneos da criança surgem de formas diferentes e se movimentam (ou desenvolvem) em direções contrárias: os científicos em direção descendente, os espontâneos em direção ascendente. Contudo, os dois tipos de conhecimento relacionam-se fortemente: pressionando seu percurso “para cima”, os conceitos cotidianos abrem caminho para os científicos (e seu movimento descendente); e estes simultaneamente, ao se desenvolverem “para baixo”, fornecem estruturas para o desenvolvimento ascendente dos conceitos espontâneos (KRAMER, Apud SOARES, 2001, pg.119)

Com Vygotsky:

a disciplina formal dos conceitos científicos transforma gradualmente a estrutura dos conceitos espontâneos da criança e ajuda a organizá-los num sistema; isso promove a ascensão da criança para níveis mais elevados do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1989, pg.100).

A contribuição de Vygotsky para o desenvolvimento da criança e do jovem aponta a zona de desenvolvimento proximal como o elemento psicológico em constante transformação. Nas relações humanas, e em termos de atuação pedagógica, esse conceito traz a importância do professor, de acender nos alunos o interesse por dado conhecimento que não ocorreriam espontaneamente, sem a interferência exatamente na zona de desenvolvimento proximal dos alunos.

Para que isso seja possível, não podemos mais negar a realidade em que o aluno está inserido, a construção de conceitos deve se dar a partir da interrelação de conhecimentos cotidianos e científicos (RABELO, 2009).

O ensino da Geografia escolar pensando a teoria Vygotskyana, passa pelo processo de formação de conceitos.

As formulações de Vygotsky sobre esse complexo processo de formação de conceitos ajudam os professores a encontrarem caminhos no ensino para cumprir objetivos de desenvolvimento intelectual dos alunos, com a contribuição específica das matérias básicas do currículo escolar, como é caso da geografia. Com efeito, os conteúdos dessa disciplina têm como um dos eixos de estruturação os desdobramentos de conceitos amplos da ciência a que correspondem, e são encarados como instrumentos para o desenvolvimento dos alunos (CAVALCANTI, 2005, pg. 197).

Para Cavalcanti, o ensino de Geografia tem por objetivo levar os alunos a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que eles vivenciam, seja de modo direto ou não, como parte da história social, sendo o raciocínio espacial importante para a realização de práticas sociais variadas, já que essas práticas são práticas sócio espaciais (CAVALCANTI, 2005).

Desenvolver a espacialidade e entender os fenômenos experimentados deve ser estimulado nos alunos desde a tenra idade, com objetos ou sujeitos que permeiam o campo social e a prática espacial. Permitir ao aluno construir suas impressões dialogando com suas representações, para construir suas aprendizagens de acordo com suas experiências, tendo na avaliação um instrumento de aprendizagem.

Para dar forma a nossa intenção pautada na avaliação por instalações geográficas precisamos de outro elemento que Vygotsky nos fornece e compreende que é a **possibilidade de o ser humano se encontrar na arte** e que Soares (2001, pg. 120) complementa “ou produção expressiva e que a experiência ampliada pela imaginação – se materializa num produto. O produto criado extrapola o autor, vai adiante, assim criando uma imensa necessidade de atuar”:

Surgindo da vida e para ela se dirigindo, o papel da arte é, pois, fundamental como atitude dialética de edificação da vida... A criatividade é essencial seja na produção de uma obra, seja no consumo ou desfrute. E seu papel social é ímpar, pois como nos fala Vygotsky, sem uma arte nova não haverá um homem novo... (SOARES, 2000, pg. 120).

Vygotsky aponta que a criação não existe apenas nos acontecimentos científicos, nos desenvolvimentos técnicos, nas grandes obras, nos gênios da arte. “A criação surge onde existe um homem imaginando, e com esse dizer nega a separação entre imaginação e realidade” (SOARES, 2001).

Segundo Hegel, sobre a questão da imaginação para o artista e a obra,

É a imaginação do artista que constitui esta atividade subjetiva criadora, e por isso nos resta falar agora da obra de arte (...) mostrar que a obra de arte faz parte da interioridade subjetiva e que, antes de ser uma realidade tangível e visível, tem de amadurecer na subjetividade criadora, no gênio no talento que lhe dão a forma definitiva (HEGEL, 1974, pg. 305).

Outro elemento importante é a intuição que está na base dos processos criativos. O ato da intuição é carregado de símbolos e signos, que fazem parte de um todo, porque o homem não pode ser visto em partes, diante do processo de imaginação.

Ostrower, por sua vez, afirma que,

É esta a dificuldade: imaginar o imaginário, imaginar as formas específicas em que se imagina. Lidamos com todo um sistema de signos que são referidos a uma matéria específica. As ordenações, físicas ou psíquicas, tornam-se simbólicas a partir de sua especificidade material. Não é possível traduzir nem parafrasear o processo imaginativo, porque transpor de uma matéria específica para outra desqualifica essa matéria e não qualifica a outra (OSTROWER, 2010, pg.35)

O único caminho aberto para nós, seria conhecer bem uma dada materialidade no próprio fazer. Com este conhecimento e com a nossa sensibilidade tentaríamos acompanhar analogicamente o fazer de outros; sempre, e claro, por analogias de estrutura, e não de operações mecânicas (OSTROWER, 2010, pg.35).

Assim sendo os processos criativos ocorrem pela sensibilidade, pautados na intuição, no ato imaginativo de estruturas cognitivas e por associações e analogias, que remetem à construção do conhecimento.

A escola e a universidade que têm como uma de suas funções a formação de pessoas no processo de ensino aprendizagem, aparecem nesse contexto com um papel importante, para a superação do cotidiano e do não alienar-se no desenvolvimento dos alunos. E isso ocorre partindo do **ponto imaginário**³⁰, com a ajuda do professor e dos alunos, para que o processo de criação aconteça e se materialize de forma específica, dando forma à outra avaliação, que são as instalações geográficas.

³⁰ O ponto imaginário aqui é entendido quando o professor e aluno de posse da ideia da instalação, ou seja, o objeto por eles ou pelo professor pensado para a materialização do conteúdo em estudo, passa a ser o objeto o qual, será trabalhado: partindo da pesquisa no processo de construção da avaliação, o resultado será a instalação geográfica.

Assim, a avaliação por instalações diante do processo de avaliar se constrói pautada nos conceitos geográficos, no ato imaginativo e na arte para que não fique aprisionada apenas à verbalização dos conceitos e termos, mas que alcance pela mediação da arte a superação dos fenômenos que fazem parte do processo de ensino aprendizagem.

A avaliação por instalações geográficas se dá na forma e conteúdo, ou seja, pelos conceitos apreendidos e estimulados pelo professor e o meio sócio espacial.

Essa avaliação parte da imaginação do professor, mas pode ser decidida em conjunto com os alunos, para que a materialização do conteúdo ensinado contribua com o processo de aprendizagem e se efetive a avaliação construtiva.

Remate

O processo de ensino aprendizagem que foi abordado na Oficina 1, exigiu método, conceito, conhecimento, arte, imaginação e metodologia avaliativa, pois a avaliação é um dos elementos do processo de ensino aprendizagem, é processo em construção.

O aluno em sala de aula não pode ser apenas um expectador, um receptáculo, um peixe fora do aquário. Ele precisa de estímulo, de objetivo, de visão futura, do caminhar para aportar em algo que dê significância a sua vida, ao seu cotidiano, que dê pertencimento e identidade pelo ato de sua criação.

O professor nesse processo de ensino aprendizagem é levado também ao ato de criação, é ele quem direciona as etapas para a construção do saber.

A *construção da avaliação* ou **avaliação construtiva**, os conceitos trabalhados como a formação do povo brasileiro pelo professor e alunos, os quais já foram mencionados na oficina 1, materializou esse ensino em aprendizagem. Temos para nós que quando o professor passa a entoar uma busca por outro processo de ensino aprendizagem, como o uso de outras linguagens, baseadas em atos criativos, ele passa a conduzir o alunado a pensar também em outras direções, atingindo o objetivo que é de ensinar e aprender.

Ilustração 45- A influência da língua e da arte.



Fonte: Ribeiro. Nov/2011.

... E ficamos a pensar!

*Tendo por berço o lago cristalino,
Folga o peixe, a nadar todo inocente,
Medo ou receio do porvir não sente,
Pois vive incauto do fatal destino.*

*O camponês, também, do nosso Estado,
Ante a campanha eleitoral, coitado!
Daquele peixe tem a mesma sorte.*

O PEIXE

*Se na ponta de um fio longo e fino
A isca avista, ferra-a inconsciente
Ficando o pobre peixe de repente,
Preso ao anzol do pescador ladino.*

*Antes do pleito, festa, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto.
Pobre matuto do sertão do Norte!*

Patativa do Assaré (Antologia poética)

CAVANDO O ALICERCE- A Criatividade em Geografia e a Prática Pedagógica.

Sobre a *criatividade* a visão abarcada se insere numa leitura de desvelamento do processo de criação, de como ela surge e diante de suas bases subjetivas transcende o estabelecido, o concebido, vai de encontro com o vivido, fazendo a leitura do espaço, do lugar, no nosso exemplo, a região do Cariri, compreendendo a cidade além de suas aparências e representações.

Outro exercício prático realizado pelos alunos de Estágio Supervisionado III foi abordar, com os alunos da graduação, o tema “Saúde pública”. Como esse assunto é tratado no Cariri, levando-os a uma visão mais crítica do espaço vivido.

Essa instalação partiu da proposta do professor pesquisador de materializar o conteúdo ensinado aos alunos sobre a cidade e a saúde pública, com foco na avaliação construtiva. Esse conteúdo (a cidade e a saúde pública) foi abordado em sala de aula, com o objetivo de ensinar a geografia crítica pautada na dimensão pedagógica de Paulo Freire, sendo o tema gerador a saúde pública no Cariri. O material de suporte foram os livros didáticos, textos, vídeos entre outras práticas pedagógicas para a realização da compreensão dos conteúdos.

Foram realizadas também oficinas pelos alunos a respeito do tema “Cidade, Urbanização e Saúde.

Como esse capítulo trata exclusivamente dos processos de criação, não trataremos aqui das aulas em si e o desenvolvimento do conteúdo na sua plenitude.

O que mostraremos neste capítulo é propriamente a Oficina 2, partindo do ponto de vista analítico a *forma*, a *estética* e não o conteúdo em si (a aula e a sua didática). E como o professor pode, por meio de objetos produzidos pelo homem, utilizá-los a serviço de uma aula que obtenha, no final do seu desenvolvimento, assertivas sociais. Dessa maneira, levamos o aluno a manusear pelos seus cinco sentidos, a sua prática, inserindo o conhecimento apreendido em uma construção executado por ele numa instalação geográfica.

Para essa estética e para prática relacionada aos sentidos, compactuamos com a visão de Marx, que em uma passagem sobre os sentidos, afirma que a música suscita no homem o sentido musical. Em sua concepção,

Somente pela riqueza objetivamente explicitada da essência humana pode ser em parte aperfeiçoada e em parte criada a riqueza da sensibilidade subjetiva humana. Isto é, um ouvido musical, um olho

capaz de colher a beleza da forma; em suma, sentidos pela primeira vez capacitados para um desfrute humano, sentidos que se afirmam como faculdades essenciais do homem (MARX, 2004, pg.110)

Tal orientação pautada no sensível tem um papel no seu desenvolvimento que é histórico, passa também pelas concepções dos discursos pedagógicos que ao longo do tempo trazem nas suas diretrizes acertos e erros, de fundamental importância para a expansão do pensamento humano.

Se, somos históricos no agir e no pensar e o homem se fez homem na sua diferença entre o animal por meio do trabalho, se justifica a sua criação. E sua função criadora no sujeito transformando a si mesmo, leva em conta as possibilidades e circunstâncias determinadas pelo grau de desenvolvimento, naturais, sociais e de produção.

Sobre o desenvolvimento e seus limites do papel ativo do sujeito na compreensão do seu papel histórico e seus períodos específicos da humanidade, Marx pondera que,

A educação dos cinco sentidos é trabalho de toda a história universal até nossos dias. O sentido subordinado a exigências práticas animais é um sentido limitado. Para o homem faminto, não existe a forma humana do alimento, mas apenas a sua existência abstrata como alimento; o alimento pode se apresentar indiferentemente em qualquer forma, ainda que seja a mais grosseira, e não se conseguirá dizer em que ponto a sua atividade nutritiva se diferenciará da do animal. O homem angustiado por uma necessidade não tem sentido algum, mesmo para o espetáculo mais belo; o mercador de pedras preciosas só vê o valor comercial delas, não vê a beleza e a natureza peculiar de cada pedra; ele não possui qualquer senso estético para o mineral em si. Portanto, a objetivação da essência humana, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista prático, é necessária para tornar humanos os sentidos do homem como para criar um sentido humano adequado à inteira riqueza da essência humana e natural (MARX, 2004, pg.110-111).

Portanto, cada obra tem a sua celeridade e a sua inspiração na atividade do homem. Em todos os campos de atuação do saber, cada obra e cada esfera de atividade se desenvolve por obra do sujeito criador, atrelado às suas criações, ainda em meio às críticas e polêmicas.

Para a ruptura do exposto, acreditamos no processo pedagógico que abarca a criatividade em geografia e a prática por instalações geográficas que tratam do cotidiano no plano do vivido, enfocando o teórico e a prática alimentados pela

pesquisa, a capacidade de observação, descrição e análise dos espaços e sua representação, o domínio de várias linguagens possíveis de serem usadas pela Geografia para que o aluno domine os conhecimentos geográficos.

Oficina 2- A Obra.

O que se espera do professor de prática de ensino em geografia? "Algo novo" - sentencia o aluno!

Mas, o que é o novo em um mundo em constante transformação? Metáforas assertivas num estado de catarse, em que a velocidade da fala segue rompendo barreiras do som e da velocidade da luz. Os dedos já não escrevem mais e sim digitam, os olhos não leem, recebem imagens, os corpos não mais apenas nascem, crescem se transformam e morrem.

Hoje os corpos são modificados, são extensões de aparelhos, próteses, a beleza é comprada em gramas, as curvas e as dobras são tencionadas, puxadas, esticadas siliconadas e postas à venda, viram notícias em bancas de revistas e programas televisivos viram mercadorias.

Para a compreensão desse mundo é necessária a construção dos saberes que, durante a graduação é de suma importância, quando esta se relaciona com as disciplinas do corpo teórico da Geografia (a sua epistemologia) e as disciplinas que compõem a licenciatura para a formação docente, como a de Metodologia do Ensino e as de Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado.

Assim, é preciso encontrar uma representação desse conteúdo teórico que envolva a prática da aprendizagem do aluno no espaço, pois, é no espaço que ocorrem as relações do vivido (LEFEBVRE, 2001)

Para o desenvolvimento dessa didática, sob o tema acima comentado, propusemos a usar da representação da paisagem, do lugar, deslocando-a para outra forma de expressão da linguagem, que resultou numa prática intitulada pelo professor pesquisador de **Instalações por Lanternas Geográficas**.

Esse trabalho requereu do aluno saber que saúde pública não se faz apenas por postos de saúde e hospitais. Apesar de terem sido essas as primeiras

impressões relatadas pelos alunos num questionamento prévio realizado pelo professor pesquisador.

A qualidade de vida também se faz presente, por uma jornada de trabalho adequada, pelo lazer, por saúde preventiva etc.

Com o desenvolvimento da aula e do conteúdo, os alunos notaram que são partes da não contribuição para a saúde pública, do desemprego, da qualidade da moradia, da educação e da falta de saneamento básico. Esses fatores, para Adriano, são assim refletidos:

A qualidade de vida de uma população depende de suas condições de existência, do seu acesso a certos bens e serviços econômicos e sociais: emprego e renda, educação básica, habitação, transporte de boa qualidade etc. É bom lembrar que o conceito de bem estar, de qualidade de vida, varia de sociedade para sociedade, de acordo com cada cultura (ADRIANO, 2000, pg.52).

Partindo da obra “Revolução Urbana” de Lefebvre, os alunos foram capazes de retratar e compreender a cidade e seus diversos significados e seus contrastes. Com a sua leitura, puderam encontrar.

Quantas pessoas percebem “perspectivas”, ângulos e contornos, volumes, linhas retas ou curvas, mas não podem ver, nem conceber, percursos múltiplos, espaços complexos! Não podem saltar do cotidiano – fabricado segundo as coações da produção industrial e do consumo dos produtos da indústria – para o urbano, que se libertaria desses determinismos e coações (LEFEBVRE, 1999, pg.38).

Nesse contexto, os alunos abordaram a saúde e a cidade, partindo de uma compreensão maior, realizando não só a descrição, observação, análise e contextualização, mas revendo os seus olhares sobre a cidade e a saúde pública, na região do Cariri, encontrando os seus sujeitos para que fosse realizada a construção de sua avaliação. Partindo da arte, a sua geografia inspirada no cotidiano, saíram a campo e registraram.

**Ilustração 46- Rio Salgadinho, Juazeiro do Norte/CE
Sofá boiando, devolução ingrata a natureza.**



Fonte: Luciano Alves Gadelha, aluno de graduação.
URCA. Data: 06/2011.

**Ilustração 47- Centro do Crato/CE. À espera de um milagre,
jogados à própria sorte.**



Fonte: Yngrid Erica S. Santos, aluna de graduação.
URCA. Data 06/2011.

Neste momento da avaliação por meio das instalações, manifesta-se a criação e o criador que se encontram no mesmo espaço. Pois, é o instante que exige do aluno, além da aprendizagem envolvendo determinado conteúdo, a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá manusear durante todo o processo de criação, ou seja, é uma relação constituída por contrastes.

No caso desse trabalho, por exemplo, a avaliação se deu individualmente, envolvendo atitudes, compromisso, formas de lidar com o processo avaliativo, criação e discussão. Quanto aos objetos a serem utilizados para representar o conteúdo proposto foram:

- Uma lata de 26 litros.
- 4 fotos preto e branco, capturadas em campo, com texto explicativo.
- Barbante, fita adesiva, cola e outros materiais.
- E o fundamental: a criatividade, para montagem e captura das fotos.

Ilustração 48- Aluna preparando o seu trabalho, a lanterna geográfica.



Fonte: Érica Angelim, aluna de graduação URCA. Data. 06/2011.

Ilustração 49- Em sala, alunos e professor verificando a montagem das fotos e textos produzidos para a exposição.



Fonte: Ivanildo Ferreira dos Santos, aluno de graduação.
URCA. Data. 06/2011.

Nessa construção os alunos se depararam com o problema: “como representar o que foi estudado, em uma lata de 26 litros?”, “como materializar o conteúdo em estudo numa obra de arte?”, “numa criação artística?”, “em uma instalação geográfica?” Para Lukács:

A criação artística, por conseguinte, enquanto uma forma de reflexo do mundo exterior na consciência humana está inserida na teoria geral do conhecimento professada pelo materialismo dialético. É certo que a obra de criação artística, dadas as suas peculiaridades, constitui um momento singular, com características próprias, da teoria materialista dialética do conhecimento; nela vigoram, muitas vezes, leis nitidamente diversas das de outros campos abrangidos pela referida teoria (LUKÁCS, 2009, pg.101).

A solução fornecida por Marx a respeito da estética enquanto a forma é retomada por Lukács,

com efeito, suscita dois grandes complexos de problemas relativos à essência estética de toda obra de arte e qualquer época: que significação possui o mundo assim representado do ponto de vista da evolução da humanidade? E de que modo o artista representa um dos seus estágios, no quadro geral dessa evolução? (LUKÁCS, 2009, pg.101).

As indagações feitas por Lukács sobre a forma artística devem gerar premissas como as que mencionamos anteriormente. As mesmas questões estão relacionadas no nosso caso em estudo das instalações, ao aluno e ao professor. Qualquer tomada de consciência do mundo exterior não é mais do que o reflexo da realidade, que existe independentemente das ideias, das representações, sensações, da consciência etc.

Lukács (2009, pg.66) afirma que somente Marx e Engels souberam realizar a inversão materialista da estética. Ele mostra que por meio da dialética materialista, tendo como base a humanização e a evolução do homem, as afinidades do homem com a natureza são mediadas pela base das relações de produção. E que puderam expressar corretamente e cientificamente a realidade, também no campo estético, ou seja, na arte e na composição dessas.

Para que a obra se estabeleça, há que se fazer durante as aulas uma preparação dos alunos antes do remate final, e instigá-los a pensar sobre o material possível de realizar a instalação.

O professor nesse contexto é quem conduz o que chamamos de “teia de ideias”, filtrando e tecendo as informações, o conteúdo em conjunto com os alunos. Em nosso trabalho sob o tema “saúde pública”, chegamos a um consenso, à montagem das lanternas geográficas, em um processo de construção conjunta, em que o professor foi o mediador, não tendo a palavra final e o saber, portanto, foi construído junto com os alunos.

Ilustração 50- As lanternas geográficas em exposição.



Fonte: Ivanildo Ferreira dos Santos, aluno de graduação.
URCA. Data. 06/2011.

Ilustração 51 - As lanternas geográficas em exposição.



Fonte: Ivanildo Ferreira dos Santos, aluno de graduação
URCA. Data. 06/2011.

Quando pronto esse trabalho dos alunos, ficou constatado mais uma vez a construção do conhecimento significativo, não somente por terem sido as latas penduradas, mas pelo processo que se desenvolveu ao longo de um tempo, construído para poder chegar a esse resultado. Na forma de instalações a afinidade do criador com a criação foi além do sujeito criador, estabelecendo uma relação com o público: outros alunos da universidade, professores e funcionários e visitantes locais, participaram dessa interação, desse movimento, num ato de aprendizado coletivo.

O Alicerce em: O Assombro- Criatividade em Geografia

Todo processo de criação, resulta em uma ruptura. Porém, toda ruptura não resulta num processo criativo duradouro, sem que tenha elementos teóricos fortes contidos em sua própria idealização.

Desde que comecei a pesquisar esse tema, a avaliação e a criatividade perpassando pela prática pedagógica, que desenvolvia em minhas aulas no ensino fundamental e médio, optei por desenvolver a construção da avaliação partindo de práticas pedagógicas pensando a arte e a geografia em conjunto para a formação de professores. Portanto, para compreender a criatividade e o processo de criação alguns estudos foram necessários, pois, o ato criativo não surge do nada, não é inato, ele é construído, é parte de um processo que se traduz numa obra, seja de arte, livro ou em novas descobertas científicas, são elementos que compõem o espaço social e a natureza, que se dá no plano do vivido.

Plano este que tem como elemento o cotidiano que se concretiza nas obras de arte, na construção de uma cidade, em aberturas de estradas, na construção de usinas hidrelétricas, portos, os mais variados equipamentos urbanos ou rurais, em projetos nos quais o homem idealiza e para tanto necessita de inspiração, de estudo, do pensar, do ato de intuir, de um momento que agregue uma totalidade. Conforme nos aponta Lefebvre,

Ninguna obra – ni la obra de arte propiamente dicha, ni la ciudad y la segunda naturaleza, etcétera – puede realizarse sin reunir todos los elementos y momentos, sin constituir una totalidad. Así en toda obra encontramos un momento técnico y un momento de la seriedad, un

momento social y un momento extrasocial, etcétera. (LEFEBVRE, 1983, pg.222)

O ato de criar, a obra em si, realiza-se diante de um momento do ato criativo, este inserido num momento social, temporal-histórico que se realiza no espaço. A obra como construção passa pela técnica, pelos sentidos que

Implica el juego y lo que está en juego pero es algo más y es otra cosa que la suma de esos elementos, de esos recursos, de esas condiciones y circunstancias. Propone una forma, que tiene un contenido multiforme sensorial, sensual, intelectual con predominio de tal o cual matiz de la sensualidad o de la sensibilidad, de tal o cual sentido, de tal o cual técnica o ideología, pero sin que ese predominio aplaste los demás aspectos o momentos. (LEFEBVRE, 1983, pg.222)

Para a criação temos uma forma, um conteúdo, que exige recursos e condições para o momento do devir. Esta forma, antes de se realizar, passa pela sensibilidade, pelo toque, pelo intelecto, pelo ato de intuir, pelos sentidos que se faz presente no cotidiano e que muitos intelectuais desprezam. É preciso ter um olhar mais preciso para o cotidiano, para o vivido.

Muitos autores tratam desse tema, a criatividade, mas poucos o fazem relacionado à Geografia. Para Yázigi (1996) “mundo tão complexo como é o nosso de hoje, a criatividade é um desafio cotidiano para a solução de problemas”.

Assim como o mundo é complexo, o conceito de criatividade é amplo, abstruso, difícil de definir, plural em muitas formas, na música, poesia, uma obra, um livro, no artesanato e não somente, de produzir algo diferente, inovador, novo, mas também de sentir, refletir, intuir, emocionar, atribuir significado e estabelecer relações. O que requer ideias próprias, de uma construção social, usando dos sentidos, da sensibilidade e do ato de comunicá-las de alguma forma.

Na obra de Nunes e Silveira (2009) são apresentadas algumas definições de criatividade, propostas por pesquisadores que permitirão uma compreensão melhor sobre o tema, como:

De La Torre,

Criatividade é a decisão de fazer algo pessoal e valioso para satisfação própria e benefício dos demais, (...) saber utilizar a informação disponível, tomar decisões, ir além do aprendido, mas, sobretudo, saber aproveitar qualquer estímulo do meio para

solucionar problemas e buscar qualidade de vida (LA TORRE, 2003, pg.17)

Pela ótica de Ostrower, ainda na obra de Nunes e Silveira (2009), “criar é basicamente formar. É poder dar forma a algo novo (...) o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. (OSTROWER, 1996).

Na definição de May (idem), “A criatividade como define o Webster, é basicamente o processo de fazer, de dar a vida”. (MAY, 1982, pg.39).

E, completando a coletânea de definições do termo, Davidoff afirmar que a criatividade se trata da “capacidade distinta de solução de problema que permite, às pessoas, ideias, produtos originais que são adaptáveis (que servem a uma função útil) e plenamente desenvolvidos.” (DAVIDOFF, 1983, pg.498).

Portanto, o ato de criar a criação em si nos mostra várias facetas, como caracterizam os conceitos acima colocados, que estão relacionados aos processos cognitivos e afetivos. “Em seu conjunto, deixam entrever a criatividade como processo eminentemente humano, que possui uma intencionalidade, um caráter transformador, subjetivo, ético, original, social e emocional”. (NUNES 2009, pg.140).

A pluralidade de ideias, as várias faces, o agir para “o” encontrar, faz do homem um perguntador. O ato de criar passa pela história remota do homem, transformando a natureza e se transformando, inventando novas técnicas, construindo as relações de produção no espaço, criando uma dinamicidade, relacionada ao desenvolvimento pessoal, social, cultural e científico de uma sociedade. Mas como isso surge, como dá esse processo de criação?

Há muitos estudiosos nesse campo como nos aponta, ainda, Nunes (2009). Segundo esse autor, Ribot, em 1900, propôs um estudo para o processo de criação. John Dewey em 1910 pesquisou esse tema, mas foi o matemático inglês do século XIX, Henry Poincaré, quem estabeleceu os quatro passos básicos para a solução criativa de problemas que, até os dias atuais, têm sido citados pelos autores do tema (GOLEMAN, KAUFMAN e RAY, 1992). Esses passos não são lineares, mas sim, dinâmicos, interativos e singulares em cada indivíduo. São eles:

1ª etapa- **Preparação**: está relacionada à imersão consciente, inicial, que a pessoa faz para encontrar a solução do problema com o qual se depara. É o momento de ser receptivo e saber ouvir. Por isto, gera certa tensão, expectativa frente ao que está por vir. É a etapa da mobilização interna para expandir limites e ir além do que já se sabe sobre o tema. Por isto, muitas vezes esse período traz angústia, vazio e até bloqueio.

2ª etapa- **Incubação**: é o momento de amadurecer, de gestar as ideias concebidas na etapa anterior. É hora de esperar, distanciando-se um pouco da obra, do projeto a ser criado ou do problema a ser solucionado.

3ª etapa-**Iluminação (Insight)**: é o momento em que a resposta para o problema ou para a obra desejada surge repentinamente. É quando encontramos uma solução ou um caminho. Contudo, ainda estamos no campo do pensamento, e não do ato criativo propriamente dito.

4ª etapa-**Aplicação/Verificação**: é o momento de dar forma à ideia, transformá-la em uma ação. É uma etapa que exige grande elaboração, afinal, estaremos criando algo para nós e para os outros.

O ato criativo não tem um tempo definido. Dependendo da proposta, da obra ou do problema, pode levar horas ou anos para a realização do ato criativo.

Ainda, para entender a criatividade e como ela se manifesta, Yázigi nos traz outro autor, Arthur Koestler que trabalha com o sistema bissociativo em que suas ideias são formuladas da seguinte maneira:

O pensamento ordenado e disciplinado é uma habilidade governada por um conjunto de regras do jogo, algumas das quais são explicitamente declaradas, outras implícitas e escondidas no código. O ato criativo, tanto quanto dependa de fontes inconscientes, pressupõe um relaxamento dos controles e uma regressão a modos de concepção que são indiferentes às regras da lógica verbal, imperturbáveis pela contradição, intocáveis pelos dogmas e tabus do chamado senso comum. No estágio decisivo da descoberta, os códigos de pensamento disciplinado são suspensos- como o são os sonhos, os devaneios e o vôo maníaco de pensamento, quando o córrego da ideação fica livre para deslizar através de sua própria gravidade emocional, numa aparente “irregularidade”. Tudo isso se dá a partir do que o próprio Koestler chama de “pensar de lado” ou pensamento lateral, que outros autores acabaram cognominando de “pensamento selvagem” (YÁZIGI, 1996, pg.399).

Para compreendermos a tese de Koestler, o que ele chama de sistema bissociativo, que é baseado em três manifestações do psiquismo criativo: o rir, a

descoberta e a arte, há um exemplo emblemático apresentado por Machado (2010) e utilizado por Koestler:

Na Grécia clássica, o tirano de Siracusa havia recebido como presente uma coroa de ouro, porém, como todos os tiranos, era um ser desconfiado e temia que pudesse se tratar de uma mistura de ouro e prata. Delegou ao famoso Arquimedes a responsabilidade de investigar se realmente era ouro puro ou não.

Arquimedes conhecia o peso específico do ouro e da prata. Porém, este conhecimento não adiantava muito, enquanto desconhecesse o volume da coroa, o único que poderia indicar para ele se ela pesava o suficiente. Como poderia medir o volume de um objeto tão irregular? Era impossível. Contudo, era sempre perigoso desobedecer às ordens de um tirano. Se pudesse fundir a coroa e colocá-la num recipiente! Esta idéia lhe veio à mente e imaginava que espaço ela ocuparia no recipiente uma vez fundida. Absorvido em seus pensamentos, Arquimedes começou a entrar na sua banheira dando-se conta de que o nível da água da banheira aumentava à medida que introduzia seu corpo. Então exclamou, “*Eureka!*”, e saiu da água. Havia encontrado a solução: não era necessário fundir a coroa porque a água deslocada era igual ao volume do corpo submerso na banheira.

Na mente de Arquimedes, haviam se associado repentinamente duas idéias que até então não estavam conectadas, e esta associação havia se produzido a partir de um elemento comum: ele já sabia que o nível da água de sua banheira aumentava quando entrava nela, observou que não tinha aparentemente nada a ver com o peso específico do ouro e da prata, mas, de repente, em virtude de uma tarefa de difícil execução, ambas as idéias se associaram e uma se converteu na solução da outra. Koestler chama isso de um “ato bissociativo”. O princípio é o seguinte: o ato bissociativo põe em contato duas matrizes sem ligações anteriores.

O que se percebe são as inversões lógicas de algumas descobertas científicas, e há outras inúmeras situações como Galileu Galilei, Pasteur (GLEISER, 2010, pg.268) com suas moléculas canhestras e destrás, a dinamite de Nobel, a prensa de Gutenberg, a união da física à astronomia feita por Kepler, ou quando Einstein bissociou a energia e a matéria, em que uma e outra mudam de aspecto, assim também como Darwin que “religou” a idéia da evolução biológica e a luta pela vida. Essas são as matrizes que se sucedem apontados os códigos, quebrando a regra existente, a lógica estabelecida pelo autor, mas quebrada pela bissociação, gerando a descoberta, a criação.

No entanto, temos que analisar que as mudanças, assim, como a ciência, se dão por uma historicidade daquilo que já está posto, criado. Voltando à teoria de Darwin, essa não aparece ter sido por acaso:

“Antes dele, já se praticava a seleção natural do gado na Inglaterra, desde o século XVIII (correlacionada com a seleção natural): já se falava em concorrência econômica e luta de classes (correlacionadas com sua concorrência vital); admitia-se a evolução da sociedade (correlacionada com a evolução das espécies). Disso tudo estava Darwin muito ciente” (YÁZIGI, 1996, pg.400).

Podemos analisar que a criatividade, o ato criativo, segundo alguns autores, estão presentes na vida do homem, são atividades ligadas ao cotidiano, ao fazer do homem, ao pensar e intuir para dada ou não solução que se espera. São muitas as relações, movimentos, pluralidades e complexidades que vão sendo descobertas devido às inúmeras técnicas descobertas pelo homem.

O que presenciamos e os exemplos acima citados dizem respeito ao campo das coisas físicas, biológicas etc. Mas e as descobertas no campo das ciências humanas como elas se expõem? Quais são os seus atos de criação? Na geografia, na pedagogia, filosofia, sociologia etc.

Para Yázigi a criatividade em Geografia pode dar-se sob variadas nuanças: enquanto percepção da realidade, enquanto interpretação de sua função, enquanto didática e acrescentamos, enquanto prática pedagógica ou meramente, ainda, enquanto forma.

Percebemos que com os adventos de novas descobertas da ciência e das técnicas, que as ciências em si acabaram sendo divididas em muitos campos de análise. Isso é visível em geografia, biologia, matemática e outras ciências que devido ao seu desenvolvimento e às novas descobertas científicas e técnicas, se repartiram, tornando os seus profissionais, profundos especialistas em dada área do conhecimento, mas com dificuldades de conhecer mais a fundo os estudos de um profissional de outra área.

Essa característica da especialização é muito importante e deve ser retida porque, ao falarmos de criatividade em geografia, importa saber de qual ramo da geografia se trata. Efetivamente, ela perambula de extremo que vão de uma camada geológica ao

sistema de produção numa indústria; do cotidiano das pessoas às estratégias políticas... Criar em um de seus subdomínios é, antes de mais nada, tentar situar-se em sua historicidade (YÁZIGI,1996, pg. 405).

A história das ciências nos mostra como pode ser diferente e estranho as descobertas em muitos campos dos conhecimentos e vindo de maneira diferente, coisas que estão na essência da criação.

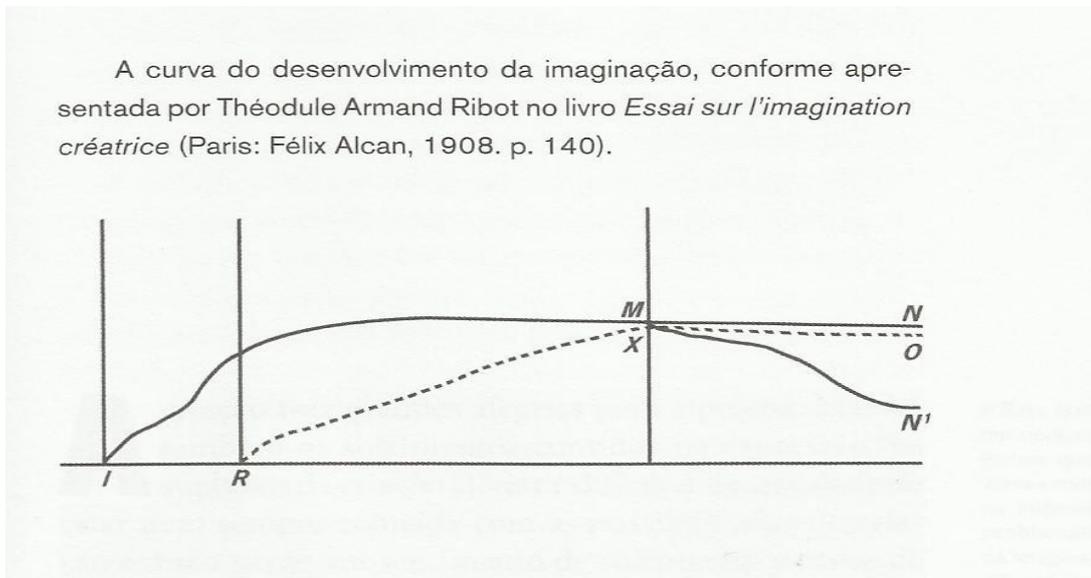
No entanto, as ciências humanas, aqui tratadas, em especial a geografia, correm o risco de não debatermos as mudanças, seus discursos e as interpretações do mundo, livres de padrões, já pré-estabelecidos a partir de uma coletividade científica que são referências fortíssimas de segurança, de sua atividade profissional e emocional. Sendo que para Edward De Bonno, um teórico da criatividade de nossos dias.

Indica que um de nossos principais empecilhos à criatividade está no sistema educacional que recebemos, baseado no sistema sim/não, certo/errado. Nada mais nocivo do que o “ou um ou outro”, porque elimina a possibilidade de espectro, de nuances. Do mesmo modo, grupos em que todos pensam do mesmo modo obstam à criatividade. Isso não quer dizer que são maus ou inconvenientes, mas que, diante de novos problemas, a resposta-padrão impede o surgimento de novas respostas (YÁZIGI, 1996, pg.408).

Esse padrão é persistente no modelo escolar, pois os mesmos seguem uma lógica formal baseada em métodos tradicionais, com o qual se quer o aluno pode se expressar no diferente e as avaliações são partes de um esquema em que se tira sempre uma média, um ponto, uma somatória, deixando o aprendizado em muitos casos à mercê das memorizações. Claro que isso não é regra e sabemos que há escolas que valorizam a criação.

A escola em si tem um significativo papel na criação de oportunidades, vários autores do campo da psicologia e psicanálise, têm apontado a infância como período crucial para o desenvolvimento humano, entre eles, Ribot, Freud, Piaget e Vygotsky. É na infância que os alunos se “assombram” com o mundo com o novo e essa capacidade inventiva e imaginativa tem um forte apelo na esfera da criatividade. É quando a sua mente está em expansão, livre ainda de pré- conceitos e de ideologias.

Ilustração 52 - Quadro do desenvolvimento da imaginação criativa.



Ribot apresenta simbolicamente o quadro da imaginação criadora, permitindo compreender a característica da imaginação infantil em relação ao homem adulto e seu período de transição. Essa lei de desenvolvimento chamado assim por Ribot e comentado por Vygotsky é formulada da seguinte maneira:

em seu desenvolvimento, a imaginação passa por dois períodos, divididos pela fase crítica. A linha IM representa a marcha do desenvolvimento da imaginação no primeiro período. Ela ascende bruscamente e, depois, mantém-se por um longo período no nível que atingiu. A linha RO, tracejada, representa a marcha do desenvolvimento do intelecto, ou razão. Como se vê pelo desenho, esse desenvolvimento da razão – coincidem. (VYGOTSKY, 2010, pg.45-46).

Nesse momento da infância e da adolescência que os alunos mediados por seus professores e colegas e pelo meio, podem descobrir seus caminhos. Porém, o que temos muitas vezes, são atividades repetitivas, classes homogêneas, respostas repetitivas e copiadas e restrição ao novo, à inovações a pensamentos criativos.

A criação traz grandes alegrias para a pessoa. Mas há também os sofrimentos contidos na expressão “os suplícios da criação”. Criar é difícil. A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento

penoso de que a ideia não foi para a palavra, como diz Dostoiévski³¹ (VYGOTSKY, 2010, pg.55).

Exercitar a criatividade não é deixar os alunos soltos, à vontade, sem indicar um caminho, é preciso orientação, direcionamento, conteúdo, objetivo e alegria, mas também, sofrimento e insistência no processo que envolve aquilo a ser criado.

Para um mundo que se apresenta em constante mudança, complexo e plural, o cotidiano é uma leitura do possível, é dele que os grandes artistas tiraram as suas inspirações, Newton, Einstein, Goethe e é neste mundo que a Geografia, enquanto disciplina, faz as suas leituras do espaço e da sociedade nas relações de produção. Portanto, é compreendendo a ciência geográfica, mas também, tendo na sua formação a aspiração para o novo, para a criação, que o professor dessa disciplina formará seus alunos para o inesperado, levando-os ao exercício da descoberta.

O professor deve ser formado para lidar com o novo e o inesperado. É importante permitir que o aluno discuta, avalie, reflita sobre conceitos, atividades, expressando suas opiniões sobre a realidade na qual está inserido (HAETINGER, 1998). É preciso oferecer condições para que o aluno se relacione, crie, invente e sinta prazer em aprender. Afinal, como vimos nas definições anteriores, criar é um ato intencional, voluntário e carregado de desejo, mas, para ser mobilizado, demanda oportunidades e incentivos (NUNES e SILVEIRA, 2009, pg.144).

Nesse processo de desenvolver a criatividade, deve o professor orientar os alunos a encontrar em seus pensamentos os caminhos para o novo,

possibilitando condições para que criem, em um clima aberto e motivador, ajudando a definir estratégias, reconhecendo o potencial e capacidade de cada um e, finalmente, orientando os resultados. Esse processo contribui para auto-aprendizagem por parte dos alunos. (TORRE, 2005).

Apenas uma Lasca:

"A mente usa a sua faculdade de criatividade apenas quando a experiência a obriga a fazê-lo." (Jules Henri Poincaré)

³¹ Dostoiévski, Fiodor Mikhailovitch. Escritor, poeta e pensador (1821-1881)

BULA

PARA SUBIR ESCADAS DE COSTAS³²

- **Indicação:** Em todos os estados em que há deficiência ou aumento das necessidades de pensar dialeticamente o espaço produzido pela sociedade.
- **Orientação:** A escada deve ser usada por pessoas de todas as idades, sem restrições. Não desaparecendo os sintomas, procure orientação.
- **Reações Adversas (adversas?):** O uso prolongado da escada durante o tratamento faz entender que a realidade é uma totalidade que envolve sociedade e natureza. Deve ser mencionado que se observou desigualdades e contradições sociais durante o processo de tratamento.
- **Contra-Indicações:** Ainda não foram relatadas contra-indicações para o uso em quantidades correspondentes às necessidades diárias.
- **Posologia:** Administrar ao menos um degrau por dia, preferencialmente pela manhã. Não interromper o tratamento. Ao final, todos os degraus devem ter sido ingeridos pra chegar-se ao concreto pensado.
- **Forma de apresentação:** O texto “Mau sobre Escaleras”, de Julio Cortázar é para se lido enquanto se sobe uma escada de costas, com as adaptações necessárias à realidade a ser observada, analisada, interpretada e pensada criticamente.
- **Conduta na superdosagem:** Não foi descrita superdosagem com este medicamento. Devido à elevada margem de segurança terapêutica nenhuma precaução é necessária.

ATENÇÃO: Este medicamento deve ser mantido ao alcance de crianças.

A compreensão implica na habilidade de traduzir a realidade, como nos coloca Soares (2001). A representação gráfica, textual, pictórica, painéis, cartazes,

³² SOARES, Maria L. de A. Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico. 2001, pg., 110.

dramatizações são maneiras fluídas de traduzir a apreensão da realidade. Assim subir escadas de costas é desvelar o primeiro véu da aparência.

O processo de criação como já apontamos é multifacetado, é dado em várias vertentes, tanto do conhecimento, como da criação. No texto exposto acima, “Bula”, a autora Soares (2001) apoiando-se em Julio Cortázar, desloca-se para o campo da criação, trabalhando de forma criativa a geografia, tirando da poesia e de poemas outra forma de linguagem para “o conhecer” geográfico.

Muitos autores, como Kaercher (2004), Callai (2006), Pontuschka (2007), nos apontam alguns caminhos, como a interdisciplinaridade, a música, o teatro a cartografia temática como elementos para superar o ensino de Geografia tradicional, abordando de forma lúdica a aprendizagem.

O termo utilizado “avaliação construtiva³³” como já frisamos acontece pela orientação do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não que tenhamos que descartar provas, exames e avaliações lineares, mas é preciso optar por um objetivo que leve o aluno a construir o conhecimento através da pesquisa objetiva real, da criação e da arte, em decorrência da ciência geográfica, em instalações.

Relacionar a geografia com a arte é uma ruptura palpável para a superação do cotidiano, que se estabelece num dado espaço. É nas profundezas do pensamento criativo, do ato insano aos olhos do estabelecido para que a criação se realize é nesse contexto que se apreende à geografia.

Encontramos então nesse espaço a resistência, na escola, na universidade, na sala de aula, no movimento das práticas pedagógicas, rasgando o que está posto pela construção de instalações geográficas, tem-se a vida cotidiana apontada por Heller:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade genérica a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade, embora esta o absorva preponderantemente.

³³ Se o leitor esqueceu como ocorre a avaliação construtiva, recorra ao capítulo anterior, sobre a avaliação por instalações.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade (HELLER, 1999, pg.17)

O entendimento dessa vida cotidiana e para que faça sentido à vida dos alunos na compreensão do espaço geográfico, torna-se necessário encontrarmos fissuras, pelas festas, nos desejos e, como Lefebvre (1989) nos aponta, só por uma revolução cultural permanente, para encontrar intervalos, subvertendo o Estado e o movimento de robô, dado pela eficiência produtiva e de consumo.

Para compreendermos os conceitos da vida cotidiana, cotidiano e cotidianidade mais precisos, Lefebvre exercita:

(...) “cotidiano” designa a entrada dessa vida cotidiana na modernidade: o cotidiano enquanto objeto de uma programação cujo desenrolar é comandado pelo mercado, pelo sistema de equivalências, pelo marketing e a publicidade. Quanto ao conceito da “cotidianidade”, ele ressalta o que é homogêneo, repetitivo, fragmentário na vida cotidiana: os mesmos gestos, os mesmos trajetos... (LEFEBVRE, 1989, pg.34)

Presente também em muitas escolas e universidades, as cotidianidades aqui representadas no formato das aulas, de avaliações, ditam de forma homogênea o pensar, o caminhar pedagógico de forma a padronizar num pensamento único o processo de ensino aprendizagem.

E nesse mundo com respostas funcionais, dadas de forma já vivenciadas, denuncia Soares,

(...) onde o homem se movimenta com instintividade mecânica e com sentido da familiaridade e das ações banais. A cotidianidade é uma cotidianidade reificada. É por isso, que ela “se manifesta com anonimidade tirania de um poder impessoal que dita a cada indivíduo seu comportamento, modo de pensar” (SOARES, 2001, pg.133).

E como romper a cotidianidade? Como por a prova e superar a vida cotidiana, na universidade, no ensino básico, onde os mesmos trajetos e gestos e fatos sociais, muitas vezes se repetem?

A crítica da vida cotidiana implica, pois, concepções e apreciações em escala de conjunto social. Ela conduz a isso. E não pode deixar de ligar-se a variáveis estratégicas: a uma estratégia do

conhecimento e da ação. Em todo caso, isso não significa que os procedimentos teóricos e práticos venham a fazer abstração completa da individualidade ou do autor ou do leitor. O autor assume uma responsabilidade pessoal nesta série de operações. Ele não empurra para nenhuma outra pessoa as implicações e os riscos, inclusive o risco de erro (LEFEBVRE, 1991, pg. 34-35).

Para Lefebvre “este método, que atinge proposições que concernem à globalidade social”, opõe-se ao empirismo, a coleta de fatos, pois não existem fatos sociais ou humanos sem ligação, do ponto de vista conceitual, ideológica, política, econômica e teórica, esses fatos ligados ao cotidiano são pretensos de materialidade global, representada por uma mais-valia global.

Tratando-se do cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade”, situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura) etc. Eis, a nosso ver, a melhor maneira de tratar da questão, o procedimento mais racional para captar nossa sociedade, penetrá-la e defini-la (LEFEBVRE, 1991, pg.35).

Para Lefebvre o cotidiano está ligado ao imediato, portanto à vida cotidiana não é auto-reguladora, se distinguem radicalmente pelas ligações interpessoais, que pretendem isolar o social pelo jogo de mercado e das propagandas direcionando ao pensamento único, dissecando as culturas, principalmente as locais – regionais, pela ordem global, mas que se definem no lugar.

A vida cotidiana se define como lugar social desse feedback. Um lugar desdenhado e decisivo, que aparece sob um duplo aspecto: é o resíduo (de todas as atividades determinadas e parcelares que podemos considerar e abstrair da prática social) e o produto do conjunto social. Lugar de equilíbrio é também o lugar em que se manifestam os desequilíbrios ameaçadores. Quando as pessoas, numa sociedade assim analisada, não podem mais continuar a viver sua cotidianidade, então começa uma revolução. Só então. Enquanto puderem viver o cotidiano, as antigas relações se reconstituem (LEFEBVRE, 1991, pg.39).

Essas relações são alcançadas pela atividade produtora e criadora. É a partir das festas, dos festins e festivais, assim como pelas atividades lúdicas, aquilo que

ainda não foi cooptado pelo capital, que pode trazer um novo sentido, recusando o cotidiano, reorganizando-o para dissolvê-lo e transformá-lo. Segundo Lefebvre afirma que

A obra e as obras “(a capacidade de criar uma obra a partir do cotidiano, dos seus altos e baixos – a possibilidade de fazer da vida cotidiana uma obra, para os indivíduos, os grupos, as classes)”. A reprodução das relações essenciais, o feedback já mencionado entre a cultura e a atividade produtora, entre o conhecimento e as ideologias, o lugar de nascimento das contradições entre esses termos, o lugar de nascimento das contradições entre esses termos, o lugar das lutas entre sexos, gerações, grupos, ideologias. O conflito entre esses termos e, por conseguinte, o intervalo profundo onde adquirem vida, no momento de seu nascimento, os antagonismos que explodem nos níveis “superiores” (instituições, superestruturas) (LEFEBVRE, 1991,pg. 43).

Esses conflitos engendrados na sociedade e presentes na universidade e no ensino básico, nas salas de aula onde o cotidiano muitas vezes não se faz na escala do micro (da sala de aula), pelas propostas levadas pelos professores de se trabalhar o conhecimento, os saberes e por serem as crianças e jovens imprevisíveis. Mas, na escala do macro, do concebido e percebido, que atravessa a sala de aula e que necessita de rupturas, de fissuras desse imediato, suspendendo esse cotidiano, esses momentos com festas, com a criação e com a arte.

Com Lukács (1974, pg.11-12), o trabalho criador, a arte e a ciência são procedimentos homogeneizadores que superam a cotidianidade. O trabalho criador, não alienado, a arte como uma suspensão (criativa) elevando a autoconsciência da humanidade e a ciência como processo de conhecimento e desenvolvimento da sociedade.

Na Universidade Regional do Cariri, partindo do trabalho criativo, em busca do novo, abrindo fissuras nas estruturas já soldadas pelo concebido, saímos a campo com os alunos nessa busca do direito da cidade e da saúde para a compreensão do cotidiano. Cotidiano exposto nos traços e rostos dos homens do Cariri, que vivem entregues ao poder público, encontrados nas vielas, ruas, hospitais e na cidade, denunciando o desejo por uma vida mais saudável.

Remate

O processo de ensino aprendizagem requer método, requer também criação, conteúdo e abordagem correta do professor. Acreditamos que para a superação da geografia tradicional ainda presente na escola e, sobretudo na universidade, seja necessário passar pelo ato criativo.

Não será possível superarmos a geografia posta nas escolas e nas universidades se os professores que estão em formação não acreditarem que é possível haver mudança no processo de ensino aprendizagem e se não ousarem em realizar atividades que saiam do “chão”. Vamos encontrar por muitos anos a mesma escola, com a mesma prática pedagógica, a mesma geografia e essa sem recheio, sem gosto.

Esse trabalho se fundamenta na criação, na construção do processo avaliativo, do saber do aluno, do artifício em buscar o conhecimento, essa construção não se dá apenas pelo ato da escrita numa folha, em que o professor coloca apenas as perguntas e o aluno dá a resposta. O aluno é levado a construir, com pesquisa, junto com o professor o seu processo de conhecimento, o seu processo de prática, que se manifesta no espaço, num dado lugar, no pátio ou não da escola ou universidade.

Em rota de colisão:

"Há pessoas que nunca se perdem porque nunca se põem a caminho." (Goethe)

EM CONSTRUÇÃO – Na Forma de Seixos: Pesquisa e Criatividade.

A pesquisa e a criatividade são elementos essenciais para a formação de professores em geografia. A necessidade de pensar a educação e novas práticas pedagógicas nessa área atravessa os caminhos da pesquisa, mas ela por si só, não consegue se converter em resultados duradouros. É necessário encontrarmos no processo de criação, outros resultados que levem tanto a geografia acadêmica como escolar a sair do chão, da “mesmice”.

Portanto, trabalhar com pesquisa e criatividade, aliada ao método de avaliação por construção, as instalações geográficas, pode ser um dos caminhos para que o professor em formação desenvolva novos conhecimentos e metodologias para a prática em sala de aula.

O presente capítulo compõe a tese com subsídios para professores de prática de estágio supervisionado na formação de novos professores.

Esse texto se desenvolve a partir da pesquisa e da criatividade, e a realização de uma prática pedagógica como fonte importante e didática para a formação de professores. Iniciamos com uma “obra”, apresentando o ensino criativo, abordado em uma prática pedagógica na Universidade Regional do Cariri, fomentando assim, a teoria e a prática desenvolvida pela pesquisa e a criatividade do professor e dos alunos.

Para o “alicerce” desse texto nos perguntamos: “É a pesquisa que nos move?” “Como a vemos?” Abarcando, desse modo, questões sobre a pesquisa na universidade para a formação de professores e a aplicação e sua importância para escola.

Em seguida, apresentaremos o sobressalto, como a pesquisa e a criatividade poderão contribuir para a formação do professor e do aluno, tanto na universidade como na escola básica.

Finalizando com o “remate”, abordamos a importância da pesquisa e da criatividade para a formação de professores e a necessidade de ampliar essa aprendizagem na universidade.

Formar professores, educadores, docentes, tutores, a lista de sinônimos é extensa, mas nos remetemos nesse texto a usar o termo clássico³⁴: formar professores. Que passa pela universidade, realiza as disciplinas do corpo teórico em geografia e as didáticas pedagógicas, mais o Estágio Supervisionado.

A importância da pesquisa aqui tratada será no âmbito tanto da sala de aula escola/universidade, relacionada aos alunos como para os futuros professores/estagiários.

A necessidade de encontrarmos um caminho que dê sustentação a uma formação adequada a novos professores de Geografia, passa sem dúvida pela pesquisa como nos tem alertado outros pesquisadores que trabalham com esse tema, e acrescentamos o ensino por criatividade e a avaliação por instalações.

Para isso nos perguntamos: “É possível o estágio se realizar em forma de pesquisa?” Ela pode ser uma estratégia, um método e uma possibilidade para a formação de futuros professores que estão em formação e uma possibilidade para os professores que trabalham com os estagiários na escola.

Apesar da importância da pesquisa, é necessário, no entanto, levantarmos alguns de seus limites. As escolas públicas oferecem espaços de reflexão coletiva e de pesquisa para seus profissionais? É possível criar e desenvolver um trabalho de análise nas escolas cujo corpo docente é rotativo? Qual o interesse dos sistemas públicos para com a educação? Sendo que adotam políticas com práticas autoritárias e de desqualificação dos professores e não há interesse em investir na valorização e no desenvolvimento profissional dos docentes?

Há ainda a formação inicial dos professores, em muito limitada. Frágil na prática e na teoria. Depois de formados, nem prática nem teoria são objeto de pesquisa, perdendo-se no processo posterior ao alcance do título da graduação.

Identificar esses limites permite que se encontrem formas de superá-los. O estágio abre possibilidade para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a serem desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio (PIMENTA, 2008, pg.51).

³⁴ No sentido pedagógico, aquele que faz um curso de graduação, licenciatura.

A importância que tem para o aluno estagiário a vivência e compreensão do espaço escolar somado à pesquisa que o motive a interagir nesse espaço nos remete ao conceito de professor - crítico- reflexivo e professor pesquisador.

Para ser reconhecido como “professor- pesquisador”, é preciso não apenas ser capaz de empregar uma conduta reflexiva de análise e de resolução de problemas, mas também de produzir metodicamente mecanismos e ferramentas pra a intervenção, de explicitar seus fundamentos e de avaliar sistematicamente seus efeitos (Meirieu, 1988). Portanto, não há ruptura, mas continuidade, entre o “prático reflexivo” e o “prático- pesquisador” (Paquay). (PERRENOUD, 2000, pg.140).

Para se tornar esse “prático reflexivo” e “prático-pesquisador” é preciso o professor em formação mobilizar saberes, a um discurso lógico e de confronto dialético entre a teoria e a prática, que se estabelece num campo em que muitos profissionais da educação não estão envolvidos, que é o da formação contínua. Como salienta Paulo Freire, somos seres inacabados.

É importante ressaltar a ideia de um professor-reflexivo que procure na pesquisa, na construção de uma atitude e busque no cotidiano, uma realidade e uma autonomia para a compreensão dos processos de aprendizagem.

A perspectiva de se trabalhar de forma investigativa pressupõe uma mudança de atitude perante o conhecimento. Significa ultrapassar a visão da prática pedagógica como simples transmissão de um conhecimento pronto e acabado que os alunos não possuem e implica outra concepção de educação, de acordo com a qual o conhecimento é visto à luz de seu processo de produção e apropriação, como produto social de contextos históricos determinados – revelando-se, portanto, algo provisório, em permanente processo de construção e reconstrução (PONTUSCHKA, 2007, pg.96).

A investigação acadêmica, a ida à biblioteca, o manuseio de um livro ou produto científico podem significar para os alunos, uma experiência inédita, pois muitos chegam ao ensino superior sem ao menos passar por uma biblioteca, sem ao menos terem se sentado e lido um livro numa mesa de biblioteca ou laboratório, ter consultado bancos de dados, dissertações, teses e monografias. Muito menos ter acessado dados em rede virtual e isso pode ser de fundamental importância para terem acesso ao conhecimento produzido pelo meio acadêmico e desenvolverem a

capacidade de analisá-lo criticamente, observando o ponto de vista histórico- teórico -metodológico.

Tendo a investigação e a pesquisa como concepção de educação, a pesquisa envolve o pensar e o aprender:

Sabe-se que são consideráveis as deficiências do professorado em relação ao aprender a pensar, de modo que eles próprios necessitam dominar estratégias de pensar e de pensar sobre o próprio pensar (...). Parece claro que às inovações introduzidas no ensino das crianças e jovens correspondam mudanças na formação inicial e continuada de professores. Todavia, tanto em relação à formação das crianças e jovens quanto à formação de professores, importa não apenas buscar os meios pedagógico-didáticos de melhorar e potencializar a aprendizagem pelas competências do pensar, mas também de ganhar elementos conceituais para a apropriação crítica da realidade. É preciso associar o movimento do ensino do pensar aos processos da reflexão dialética de cunho crítico, a crítica como forma lógico-epistemológica. Pensar é mais do que explicar, e para isso as escolas e as instituições formadoras de professores precisam formar sujeitos que desenvolvam capacidades básicas de pensamento, elementos conceituais, que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se ante a realidade, apropriar-se do momento histórico para pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (Zemelman, 1994, apud Libâneo, 1998, pg, 86-87).

É importante que o professor desenvolva a capacidade de análise, além de dominar os conteúdos. É preciso utilizar ferramentas que compreendam a realidade do mundo, no período histórico, fornecendo aos alunos elementos para que possa interagir, ter uma visão integrada dos processos e intervir na construção desse mundo de forma crítica.

No entanto, diante do quadro histórico no qual se apresenta a sociedade moderna, onde o visual e midiático, passageiro, informacional de respostas rápidas, impressas, no papel, na tela ou via “MSN”/ “SMS”, de um mundo tecnológico, de teclas ou de toque permite a interação rápida entre as crianças e adolescentes, cada vez mais cedo, a perda de concentração ocorre facilmente. Isso quando usado de modo exagerado como mostram as pesquisas na área (GRAEML, 2004).

Partindo do exposto sobre a sociedade atual, dessa perda de concentração e o do desinteresse das crianças e adolescentes em sala de aula, desde o nível Fundamental até o Superior, exige-se a formação de professores em geografia que

atuem com competência, pesquisa e criatividade frente a essas demandas sociais e culturais.

É urgente pensarmos em novas práticas pelo ponto de vista teórico, didático e pedagógico, que confrontem esse cotidiano, portanto, apostamos na pesquisa e a criatividade em geografia para a formação de professores.

O que virá? As fotos abaixo indicam um caminho, *in* processo, em estado pedagógico.

“Uma vez entregue ao reino das imagens contraditórias, a fantasia reúne com facilidade tudo o que há de espantoso. Faz convergir às possibilidades inesperadas”.
Bachelard.

Ilustração 53 - Montagem.



Ilustração 54- Nome do evento.



Fonte: Ribeiro, data: 07/2012. Fonte: Ribeiro, data: 07/2012. Em montagem, a instalação geográfica intitulada “Encruzilhada’s America’\$”, realizada na Refesa, local de exposição cultural do Crato/CE. Alunos preparando as suas instalações.

Ilustração 55- Pai e filho.



Fonte: Ribeiro. 07/2012.

Ilustração 56- Olhares do público



Fonte: Ribeiro. 07/2012

Na ilustração 27, o pai de um aluno participando, ajudando-o na montagem de sua instalação. E na ilustração 28, o público em visita, observando os trabalhos.

No tópico a seguir, abordaremos a prática pedagógica com mais propriedade, como já frisado: o estado pedagógico em processo.

Oficina 3- Obra: Ensino Criativo, Pesquisa ação - Instalações Geográficas

Diante do exposto até aqui sobre a criatividade para romper com o cotidiano, na prática da construção do saber, gerenciado pela **avaliação construtiva**, apresentamos umas das práticas criativas desenvolvidas pelos alunos na URCA. Essa atividade abordou “O continente americano”, em oficina didática realizada pelos alunos que trabalharam o conteúdo teórico do continente americano, sugerido no currículo do oitavo ano do Ensino Fundamental. Sob esse prisma, os alunos universitários manifestaram o conteúdo em uma avaliação construtiva, desenvolvendo-se numa instalação geográfica.

Para encontrar essa prática, essa didática, os alunos utilizaram de diversas linguagens: encenação, materiais diversos, música, dinâmicas, vídeo etc., e das categorias da geografia, deslocando-a do livro didático para outra forma de expressão da linguagem e da pesquisa, finalizada na construção das instalações geográficas.

Exemplificando a didática escolhida, apresentamos:

- 1- Abordagem por estimulação sobre o que conhecem sobre o assunto retratado, no caso o continente americano;
- 2- O conteúdo programático foi sugerido pelo professor pesquisador aos alunos para que a partir desse tema direcionassem as suas aulas nas oficinas realizadas em sala na URCA;
- 3- A proposta do professor pesquisador sobre as realizações de oficinas didáticas teve relação com o uso exagerado do livro didático nas escolas, as quais em visita às mesmas, onde os alunos realizam sua regência, ficou comprovado o uso excessivo desse material como única fonte de conhecimento.

Portanto, a realização das oficinas com os alunos na universidade foi uma tentativa, diante do processo de ensino aprendizagem, de levá-los a superar as formas como se trabalha com determinados conteúdos geográficos utilizando apenas do livro didático. Nesse caso, apresentamos a eles a necessidade de encontrar outras fontes de conhecimento sobre o assunto, assim como, outros recursos necessários para o ensino da geografia escolar.

As referências do conteúdo foram selecionadas do livro didático “Trilhas da Geografia”, de João Carlos Moreira e Eustáquio de Sene. Lembramos aqui que essa foi apenas uma sugestão para os alunos e eles deveriam pesquisar em outros livros e procurar por vídeos e textos que abordassem o conteúdo:

Localização e regionalização; ■Características gerais; ■Regionalização pelo critério físico; ■Regionalização por critérios socioeconômicos; ■América Latina; ■América Anglo-Saxônica: Relevo e Hidrografia; ■Principais formas do relevo; ■Rios e lagos; ■Vertentes da América Clima e vegetação; ■Fatores do clima; ■Latitude; ■Relevo; ■Massas de ar; ■Grandes massas de água; ■Tipos climáticos; ■Clima Tropical; ■Clima Equatorial; ■Clima Subtropical; ■Vegetação; ■População e economia da América.

Também foi sugerido aos alunos para as oficinas os livros de “As Veias Abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 e “Visões do século 21”, de Douglas Michalany, São Paulo, 2001.

Indicamos também um *site*, que contém artigos, literatura, poesia e música, GP de mídia e culturas digitais. O mesmo traz uma referência a uma imprensa alternativa popular sobre a América latina: http://www.latinoamericano.jor.br/quem_somos.html > 15/04/2012.

É importante salientar que durante a execução dessa pesquisa, o professor pesquisador foi aluno da disciplina: Formação Docente e a Construção do Conhecimento Escolar no Ensino de Geociências, no curso de Pós-Graduação. A mesma foi ministrada pela professora Dra. Sonia Maria Vanzella Castellar, que convidou o Prof. Dr. Alfonso García de La Vega para apresentação da metodologia de aprendizagem baseada em problemas ABRP ou PBL (sigla em inglês: problem based learning).

De posse dessa metodologia optamos por realizar o PBL com os alunos da Universidade Regional do Cariri, pois a importância de tal prática só é efetivada se realizada.

Em sala com os meus alunos, depois de expor a eles como iríamos tratar o assunto em questão, “o Canal do Panamá”, dentro do contexto dos estudos sobre o continente americano, introduzi como estratégia o PBL. Os alunos ao estudar o Canal do Panamá tanto sobre os aspectos físicos como humanos e as suas relações sociais e de produção, levantaram uma questão: “Por que o nível do oceano Pacífico é mais alto que o do oceano Atlântico no canal do Panamá?” Depois de eliminarmos outros tantos questionamentos, ficou este estabelecido para o desenvolvimento do problema.

Então, os alunos passaram a levantar premissas que respondessem a questão, num primeiro momento, aplicadas ao senso-comum, depois fomos para a pesquisa mais apurada, utilizando da ferramenta de pesquisa com os buscadores da internet.

A metodologia trabalhada com o PBL (*problem based learning*, “o ensino baseado em problemas”), a nosso ver, tem estreita relação com os temas geradores de Paulo Freire. Na sua concepção temos que levantar um problema e esse problema levantado é tratado de forma mais específica, buscando na pesquisa a sua solução, gerando dúvidas que são pertinentes, levando aos alunos a solucionar o problema em questão. Ou seja, parte-se de um problema, podemos dizer tema, e buscamos a sua solução.

Essa estratégia metodológica foi utilizada pelo professor pesquisador para que os alunos também tivessem a par das diversas metodologias possíveis para se trabalhar a geografia escolar, adicionando a essa metodologia as oficinas em salas para que os alunos desenvolvessem as suas práticas pedagógicas em referência aos conteúdos. Nesse caso, o Continente Americano.

A pesquisa rendeu um caloroso debate, em torno das placas tectônicas, das fossas do atlântico, da pangéia etc. Deixamos a questão em aberta e como exercício

foi pedido a eles que me entregassem um plano de aula abordando a questão, seguindo os passos que realizamos com o professor La Vega³⁵.

A bibliografia utilizada pelo professor pesquisador na atividade com a metodologia “PBL” encontra-se em: LA VEGA, Alfonso García de. Aplicación Didáctica del APrendizaje Basado em Problemas al análisis Revista de Didácticas Específicas, nº 2, pp. 43-60. 2010. E, em: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella e MUNHOZ, Gislaine Batista (org.) Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos. São Paulo: Xamã, 2012. 223p.

Após a exposição sobre essa metodologia que aplicamos para auxiliar aos alunos em sua formação, passamos a um segundo momento.

- 1- A partir do segundo momento, os alunos formaram grupo de quatro pessoas, para apresentar em sala, a América do Norte e seus respectivos países nos aspectos humanos e físicos³⁶ geográficos. O mesmo se deu com a América Latina e América do Sul;
- 2- Conteúdos teóricos e delimitação do processo histórico e uso de mapas físicos e políticos;
- 3- Ensaios e erros, apresentação de imagens e mapas;
- 4- Relações entre fatos e conceitos;
- 5- Questionamentos a respeito do tema e conhecimento apurados;
- 6- Avaliação construtiva, por instalações geográficas;
- 7- Produção de textos.

Nesse exemplo, os objetos a serem utilizados para representar o conteúdo proposto depois de uma longa discussão em sala, passando pela “teia de ideias” foram:

- Madeirite, espessura de 4 mm.
- Martelo, prego.

³⁵ Não expus os planos de aula dos alunos, por julgar desnecessário, pois estávamos no início das atividades e eles passariam a lecionar nas oficinas o conteúdo acima já exposto.

³⁶ A preocupação da dicotomia foi levantada em sala, e discutida, para tanto essa atividade “aula” os alunos foram estimulados a compreender a necessidade de trabalhar em conjunto esses dois aspectos geográficos, humano e físico.

- Furadeira, parafuso, arame.
- Barbante, fita adesiva, cola, uma boneca despedaçada e outros materiais.
- E o fundamental, a criatividade.

Nessa construção os alunos se depararam com o problema: “Como representar o que foi estudado, no nosso caso *o continente americano e seus países*, em um madeirite no formato de um corpo ou não?”

Essa prática pode ser realizada em grupos de quatro pessoas e envolvem atitudes, compromisso, criação, formas de lidar com o processo criativo e discussão integrando o grupo ou os amigos e a família inevitavelmente tende a participar. Em alguns casos ao se envolverem no conteúdo abordado, a liderança é apontada no grupo no momento da distribuição das tarefas e materiais a serem arranjados.

As instalações sobre o Continente Americano foram realizadas fora da Universidade, no centro cultural (Refesa) no município do Crato/CE. A relação do público junto à obra foi de interatividade, novamente repetindo as experiências anteriores do ato de aprendizagem coletiva e, ao mesmo tempo, única para os envolvidos.

A seguir, um trecho original do relatório de uma das experiências realizadas pelos alunos, sobre o que significa abordar os conteúdos curriculares, pautado na pesquisa e na avaliação construtiva:

O presente relatório vem detalhar a instalação geográfica sobre as Américas, nesse caso em especial a Argentina, meu país escolhido para o trabalho. A instalação foi realizada em 18 de julho de 2012, no Centro Cultural do Araripe (Refesa), na cidade de Crato-CE, sob a orientação do professor Emerson Ribeiro, responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado II da Universidade Regional do Cariri – Urca.

Tudo teve início na sala de aula, quando o professor expôs durante as aulas que realizaríamos a instalação citada. Para melhor entendimento do trabalho que iríamos fazer, apresentamos em sala de aula aos demais colegas e ao professor aspectos físicos e humanos das Américas aos quais fomos contemplados. Realizamos essa atividade em equipes, de maneira diferenciada. Concluídas as apresentações, cada aluno escolheu um país no qual queria trabalhar sua instalação, dessa forma cada um pesquisou profundamente sobre seu determinado país.

Para que pudéssemos ter noção de como seria esse trabalho, e para um maior embasamento lemos e discutimos o texto “A criatividade em geografia, prática pedagógica e avaliação:

lanternas geográficas” de autoria do professor Emerson Ribeiro, dentre outros inúmeros assuntos, fotos e relatos de trabalhos anteriores que tiveram êxito com a supervisão do mesmo. Mas ainda não era o suficiente, essa instalação não seria comum, teria que ser apresentada de forma criativa e inédita. Para tanto o auxílio do professor, dos demais colegas, dos parentes, amigos, colegas de trabalho, vizinhos, enfim a participação de todos foi de fundamental importância para a execução da mesma.

Escolhi e trabalhei o país Argentina citado acima, o mesmo faz parte do grupo dos países que compõem a América do Sul. Para complementar as informações da instalação a Argentina possui como idioma oficial o espanhol; 92,1% da população é católica; sua capital é Buenos Aires, com uma média de 39,7 milhões de habitantes, em uma área de 2.780.092 km² – 8ª maior do mundo e atualmente o país tem um índice de alfabetização de 97%. No entanto outros dados me chamaram a atenção e dessa maneira investi neles, utilizando materiais que encontrei no meu cotidiano.

O material de base foi um compensado de 04 mm, medindo 0,75 de largura por 1,60 de altura, sendo utilizado na sua totalizada, sem cortes ou desenhos. Para as representações comecei usando um prato de ágata pintado na cor prata, pois destaca bem a origem do nome Argentina, que vem do latim argentum, que significa prata (foto 01); no segundo elemento utilizei uma lata seca de milho verde e grãos de soja, que representam os principais produtos da agricultura local (foto 02); em terceiro uma saia provocante vermelha com renda preta que vem demonstrar o tango, que é o ritmo mais conhecido da Argentina, o tango é uma dança provocadora, corporal, próxima, explícita, sensual, este ritmo tipicamente argentino nasceu em Buenos Aires por volta de 1977 (foto 03); em quarto a culinária se caracteriza por uma grande importância das carnes, vinhos e empanadas, quase tudo é assado, os argentinos têm diferentes técnicas de churrasco e assim manifestei a culinária com um espeto de ferro, carne assada e carvão (foto 04); prosseguindo a expectativa de vida dos argentinos é de 75 anos, manifestada aqui pelos fios de cabelos brancos que perdem sua cor natural e pelo maracujá que mostra a pele enrugada, que perde sua elasticidade com o passar dos anos (foto 05); continuando tem uma panela com uma lâ de aço, a panela é um símbolo de uma manifestação argentina “panelaço”, a população insatisfeita com diversas temáticas, saiu as ruas com gritos e faixas de protesto, batendo em panelas e exigindo mudanças (foto 06); em seguida tem o mapa da argentina em uma colcha de retalhos (tecido) e um trecho da música Disneylândia que diz “Filho de imigrantes russos casado na Argentina com uma pintora judia, casou-se

pela segunda vez com uma princesa africana no México...”, que quer dizer que naquele país existe uma extrema diversidade de grupos étnicos, influenciada pela migração européia, e todos convivem naquele espaço, tornando sua cultura peculiar (foto 07); para finalizar, mas não concluir, a identificação do país, sua localização na América do Sul e sua bandeira (foto 08); e por último a imagem de uma visão geral da montagem de todos esses elementos citados e caracterizados nesse relatório (foto 09).

Confesso que quase fico louca durante o amadurecimento das ideias e a montagem propriamente dita, pois foi o primeiro trabalho que realizei nesse processo de criação. A experiência é única tanto na montagem, quanto no dia 18 que foi a exposição das instalações geográficas, ficou surpreendente e formidável ao final de tudo. Acredito e espero que no decorrer de minha vida profissional como professora, possa aplicar uma avaliação tão boa assim com os meus alunos, para que sintam a mesma satisfação que passei naquele dia.

Segundo Ribeiro, relacionar a geografia com a arte é uma ruptura palpável para a suspensão do cotidiano, é nas profundezas do pensamento criativo, do ato insano aos olhos do estabelecido que a criação se realiza, é nesse contexto que se apreende a geografia.

Agradeço a todos que me ajudaram, e em especial ao professor que inovou com essa instalação geográfica sobre as Américas, apesar dos contratemplos ocorridos, a experiência me fez crescer como pessoa, e enriquece ainda mais minha futura vida profissional de professora³⁷.

A primeira impressão que temos do exercício e do relato da aluna em questão foi de que o seu conhecimento exposto no texto tem base apenas no ensino tradicional³⁸. Haja vista a aluna não ter escrito o texto permeado por críticas referentes ao conteúdo. Não concordamos com tal premissa, pois os signos e símbolos que a aluna traz na sua apresentação requerem da mesma um desenvolvimento do seu ato de conhecer, o ato prático e mental que passa pelos seus cinco sentidos que ela trabalha, “mecanicamente”, ao longo do seu texto.

Quando a aluna apresenta os dados da Argentina, por exemplo, antes de ela mostrar em números ela fez a localização da Argentina na América do Sul. Pontuar a localização exige conhecimento espacial, lateralidade. Além disso, ela também

³⁷ Aluna do VI semestre de Geografia, Teresa Cristina de Souza. Relatório final apresentado após o evento.

³⁸ Ver nota número 2.

estabeleceu resultados econômicos e de população, apresentou as condições sociais a partir da dança do tango, mostrou a relação da sociedade com a política e suas lutas por meio do ato do “panelaço”. Ainda mostrou um mapa da Argentina como uma colcha de retalhos, fazendo referência a música Disneylândia do grupo musical Titãs, em referência a miscigenação da população.

Chamamos a atenção para esse tipo de intervenção, que não está explícita no texto da aluna, os elementos da simbologia que requereram dela o conhecimento sobre várias dimensões da sua pesquisa. Pois estabelecer códigos entre os saberes, exigiu recursos e reflexos do mundo material para a composição do que foi estabelecido, foi praticado. Mesmo que o professor pesquisador e a aluna tenham, juntos, levantado as ideias sobre os signos trabalhados.

Ilustrações 57- Explicação contendo as fotos abaixo, compostas pela aluna:



Foto 01 (Prato prata)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 02 (Milho e grãos de soja)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 03 (Saia vermelha com renda preta)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 04 (Espeto, Carne, Carvão)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 05 (Cabelo branco e Maracujá)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 06 (Panela e Lã de aço)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 07 (Mapa Argentina colcha retalho)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 08 (País explorado)
Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012



Foto 09 (Imagem geral da instalação geográfica – Argentina)

Fonte: Teresa Cristina. Em 07/2012

Em outra abordagem sobre a pesquisa e a criação, como ela se manifesta nos dando sustentação para a nossa tese, na construção da avaliação, apresentamos o trecho do relatório de outro trabalho realizado por uma aluna do VI Semestre:

Representando a Guatemala³⁹

A Guatemala é considerada o berço da civilização Maia, marcando assim a historia daquele País. Sendo o terceiro maior país da América Central. Limita-se ao Norte e a Oeste com o México, ao Sul com o oceano Pacífico e a Leste com Honduras, Belize e El Salvador. Sua economia baseia-se predominantemente na agricultura empregando grande parte da população. A cultura da Guatemala recebeu uma forte influencia dos Maias.

³⁹ Aluna do VI semestre em Geografia Cicera Pereira da Silva. Texto no original. Foto (grifo nosso)

A instalação foi pensada na economia e em alguns traços da cultura deste País, como também suas vestimentas, pois essas características são marcantes. Sendo agricultura a característica que mais se destaca, desta se extrai o café, pois os Guatemaltecos tem um jeito próprio de produzi-lo sendo considerado um dos melhores do mundo para o consumo. A vestimenta desse povo difere-se de outros países por serem roupas ricas em cores e um colorido que gera uma combinação entre si.

Ilustração 58- Anexa Figura 01:



Fonte: internet

O meu trabalho surgiu a partir desta imagem acima ao consultar o professor Emerson Ribeiro sobre o País que iria realizar o trabalho, ele sugeriu que fizesse uma pesquisa mais apurada daquele país, inicialmente ia falar sobre os vulcões da Guatemala. Ao realizar algumas pesquisas na internet vi esta imagem acima citada e logo tive a ideia de representar desta maneira.

Portanto, fui à rua comprar o material para confeccionar a instalação, nessa ida a rua subindo e descendo deparei-me com umas peças de decoração que me chamou atenção, era a figura de umas mulheres feita de resina e as mesmas não tinham cabeça. A partir daí desabrochou-me as ideias, então pensei que poderia colocar como cabeças nessas peças umas cestinhas com o que significava a economia dos Gualtemacos como o café e etc. Tentei comprar aquelas peças de decoração porem não dava, pois o preço não era acessível, mas logo pensei em usar bonecas com roupas coloridas onde iria mostrar também o jogo de cores que aquele povo costuma vestir-se. Queria muito mostrar e economia da Guatemala, mas

aquele povo colorido era o que mais me chamava atenção, então pensei também em usar carrinhos colorido com os produtos da economia deste país, onde foram representados pelo café em grão e em pó, o algodão e o feijão. Então comecei a comprar tecido, bonecas, carrinhos, feijão, cestinhas, material escolar e etc.

Na organização, produção e distribuição deste trabalho sobre a madeira destaquei o café onde é representado pelos trabalhadores deste País com cestas na cabeça, contendo o produto que por eles é cultivado, enfocando assim as cores e um pouco da forma de vestir-se desse povo.

Ilustração 59- Instalação pronta.



Fonte: Ribeiro, Emerson. 20/07/2012.

Houve certo cuidado para que a ideia em questão fosse exposta de forma em que os visitantes da exposição tivessem uma impressão e entendesse este trabalho. A realização do mesmo foi bem marcante devido à quantidade de informações que se adquire em sua confecção e também como foi importante representar um lugar desconhecido com objetos e símbolos. Foi uma experiência muito legal e que arrancou dos visitantes e colegas de sala entusiasmo ao ver a Guatemala representada de tal forma. E finalmente vi a importância deste trabalho, pois me proporcionou algumas trocas de informações dos demais países que fizeram parte desta instalação.

A aposta da aluna no seu ato de conhecer sobre a Guatemala e o que mais lhe chamou a atenção, nos mostra que o ato de ensinar e aprender não está apenas baseado nas relações puras dos conteúdos a serem ensinados em sala de aula. E o ato da pesquisa a leva a outros interesses, como ela afirma no seu texto. É possível entender que existe um momento no ato da construção do saber que e é quando o aluno está pronto para perceber a realidade a sua volta.

Para nós a arte e a geografia se revelam como campo de ação. Por elas temos a esfera da sensibilidade e dos sentimentos, da intuição e da imaginação. É no espaço que a arte se mostra com autoridade e na sua forma e conteúdo, a geografia escapa ao conceito e recebe na ciência a sua verdadeira consagração como salienta Hegel (1974).

Também é na arte que o pensamento se revela, longe dos conceitos apreendidos do imediato, do “em-si”. De início, o conceito escapa, para mais tarde, depois que foi posta a intuição e a imaginação, receber os elementos da pesquisa, da ação, do para em si, do ato que participa da vida, do cotidiano.

Se a arte dirige-se ao homem, a sua concepção, a idéia, e esta não é um processo mecânico, os seus aspectos que abordam a sensibilidade, o ato sensível se habita nas relações com o tempo e o espaço. Apoiado em Hegel: são abstrações gerais do sensível.

Hegel resume as ideias relativas à obra de arte em três proposições seguintes:

1º As obras de arte não são produtos naturais, mas produtos humanos.

2º As obras de arte são criadas para o homem e, embora recorram ao mundo insensível, dirigem-se à sensibilidade do homem: de um modo próprio, a arte confina com o mundo sensível, mas é difícil traçar o limite entre ambos.

3º A obra de arte tem um fim particular que lhe é imanente. (Hegel, 1974, pg. 114)

Com essas proposições temos o seguinte pensar sobre as obras de arte, e no nosso caso as instalações, que atendem a imaginação. Não são direcionadas mecanicamente, elas escapam, *a priori*, do conceito. E se encontram na ciência. São criadas para a sensibilidade do homem, para denominar em muitas vezes um caminho, para realizar a crítica, para estabelecer uma ordem na desordem, fazer pensar, sentir pensar.

Para Hegel a arte se dá no ideal, uma manifestação sensível da ideia e não na construção do desenvolvimento da consciência ela é apenas participante, e permeia os campos do singular e do universal, reacendendo no particular. Diferente de Lukács, que também aposta na arte como um processo da elevação da consciência sensível do homem, mas que em muito busca em Hegel, o desenvolvimento de sua teoria.

A arte tem um papel na sociedade, desde os gregos. Isso já levantado por Hegel e explorado por Lukács, passando pela arte religiosa e chegando ao mundo moderno. Observa-se esse desenvolvimento pelo reflexo artístico, a capacidade que nós temos de nos reconhecermos, criticarmos pela nossa memória individual, levando a autoconsciência do desenvolvimento da humanidade.

Para Lukács (2009, pg.34) “a arte é uma manifestação particular dessa tendência geral. Ela é uma manifestação individual e social, de modo ao mesmo tempo contraditório e unitário; e por isso mesmo é criadora de tipos”.

Para o telhado – É a pesquisa que nos move?

Se nos remetermos a um passado distante, observaremos pelos livros das ciências que muita coisa mudou na relação do Homem com a produção do espaço/tempo.

Inúmeras pesquisas tanto no campo comportamental, social, cultural, pedagógico educacional, como técnico, de ferramentas, máquinas, química, física e biológica, também de material genético. Entre tantas outras áreas que abrangem a arte, a guerra, a tecnologia, engenharia, comunicações e serviços, foram criadas e pensadas, a partir de pesquisas baseadas em ensaios de erros e acertos, laboratorial, teóricos ou não, de associações e simulações, visando o bem coletivo, um sistema ou uma dada sociedade.

A sobrevivência da espécie humana está atrelada à capacidade que o Homem tem de criar, inventar, duvidar e de dominar o espaço para a sua vivência, conhecer o clima, o planeta, o mar, saber interpretar e se comunicar com as diversas vidas presentes no planeta. Isso o levou a novas descobertas no campo do saber,

utilizando-se do intelecto e do seu corpo, criando esse mundo material pela projeção de sua mente.

Poderíamos dizer que o ato de criar segue a premissa da curiosidade, que nos remete aos questionamentos e dúvidas sobre a nossa existência, de onde viemos e para onde vamos nessa imensidão do universo. E na ânsia pelas respostas, caminhamos em direção a muitas perguntas moldando o mundo com as nossas projeções mentais.

O processo de sobrevivência do Homem enquanto ser social se dá pelo ato de responder a algo de sua necessidade ou de outros e para outros. Sabemos que o Homem modela o espaço conforme as suas conveniências, para isso ele é provocado a buscar e a pesquisar para encontrar as respostas.

Para encontrar as respostas foi necessário concentrar, em um dado espaço, pessoas para pensar, pesquisar, testar para poder chegar aos resultados. Esses espaços são chamados de escola, universidades ou centros de pesquisa.

É na escola que a maioria das crianças aprende (ou deveria) a pesquisar e entender porque as coisas funcionam, a sociedade e a interação do meio, produzindo uma relação de reciprocidade e resultados, mesmos que sejam parciais.

É também na escola que encontramos um profissional que tem de atender e fomentar a pesquisa motivando seus alunos ao conhecimento, abstrato ou concreto, de formulações, induções ou experimentação.

Quando se trata de formação dos profissionais da educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação (MEC) nos indica que um dos problemas a ser enfrentados nos cursos de licenciatura refere-se à importância que não se dá à pesquisa.

Um das questões que nos leva a pensar sobre o porquê de tantos profissionais que trabalham com formação de professores há muito tempo apostam e escrevem sobre a necessidade do professor em formação ser também um pesquisador, é porque a pesquisa para a formação desse profissional tem uma relação entre teoria e prática na vida profissional: do formado e em formação. E, nesse sentido, nos perguntamos: “A universidade não está realizando o seu papel?”, “Ou o profissional depois de formado abandona a pesquisa devido à alta carga horária de trabalho?”, “Não encontra no cotidiano a inspiração necessária, devido à

burocracia?”, “Ou torna-se cômodo a reprodução da geografia apenas pelos livros didáticos?”

Muitas indagações poderíamos aqui levantar, porém não é o objetivo central do nosso tema verificar os motivos que muitos professores recém formados deixam de pesquisar, de escrever seus próprios textos e de ensinar os seus alunos a pesquisarem, mais vale a reflexão sobre.

Devemos ressaltar aqui que em muitos casos o ensino “didático-pedagógico” para muitos professores universitários não é relevante (apesar de algumas universidades timidamente começarem a pensar sobre esse papel), muitos não têm a preocupação com ensino e pesquisa como ressalta Pontuschka (2007).

Cabe aos cursos de licenciatura, em especial o de geografia, o trabalho de formar o professor, e esse aspecto deve ser bem examinado.

“É a pesquisa que nos move?”, “Como formar bons profissionais que após deixar a vida acadêmica, continue a pesquisar e atuar na relação teoria e prática?”

Nessa perspectiva, a formação do professor continua a ser um processo que, de um lado, se explica e se mantém pelo isolamento, pela fragmentação e, de outro, pela atomização de determinados espaços: o espaço do conteúdo é ainda o das disciplinas específicas, e o da formação pedagógica, em geral, é caracterizado pela instrumentalização metodológica (FAZENDA, 2008, pg.102).

A formação pedagógica deve ter a mesma importância que as disciplinas específicas, pois a influência que o professor tem sobre o alunado é de grande importância e pode em muitos casos deixar impressões positivas ou negativas.

A preocupação com os conteúdos selecionados, também pode levar os professores recém formados a trabalhar o conhecimento a favor ou contra os interesses do alunado e da sociedade.

Visto dessa forma, o conhecimento como processo de construção tem como premissa a valorização da pesquisa-ação e seu processo de investigação, entre outros métodos o de reconhecimento do mundo.

(...) é importante a pesquisa na educação de professores. Pesquisa significa compreender o mundo, mediante respostas que construímos sobre esse mesmo mundo. Essas respostas são expressão da interação entre sujeitos e objetos. Pesquisar pressupõe conhecer o outro – o outro sujeito, o outro objeto. O ato de pesquisar é um ato de conhecimento: portanto, é parte do processo de educação, ou seja,

“consiste em aceitar e respeitar o outro desde a aceitação e respeito a si mesmo” (SUETERGARAY, 2002, pg. 110).

Se a pesquisa é necessária para a formação de professores, também devemos pensar: “Que educação se quer?”, “Que geografia se quer para o professor em formação?”. É a partir do cotidiano, do lugar que podemos construir um conhecimento geográfico que atue na universidade partindo do ensino básico num movimento de coexistência.

É nessa coexistência que a prática pedagógica requer de si reflexão crítica constante, criação e recriação do conhecimento, das metodologias do ensino, da didática e estratégia aplicada, o que pressupõe investigação permanente do formador e do formado.

A importância de pensar como são produzidos os conhecimentos por eles ensinados e como são avaliados, pode ser um caminho para a reflexão pedagógica e epistemológica. Na medida em que os conteúdos deixam de serem fins em si mesmo e passam a ser meio para desvendar a realidade e interagir no cotidiano, passa-se a ter uma visão articulada e crítica do mundo.

A pesquisa aqui ressaltada como pedagógica educativa leva o aluno a pensar e a partir do seu mundo, interagir e agir sobre sujeitos e objetos posto no espaço, ampliando a sua espacialidade, direcionado pelo professor na escola, na sala de aula.

Para Demo (1992), mais importante que as aulas e a transmissão de conteúdos é abrir espaço para que o aluno trabalhe com temas de pesquisa. A avaliação geraria em torno da produção própria e não consistiria em provas calcadas nos conteúdos desenvolvidos nas aulas.

Porém, algumas perguntas são básicas quando se trabalha com pesquisa, bem como algumas soluções se fazem necessárias para reflexão e divulgação:

- 1- O que fazer? Colocar o tema a situação problema;
- 2- Por que fazer? Estabelecer os motivos que justifiquem a pesquisa;
- 3- Para que fazer? O que se pretende alcançar com a pesquisa, objetivos gerais e específicos;
- 4- Como fazer? Definir procedimentos metodológicos necessários para visualizar as técnicas e a processo a ser utilizado;

- 5- Onde fazer? Especificar o local o campo de atuação, delimitar a área;
- 6- Com quê fazer? Delinear os instrumentos de pesquisa que vão ser utilizados e como vão ser aplicados;
- 7- Quando? Definir etapas e cronogramas, o tempo necessário para a pesquisa.

Para ensinar a pesquisar é preciso que tanto o professor formador como o formado, aqui ambos em formação, na universidade e na escola criem situações e condições didáticas que estimulem a curiosidade e a criatividade.

Sobressalto - Pesquisar exige criação, criatividade.

Todo processo de criação parte primeiro da imaginação: ponto inicial subsidiado pela intuição, associação de objetos e sujeitos que compõe o espaço material ou imaterial, virtual, uma ideia que surge partindo dos elementos do cotidiano.

Idealização que começa com a grande explosão, a da consciência humana. Desde a origem dos tempos, a consciência é o que impulsiona a atividade criativa, na linguagem, nos gestos, nas formas, nas projeções, no ato de um ser que cria.

A consciência “representa muito mais que o *big bang*. Sem consciência, a realidade e a fantasia carecem de significado; é como se não existissem, pois, o que era para nós o *big bang* antes de os cientistas o descobrirem?” (TORRE, 2005, pg. 19).

O que seria do homem primitivo se a grande explosão da consciência não se manifestasse? Viveríamos ainda nas cavernas.

O potencial gerador do desenvolvimento técnico e humano alimentado pela criatividade humana nos tornou o que somos atualmente, o instinto gerador da sobrevivência alimentado pela criação humana na busca pela defesa espacial do corpo e mais tarde da propriedade, sem entrar nos méritos da linguagem, fez com que o Homem inovasse as ideias, estabelecendo normas de convivência, regras, sistemas econômico, educacionais e culturais. Portanto, creditamos à explosão da consciência e seu desenvolvimento, a investigação, a solução de problemas, a pesquisa sobre a vida e sua continuidade num dado espaço que por nós passou a ser produzido.

A multiplicidade de ideias, a explosão da consciência, junto com os elementos da ação do homem, fez dele um questionador, o ato de criar passa pela história antiga do homem, desde a comunidade primitiva até o nascimento das sociedades de classe. E diante desse processo da explosão da consciência, vem transformando a natureza, usufruindo dos recursos naturais pela invenção de novas técnicas e se transformando, construindo assim, as relações de produção e de sociedade.

Mas como isso surge? Como se dá o processo de criação?

Henry Poincaré que estabeleceu os quatro passos básicos para a solução criativa de problemas, como já abordamos no capítulo sobre a criatividade, afirma que esses passos não são lineares, pois são de intensidade de busca para o novo.

Que se resumem a “preparação, incubação, iluminação e aplicação”. Em que podemos analisar que a criatividade o ato criativo, segundo alguns autores, estão presentes na vida do homem. São atividades ligadas ao cotidiano, ao fazer do homem, ao pensar e intuir para dada ou não solução que se espera, são muitas as relações, movimentos, pluralidades e complexidades que vão sendo descobertas devido a inúmeras técnicas descobertas pelo homem.

Essa pluralidade, esse sobressalto aparece e se manifesta na tenra idade em diversas situações sociais e culturais.

É na escola que o papel da criação deve ser estimulado pelo professor, a escola tem significativo papel na criação de oportunidades. Autores do campo da pedagogia e da psicologia têm apontado a infância como período decisivo para o desenvolvimento humano. E o professor é o grande mediador, que deve ser estimulado durante a sua preparação na universidade, como a continuar a buscar na criatividade, na pesquisa e no cotidiano, elementos que ajudem na sua contínua formação.

A profissão de docente requer em muito a participação da imaginação, da criação, para que o estímulo parta do professor e chegue aos alunos. Esses códigos, essa linguagem do novo deve permear o campo restrito e espacial dos alunos como se fossem códigos a serem decifrados. Em outras palavras, tem que recorrer ao visual, ao tato, à experimentação, ao corpo, a exemplos, materiais e recursos etc., que encontre e facilite a aprendizagem.

Estimular a aprendizagem é investigar novas formas de propor algo novo, um conteúdo que leve o aluno a pesquisa e a investigação, a forma como o docente trata os conteúdos a serem ensinados requer diálogo entre a pesquisa e a criação, criando situações inusitadas, surpreendentes, incríveis, que levem a motivação e inspiração, projeto de sua imaginação criativa.

Quando um professor não dispõe do material adequado, ele pode adotar uma tripla postura: conformar-se com o que tem, buscar outro ou criá-lo. Pois bem, um exemplo bem real são os professores de artes que com materiais descartáveis são capazes de realizar trabalhos surpreendentes. E como fazem? Se perguntarmos, obteremos respostas como estas: imaginação, experiência, combinação de ideias e materiais. A experiência é uma fonte inesgotável de criatividade (TORRE, 2005, pg.144).

É essa experiência que o formador e formado e em processo de formação tem na relação entre docente e o discente. Sendo a interação o fator determinante do rendimento, do estímulo criativo. Um ensino pautado na investigação, pesquisa e criatividade gira em torno da interação entre formador e formado, entre docente e o discente. Em que o clima de confiança, de segurança e de compreensão se estabeleça de forma mútua e respeitosa.

Quando isso não ocorre, a frieza, a desconfiança, o conflito entre professor e aluno, tanto a pesquisa como qualquer possibilidade de criação e criatividade que estimule o ensino, assim como a aprendizagem, passa a nos afastar do ensino criativo, motivador que leva a investigação e a criação.

Portanto, a relação entre professor e aluno deve ser positiva, para que ambos alcancem o objetivo, o novo no ensino, na aprendizagem.

O novo e inesperado tem as mãos da criatividade, do ato criativo, e em muitas vezes o cotidiano é o que nos fornece a inspiração, a visão. O olhar para baixo, as pequenas coisas já criadas, em movimento ou em estáticas, pode ser uma fonte de imaginação. O cotidiano estabelece as regras, as condutas, dita ao professor e ao aluno o caminho a perseguir no processo de ensino aprendizagem.

REMATE

A pesquisa e a criatividade têm um papel na formação do formado e ambos em processo de formação para a solução de problemas, de equacionar o que está a mais ou a menos, podemos dizer que é o catalisador ou um canalizador.

Formar professores para a pesquisa sem a criatividade, sem aguçá-la de alguma forma a criação, o seu instinto criativo é continuarmos sem alterar o processo de ensino aprendizagem. É ver uma geografia morna chegar aos bancos escolares, é ver a geografia tradicional, descritiva continuar a triunfar, serena e calma diante de um mundo agitado.

Exercitar a criatividade é inventar e a invenção é o objetivo do ensino. Pensar sobre algo é dar sobressaltos, é uma ação da inteligência. É preciso duvidar. A dúvida nos leva a um caminho, a uma direção, a um conteúdo, a um objetivo a um ato a ser criado, inventado pesquisado.

Para tanto, é preciso expor-se ao mundo, caminhar entre os sujeitos e objetos, entre as cidades, campos, escolas, expor-se ao cotidiano e a uma cotidianidade, retirando a inspiração e a imaginação para o novo, para um ensino aprendizagem que saia do chão.

Formar o docente requer também do formador processo didático criativo, que estimule o docente em formação à criatividade e que para esse, também, estimule o discente ao ato criativo. Como aponta La Torre (2005): problematizar, climatizar, estimular, estimar e orientar, tanto para o erro como para os acertos.

Erros e falhas no processo de ensinar e aprender ocorre diante do processo de desenvolvimento do aluno. É nesse momento que o professor deve introduzir dúvidas sobre tais resultados. Não lhe dando as respostas diretas, mas fazer com que o aluno pense sobre tal situação, lhe oferecendo alternativas, como a pesquisa e a investigação para que ocorra o ensino criativo.

É na dúvida e duvidando que a interação entre conhecimento e informação e resultados podem aparecer na pesquisa/investigativa, tendo como condutor o ensino criativo. Ou seja, é diagnosticando o estado da arte na geografia e abarcando o cotidiano visando à pesquisa e a criatividade que este contribuirá para o processo de formação dos professores.

Ilustração 60 - Corrupção no Brasil, um caos absoluto.



Fonte: Amorim, Fabrício. 20/07/2012.

A foto acima representa o trabalho do aluno Luan Paulo Lima e Silva, do VI semestre de Geografia, que trabalhou o Brasil enfocando a crítica à corrupção. O texto que segue é de autoria dele⁴⁰.

(...) Enfim, a materialização da corrupção foi elaborada com o intuito de desmitificar e desestruturar a capital do país, visando promover uma metáfora da corrupção vivenciada na atualidade. Expondo elementos que simboliza a podridão dos atos corruptos.

Partindo deste pressuposto capturando a essência deste aspecto, trouxe elementos como ratos, dinheiros corroídos, teias, poluição nos rios, buracos, e etc. para que o trabalho reproduza um aspecto de caos.

Diante disso, os ratos neste sentido faz referência aos políticos, em um ambiente sujo e podre, tais elementos expressa que as ações corruptas vêm para destruir toda a esfera política do poder Executivo, Legislativo e Judiciário e fragmentando os poderes dos ministérios, contudo a organização e o planejamento deles é notável, caracterizando quadrilha altamente articulado, para simbolizar essa junção com os demais, foi posto algumas teias, indicando a união dos

⁴⁰ Como é um texto longo limitei aqui, dar referencia a parte que ele analisa seu trabalho, exemplificando o porquê dos ratos, que aparecem nas fotos entre outros elementos. (Conforme o original).

mesmos para desenvolver meios de obter benefícios pessoais não legais.

Os ratos trazem consigo uma ideologia de corroer o dinheiro público, transmitido as ações de utilização do poder para conseguir vantagens e fazer uso do dinheiro público para o próprio interesse.

Na mesma, Ilustração 32, do lado esquerdo, para quem faz a leitura tem outro trabalho representando o Equador. Sobre este, a aluna⁴¹ autora reflete sobre as instalações geográficas e o processo de pesquisa e construção.

O trabalho com as Instalações Geográficas consistiu numa missão muito trabalhosa , onde a parte mais difícil não é fazer a pesquisa sobre o país, mas sim materializar as principais características encontradas.Nesse momento é necessária muita criatividade, além de outras pessoas colaborando através de sugestões e até no momento da própria construção, por exemplo.Nesse ambito o auxílio do professor orientador deste trabalho assumiu importante papel através da socialização das ideias sobre o trabalho, que foram discutidas em sala de aula.Através dessa discussão foi possível acatar novas sugestões e direcionar melhor as ideias.

Pude perceber que a relização de um trabalho desse tipo dá muito mais resultado do que se fosse somente a pesquisa com um texto escrito, por exemplo.Após todas as etapas para a construção da Instalação, tudo o que foi pesquisado não some da mente, ao contrário fixa-se, mostrando que nesse caso sim houve uma situação de aprendizagem.Deste modo, esse tipo de atividade é muito viável sim para a educação básica, até porque além da pesquisa sobre o país ele envolve também essa parte artistica, através da montagem do boneco e a exposição do trabalho. Com certeza os alunos iriam mostrar otimos resultados tanto no ensino aprendizagem , quanto no desenvolvimento de suas habilidades artísticas.

Por fim posso concluir que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, obtive bons resultados, tanto na aprendizagem como no sentido de gratificação em ver aquele trabalho concluído.Além do mais , pude ver também a criatividade de meus colegas com a construção de instalações belíssimas.Com certeza, valeu a pena todo o trabalho realizado

⁴¹ Vanessa Martins Lopes, Aluna do VI semestre de Geografia, (Texto conforme o original)

pois o que importa é o produto final, a Instalação pronta e o conhecimento adquirido, sendo assim creio que os resultados foram muito satisfatórios.

Em estado de catarse, fica-se aberto sempre um novo parágrafo, pois com Bachelard, “Na formação do espírito científico, o primeiro obstáculo é a experiência primeira, a experiência colocada antes e acima da crítica – crítica esta que é, necessariamente, elemento integrante do espírito científico” (GASTON, 2011, pg. 29).

Experiência que deve ser vivenciada na universidade, na formação de novos professores que lidem e tratem a pesquisa como fundamento primeiro da experiência prática criativa, descobrindo novos rumos para a geografia escolar.

Deixamos o ar entrar: "Morre lentamente"

"Morre lentamente
quem se transforma em escravo do hábito,
repetindo todos os dias os mesmos trajetos, quem não muda de marca
Não se arrisca a vestir uma nova cor ou não conversa com quem não conhece.
Morre lentamente
quem faz da televisão o seu guru.
Morre lentamente
quem evita uma paixão,
quem prefere o negro sobre o branco
e os pontos sobre os "is" em detrimento de um redemoinho de emoções,
justamente as que resgatam o brilho dos olhos,
sorrisos dos bocejos,
corações aos tropeços e sentimentos. (...)
Evitemos a morte em doses suaves,
recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior
que o simples fato de respirar. Somente a perseverança fará com que conquistemos
um estágio esplêndido de felicidade".

Martha Medeiros

EM ROTA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS- SUA GÊNESE

No movimento do tempo:

“A necessidade geral da arte é a necessidade racional que leva o homem a tomar consciência do mundo interior e exterior e a fazer um objeto no qual se reconheça a si próprio”.

Hegel

Apresentamos uma metodologia e um processo de avaliação para a sala de aula baseada em instalações geográficas para a formação de professores, realizada na Universidade Regional do Cariri com os alunos da disciplina de Estágio Supervisionado.

Sabemos que escola está inserida nas relações de produção e não escapa do conceito de reprodução, sobre o movimento desta sociedade ao nível global. E essa particularidade da escola em sair do local e fazer a transição para o global experimenta a dificuldade das relações de exploração de dominação e de poder que implicam nas relações daqueles que decidem e que executam, tanto no nível da política como do pedagógico.

Em se tratando de escala geográfica quando apontamos a necessidade da escola se deslocar do local para o global devido à política neoliberal adotada pelo país a partir da década de noventa. Nesse sentido, apontamos que as influências políticas têm estreitas ligações com o econômico, sujeitando o espaço escolar público a políticas que tramitam a nível mundial/nacional, interferindo nas políticas locais. Essas políticas acabam chegando à sala de aula, onde os seus projetos pedagógicos visam à permanência e o enriquecimento de uma já abastada classe social.

Quando no início do século XX, no Brasil, a escola passou a atender as demandas postas pela produção industrial, a mesma tornou-se “a escola” para as massas, para a produção, em que a instrução primária era necessária para a formação de uma mão de obra para a indústria.

A escola é pensada para formar uma mão de obra para a indústria, mas é só nos anos 70 do século XX no Brasil que ela se torna de massa, tendo sua

arquitetura e estrutura interna parecidas com as fábricas têxteis e automotivas, na qual a ordem e a disciplina, a fila, e o sinal para o almoço ou a hora do descanso, também chegam à escola.

Essas características levam o espaço pedagógico a ser repressivo. São claras as proposições sobre a escola e seus atributos no que dizem respeito à pedagogia pensada para as relações de produção e de sociedade. No entanto, é com essa escola e universidade, com esse saber, com o qual lidamos no cotidiano que pretendemos, com a criação, com a arte e as instalações geográficas, subverter tanto o espaço pedagógico como a geografia escolar.

O alvo dessa reflexão que trata da metodologia para as instalações geográficas é sem dúvida a possibilidade de encontrar novos caminhos para a geografia escolar, no que tange ao ensino aprendizagem, a formação de professores e a avaliação.

Porém, são inevitáveis algumas considerações sobre os limites e potencialidades desse processo metodológico, quando este é apresentado e trabalhado pelos estagiários nas escolas e na universidade.

Na universidade o mesmo problema se dá com a pesquisa, com um diferencial: os alunos universitários entregam textos, há o debate e, quando o texto não contempla o que era esperado, é solicitado que seja refeito.

Quando se trata do “texto de volta”, ou seja, segundo texto, nem todos entregam ou entregam o mesmo. Essa é a maior falha, porém, a instalação é realizada, devido ao debate em sala de aula, que passa a auxiliar o aluno na composição de sua explicação e montagem da sua instalação. Até para parte dos alunos universitários, a Instalação em si passa a ser o trabalho de melhor aproveitamento de conteúdo no processo de ensino aprendizagem.

Já apontamos no decorrer do texto, uma análise sobre os relatórios de estágios, nos quais pudemos perceber os entraves e seus avanços quando essa mesma abordagem metodológica de conteúdos é trabalhada pelos alunos no estágio supervisionado.

Começamos pelos limites quanto a esse processo metodológico trabalhado com as instalações geográficas pelos alunos nas escolas públicas do Cariri.

As dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionadas prioritariamente à pesquisa, especialmente quando se trata da produção de um texto. Produções que não são feitas com rigor, com clareza sobre as ideias, quando se leva em conta uma pesquisa detalhada sobre os conteúdos abordados.

Ressaltamos também o tempo a que os estagiários são submetidos nas escolas. Atualmente a nossa grade curricular exige 100 horas de regência na escola, no Estágio III, que é realizado durante o oitavo semestre, porém, sabemos das dificuldades encontradas pelos alunos quanto à execução do mesmo, por vários motivos que envolvem uma dinâmica da própria escola.

Assim sendo, como o tempo para os estagiários desenvolverem o conteúdo e aplicar a metodologia apreendida na universidade se limita ao momento do estágio (não se trata de um professor assumindo sala de aula), alguns passos acabam não sendo trabalhados adequadamente, “queimando” ou “pulando” etapas importantes, como é o caso das “Teias de Ideias”.

Poucos foram os alunos que relataram ter conseguido fazer esta etapa com o tempo devido, ou seja, a apresentação da pesquisa e discussão pelos alunos e professor. O que ocorre é que muitos textos não são bem elaborados. Nesse momento o professor deveria fazer com que o aluno reescreva novamente marcando uma nova rodada de conversa. E nos estágios realizados pelos alunos isso não foi possível.

Esse entrave, no entanto, deve ser contornado, na visão dos alunos, pelo ato criativo e pelas associações cognitivas trabalhadas e pautadas apenas na exposição realizadas pelo professor em sala. Devido a essa necessidade (da produção de um texto) é necessária uma aula bem pensada, inventada com estratégias pedagógicas, diversificando a linguagem sobre o conteúdo exposto, o que levará o aluno a pensar nos signos e símbolos que serão expostos nas instalações, mediadas pela ação também cognitiva do professor.

Outro limite está relacionado aos materiais a serem pensados tanto pelo professor como pelos alunos. Precisam ser de fácil aquisição e também a sua forma, o seu formato tem de ser pensado para atender não só o conteúdo como também o público a sua volta. Além de ser de fácil instalação e que não gere riscos ao próximo.

Apesar das ressalvas, acreditamos que as potencialidades geradas pela metodologia trabalhada com as instalações geográficas superem os limites apresentados acima.

Primeiro, pelo simples fato de que o aluno tenha que construir o seu conhecimento levando em conta um problema a ser solucionado: “Como representar o conteúdo abordado pelo professor em sala por signos e símbolos em um material para ser instalado?” Isso leva o aluno à reflexão, a um exercício mental.

Outras questões a serem colocadas para os alunos são: “Como arranjar o material para a instalação?”, “De que forma esse material será preso na instalação?”, “Qual o sentido de expor esse material?”, “Como o aluno vai apresentar o seu trabalho para outras pessoas?”. Ele necessita saber sobre o assunto e a oralidade poderá ser um dos elementos da avaliação.

No que tange à potencialidade dessa metodologia, essa vai além da sala de aula. A integração: conteúdo, objeto, sujeitos (família), escola e processo criativo baseado nos processos históricos e ontológicos, obtêm-se nas experiências cotidianas e de mundo representadas em função de uma visão de conjunto que se inserem num processo maior que é a construção do saber, do conhecimento.

A obra (a instalação) para o aluno tem um formato que é dele, ele a produziu, e toda criação artística, implica em síntese uma essencialidade, um devir totalizante. Todo processo criativo bem sucedido é aquele que consegue organizar as contradições atribuindo um valor, por ela representadas pelos signos e símbolos atribuídos ao conteúdo geográfico trabalhado pelo professor.

A estética e a sua forma é outro condicionante para atribuir um valor a obra, pois da estética se exige também, assimilação espacial (para a montagem) e coordenação motora, além do conhecimento cognitivo.

A forma junto ao conteúdo denota um valor que deverá ser atribuído a construção do conhecimento do aluno. Porque sabemos que a práxis humana não deve ser concebível sem a atividade dos sentidos, portanto temos os elementos cognitivos atrelados à exigência de outros sentidos na construção desse saber.

Assim sendo, essa tese discutiu também os limites apresentados no decorrer do processo de pesquisa, pois há por parte dos alunos uma sublimação da obra em

si. “As instalações geográficas” põem em xeque a inércia da sala de aula, possibilitando um novo pensar sobre o cotidiano dos alunos.

Temos como afirmação dessa premissa as experiências relatadas pelos alunos estagiários em formação e pela própria experiência do professor pesquisador em sala na Universidade e também no Ensino Básico.

O Estágio Supervisionado trabalhado com as instalações geográficas e a criatividade têm um papel na formação do formado e ambos em processo de formação para a solução de problemas, de equacionar o que está sendo proposto também pelo crivo da criatividade.

Formar professores desenvolvendo a sua criatividade, aguçar de alguma forma a criação, o seu instinto criativo é contribuir para alterarmos o processo de ensino aprendizagem. Se em nossas aulas não apostamos no novo, na criação ou em novos projetos é como ver uma geografia morna chegar aos bancos escolares, é vermos a geografia tradicional (memorativa) descritiva, continuar a triunfar, serena e calma diante de um mundo agitado.

Exercitar a criatividade é inventar para transformar consciente. Esse deve ser o objetivo do ensino. Pensar sobre algo é dar sobressaltos, é uma ação da inteligência. Reiteramos: é preciso duvidar, a dúvida nos leva a um caminho, uma direção, um conteúdo, um objetivo a um ato a ser criado, inventado, pesquisado.

Formar o docente requer também do formador processo didático criativo, que estimule o docente em formação a criatividade e que para esse, também, estimule o discente ao ato criativo, levando-o a problematizar, duvidar, suscitar o estímulo, o assombrar, estimar e orientar, tanto para o erro como para os acertos.

Erros e falhas no processo de ensinar e aprender ocorrem diante do processo de desenvolvimento do aluno. É nesse momento que o professor deve introduzir dúvidas sobre tais resultados. Não lhe dando as respostas diretas, mas fazer com que o aluno pense sobre tal situação, lhe oferecendo alternativas, como a pesquisa e a investigação para que ocorra o ensino criativo.

Esse processo metodológico demanda que as instalações geográficas e sua avaliação sejam construídas pautadas nos conceitos geográficos e na arte para que não fique aprisionada apenas a verbalização dos conceitos e termos, mas que

alcance pela mediação da arte a superação dos fenômenos que fazem parte do processo de ensino aprendizagem materializando-se na prática espacial-social.

A avaliação por instalações geográficas se dá na forma e conteúdo, ou seja, pelos conceitos apreendidos e estimulados pelo professor e o meio social- espacial. Essa avaliação parte da imaginação do professor em materializar o conteúdo ensinado aos alunos e eles aquilo que está em gestação, em vibração mental, da aprendizagem se realize pela avaliação construtiva.

É na dúvida e duvidando que a interação entre conhecimento e informação e resultados, podem aparecer na pesquisa/investigativa, tendo como condutor o ensino criativo. Ou seja, é diagnosticando o estado da arte na geografia e abarcando o cotidiano visando à pesquisa e a criatividade que este contribuirá para o processo de formação dos professores.

Esse pensar pedagógico e a sala de aula no encontro com metodologias que deem conta para o mundo moderno, no transe professor /aluno no alcance novas práticas pedagógicas são sempre bem vindos, quando se pretende pensar a transformação de uma nova escola.

A linguagem exercida no texto passeia pela poesia, arte e a geografia e faz necessária quando se quer quebrar o que está posto, mesmo correndo os riscos que o diferente se apresenta aos olhos do tradicional. Mas é preciso romper sem perder o rigor acadêmico, necessário para se apresentar a metodologia com as instalações geográficas.

Com vistas nesse rigor, comentado anteriormente, é que essa tese dialoga com vários autores da filosofia, do campo da arte, da educação e da geografia. Realça a necessidade de encontrarmos um método que dê conta do que está posto, mas não o alcança. Para isso, lança as bases no capítulo que trata do processo metodológico e deixa uma metodologia para a formação de professores assertiva, prática e já “testada” nos trabalhos aqui citados, desenvolvidos na Universidade Regional do Cariri e na escola de ensino básico. Trabalhos comprovados pelos acadêmicos e professor pesquisador, que ensaiam um caminho possível.

A importância da arte e as categorias da Geografia nesse terreno, sobre o qual estamos realizando as nossas proposições, busca a ruptura, o processo de criação, em que a “Arte” aliada a “Geografia” realiza o seu papel na sociedade

humana, seja para que o cotidiano permaneça em criação, em elevação, atingindo a particularidade na sua síntese do singular com o universal, seja para possibilitar uma transformação da sala de aula. Além de ser um salto de consciência da humanidade.

ESTIGMA

O sol brilha.
Os espinhos caem
As sementes germinam novamente
A chuva cai
Os botões surgem
As nuvens passam
Os ventos sopram
As pétalas abrem
Os anos passam
A vida floresce
E a morte é inevitável.

RIBEIRO

Paz inverencial!

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. - 5. ed - São Paulo: Cortez, 2011.

AFONSO, A. J. **Políticas Educativas e Avaliação Educacional**. Braga: Universidade do Minho, 1998.

ANTOLÍ, Vicenç Benedito. **A didática como espaço e área do conhecimento: fundamentação teórica e pesquisa didática**. In: FAZENDA, Ivani (org.). Didática e Interdisciplinaridade. 13. ed. São Paulo: Papirus, 1998, p. 77-108.

ADRIANO, Jaime Rabelo. et. al. **A construção de cidades saudáveis: uma qualidade viável para a melhoria da qualidade de vida?** In. Ciência. Saúde Coletiva. Vol. 5. Nº 1. Rio Janeiro. 2000.

ALMEIDA, Rosângela, D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Apresentação**. In: ALMEIDA, R. D. de. (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 9-13.

ALVES, Glória da Anunciação. **Cidade, Cotidiano e TV**. In: CARLOS, Ana Fani A. (org). A Geografia na sala de aula. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRÉ, Marli E.D.A. Metodologia de pesquisa educacional, org. Fazenda. I. **A pesquisa no cotidiano escolar**. Cortez. 1987.

ANDRADE, Manoel Correia de. **O livro didático em Geografia no contexto da prática de ensino**. In:_.Caminhos e descaminhos da Geografia. Campinas: Papirus, 1989. p. 57.

AKKARI, A. J. **DESIGUALDADES EDUCATIVAS ESTRUTURAIS NO BRASIL: ENTRE ESTADO, PRIVATIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001 <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a10v2274.pdf>

ASSARÉ, Patativa. **Antologia Poética**. Org. Carvalho, Gilmar. 8 ed. Ed. Demócrito Rocha, 2010.364p.

AZZI, Sandra. Avaliação e progressão continuada. In: AZZI, S. (coord). **Avaliação do desempenho e progressão continuada: projeto de capacitação de dirigentes**. Belo Horizonte: SMED, out. 2001.

BACHELAR, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática de Educação Artística**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

BAZI, Gisele A. do Patrocínio. **As dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita e suas relações com a ansiedade**. 2000.119f (Dissertação) Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação 2000.

BOAVENTURA, M. E. **A vanguarda antropofágica**. São Paulo: Ática, 1985.

BOSCOLO, Dulcinéia. **Projetos de Estudo do Meio em Escolas Públicas em Santana de Parnaíba – SP. 2007**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2007.

BOULOS, Yara. **Didática geral ou especial? Uma contribuição ao debate**. In: STELA, C. Bertholo Piconez. (coord) **A Prática do Ensino e o Estágio Supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão**. São Paulo, Papyrus, 1991. pg.96.

BRUNNER. Jerome Seymour. **A inspiração de Vygotsky**. In: _____, **Realidade mental, mundo possíveis**. 1998.

BUFFA, Ester. **Práticas e fontes de pesquisa em história da educação**. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da educação em perspectiva. Ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. **Avaliação e processo de ensino aprendizagem**. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 3, p. 53-61, set./out. 1997.

_____. Ressignificando a avaliação escolar. In: _____.

Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte: PROGRAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação, 3).

CALLAI, H.C. **Estudar o Lugar para compreender o Mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A.C.; CALLAI, H.C.; KAERCHER, N.A. (orgs.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLAR, S. M. VANZELLA (Org.); MUNHOZ, Gislaine (Org.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. 1. ed. São Paulo: Xamã, 2012. v. 1.

CASTELLAR, S. M. V. **A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar**. In: ALMEIDA, R. D. (org.) *Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al (orgs.). **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP. Papyrus: 1998.192p.

_____. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In: **Educação geográfica e as teorias de aprendizagens**. Cadernos Cedes, nº 66, Campinas, SP: 2005. p. 185-207.

CENTRO DE ARTE HÉLIO OITICICA, Hélio Oiticica: cor, imagem, poética. Rio de Janeiro: 2003, Catálogo de obras artísticas.

COUTO, Marcos A. C. **A visibilidade do invisível: conceitos e organização do ensino de geografia**. In: *Revista Tamoios*. Ano II, nº. 22, p. 1 – 29. São Gonçalo: UERJ/ FFP, 2006.

DEMO, Pedro. **Formação dos formadores básicos**. Em *Aberto*. vol.12, n. 54, 1992. p.23-43.

_____. **Avaliação Qualitativa**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

_____. **Teoria e prática da avaliação qualitativa**. Temas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação. Curitiba, Paraná, 2004. p.156-166.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DERRIDA, Jacques – **A Universidade sem condição**. Coimbra: Angelus Novus, 2003. 112 pp.

DOZENA, Alessandro. **Uma breve análise sobre a postura dos alunos em sala de aula: pontos de vista sobre a indisciplina**. Geografia - v. 17, n. 2, jul./dez. 2008 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências <http://www.uel.br/revistas/geografia>

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 3ed. 2006.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 15 ed. 2008, pp. 101-124.

FERNANDES, Domingos. **Para uma teoria da avaliação formativa**. Universidade de Lisboa, Portugal. Revista Portuguesa de Educação, 2006, 19(2), pp. 21-50 2006, CIEd – Universidade do Minho. www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v19n2a03.pdf

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 5a. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.

FREUD, S. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FONSECA, Maria da Penha. **Arte Contemporânea: instalações artísticas e suas contribuições para um processo educativo em arte**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico. 2007.165 f.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Editora, Paz e Terra 5ª ed; 1976.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GERALDI, Corina Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de A. (Org.) **Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a)**.

Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998. 335 p. (Coleção Leituras no Brasil).

GÉZA. Szmosi. Tempo & Espaço - **As Dimensões Gêmeas**. Ed. Jorge Zahar. RJ. 1986.

GLEISER, Marcelo. **Criação Imperfeita: Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza**. Rio de Janeiro: 4ª edição, Record, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Fausto, Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1986.

GOLEMAN, Daniel, KAUFMAN, Paul, RAY, Michael – **Espírito Criativo**. São Paulo: Cultrix – Amana Key, 1992.

GRAEML, K. S.; VOLPI, J. H. e GRAEML, A. R. Volpi, José Henrique e Volpi, Sandra Mara, Orgs. "**O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas**". Revista Psicologia Corporal Vol. 5, 2004.

GRAMSCI, Antônio: BORDIGA, Amadeo. **Conselhos de fabrica**. São Paulo: Editora, Brasiliense. 1981.

HEGEL, G. W. F. **Hegel**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HYPOLITE, Jean. **Introdução à Filosofia da História de Hegel**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. (Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder) 4º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JUNQUEIRA, Fernanda. **Sobre o conceito de instalação**. Rio de Janeiro, Revista Gávea, n. 14, set.1996. p. 564.

LACAN, J. (1955-56) **O Seminário – livro 3 – As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KAERCHER, Nestor André. **Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento** In: MERCATOR. Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 06, 2004.

KAERCHER, Nestor, '**O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia**. In PONTUSCHKA, N. Nidia; OLIVEIRA, A. U. de (org.) Geografia em Perspectiva. (2002). 221-231.

KOESTLER, Arthur. **Le cri d'Archimède**. Paris: Clamann-Lévy.1965.

KOWALTOWSKI, D.C.C.K.; LABAKI, L.C.; RUSCHEL, R.C.; BERTOLI, S.R.; PINA, S.A.M.G. **Melhorias do Conforto Ambiental em Edificações Escolares**

Municipais de Campinas, SP. Projeto de Pesquisa, Faculdade Engenharia Civil, Unicamp, 2001, Processo 97/02563-8.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Ed. Record. RJ.1983.

LEFEBVRE, Henri. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Tradução por Alberto Escudero. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

_____ **La presencia y la ausencia**. México: Fondo de Cultura Económica. 1983, pg.222.

_____ **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

_____ **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____ **Hegel, Marx, Nietzsche (o el Reino de las Sombras)**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1976.

_____ **A Re-produção das relações de produção**. (tradução da 1ª parte de La survie Du capitalisme). Porto, Edições Escorpião, 1973.

_____ **A revolução urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

_____ **Sociologias contemporâneas- Entrevistas do Le Monde**. São Paulo: Ática, 1989.

_____ **Lógica formal / lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____ **La production de l'espace**. Paris: Ed anthropos, 1974.

LIBÂNEO, J. Carlos. **Didática**. pg.196. 2004.

LUCKESI, Cipriano. C. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18 ed. São Paulo, 2006.

LUCKESI, Cipriano. C. **Entrevista concedida à Aprender a Fazer, publicada em IP – Impressão Pedagógica**. Publicação da Editora Gráfica Expoente, Curitiba, PR, nº 36, 2004, p. 4-6.

LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____ **El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista**. 3. ed. Barcelona; México: Grijalbo, 1972.

_____ **Estética**, v. I, Barcelona, Ed. Grijalbo,1974, p. 11-12.

_____ **Sociologia/org. José de Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho** – São Paulo. Ática, 1981.

_____ **Introdução a uma estética marxista – Sobre a particularidade como categoria estética.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1970.

MACHADO, Carlos J. S. **Olhares acadêmicos sobre a invenção e a descoberta nas ciências: uma introdução.** Rio de Janeiro. E-PAPERS, 2010.

MARX, Karl. **Miseria de la filosofia.** Ed. Actualidad, Buenos Aires. ???

_____ **Manuscritos econômicos- filosóficos.** São Paulo, Boitempo, 2004.

_____ **O Capital: crítica da economia política.** São Paulo: Nova Cultural. Livro I, Tomo I, 1985.

_____ **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Boitempo Editorial, São Paulo. 2004.

_____ **Manuscritos econômicos-filosóficos.** In: _____. Marx. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978. p. 3-48. (Os Pensadores).

_____ **Para a crítica da economia política.** (Coleção Os Pensadores). São Paulo. Abril Cultural. 1974.

MASINI. Elcie. F. S. Metodologia de pesquisa educacional. org. Fazenda. I. **Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação.** São Paulo, Cortez.1987.

MICHELETO. V. Eliana. **A geografia e seu ensino.** Ciência Geográfica. Bauru, Ano III, nº 8 – set/dez. AGB/ Seção Bauru, 1997.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação/secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

MENDES, Toninho. **A história da ditadura militar.** Revista; Produzido e editado por Peixe Grande, Nova Sampa, Mirandópolis /SP. 2012.

MORIN, Edgar. **O Método.** Volume 3 - o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo.** Porto Alegre: L&PM. 2007.

NIETZSCHE, F. Humano, **Demasiano Humano.** 2ªed. Escala. SP.s/d.

NUNES, Ana I. B. L. e SILVEIRA, Rosemary do N.. **Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos.** Brasília: Liber Livro, 2009.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** 7. ed. OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 25 ed. Editora Vozes.. RJ. 187p. 2010. São Paulo:Contexto, 1998.

PASSINI, Elza Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2007.

PEREIRA, Sandra de C. **A Proposta Curricular do Estado de São Paulo e a sala de aula como espaço transformação social.** 2011. 195f (Tese) Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. 2011.

PICONEZ. C. Bertholo Stela. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado.** Campinas: Papyrus Editora, 1991.

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência.** São Paulo. Cortez, Editora. 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A Geografia: Pesquisa e Ensino.** In:CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). Geografia, representações sociais e escola pública. São Paulo, Contexto, n.15, p.145 -154. 2000.

PONTUSCHKA; N. N.; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. A formação inicial do professor de Geografia. In: Fazenda, Ivani Catarina Arantes et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** Campinas: Papyrus, 15 ed. 2008, pp. 101-124.

RABELO Kamila S. de P. e CAVALCANTI Lana de S.. **A avaliação da aprendizagem em geografia com base na perspectiva sócio-construtivista de ensino,** 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia em Porto Alegre de 30 de agosto a 2 de setembro de 2009.

RIOS, Mônica Piccione Gomes. **A avaliação formativa como procedimento de qualificação docente.** *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, acesso em: 04/06/2013.

ROSA, M.I.P. **Experiências interdisciplinares e formação de professores de disciplinas escolares: imagens de um currículo-diáspora.** Unicamp: Faculdade de Educação. *Revista Pro-posições*, vol. 18, n.2 (53), pp. 51-65.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes.** 22. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

RIBEIRO, Emerson. **A CRIATIVIDADE EM GEOGRAFIA, PRÁTICA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÃO: LANTERNAS GEOGRÁFICAS**. Geosaberes, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 61-75, ago./ dez. 2011.

_____ **Avaliação ou pescaria? - por uma distinta possibilidade da aprendizagem em geografia na construção de instalações geográficas**. Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 91-104, jul./dez., 2011.

_____ **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS- O ENSINO GEOGRÁFICO POR INSTALAÇÕES**. IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 3 a 5 de novembro de 2009. Acesso <http://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais>.

_____ **VERTERE AKROS CAMBIARE – O ENSINO POR INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 4, n. 6, p. 51-65, jan./jun. 2013. ISSN 2179-4510 - www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

_____ **Caminhos e Descaminhos: a ferrovia e a rodovia no bairro Barcelona em Sorocaba – a produção espacial no processo de industrialização e urbanização em Sorocaba**. SP: Annablume, 2009.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

SUETERGARAY, Dirce Maria. **Pesquisa e educação de professores**. In: Pontuschka, Nídia; Oiveira, Ariovaldo U. Geografia em Perspectiva. SP: Contexto, 2002, p. 109-114.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TORRE, Saturnino de la – **Dialogando com a Criatividade – da identificação à criatividade paradoxal**. São Paulo: Madras, 2005.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Marcio Pereira. **O espaço humanizado, a paisagem humanizada e algumas reflexões sobre a paisagem em São Paulo no século XVIII e XIX**. 2006 192 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SEEMANN, Jörn (Org.). **A Aventura Cartográfica: Perspectivas, Pesquisas e Reflexões sobre a Cartografia Humana**. Fortaleza, Expressão Gráfica, 2005/2006, 224 p.

SEEMANN, Jörn. **Carto-Crônicas: Uma viagem pelo mundo da cartografia**. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2013.

SOARES. M. Lucia de **A. Girassóis ou Heliantos maneiras criadoras de conhecer o geográfico**. Sorocaba-sp. Linc. 2001.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização. A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: UNESP, 1998.

STELA, C. Bertholo Piconez. (coord.) **A Prática do Ensino e o Estágio Supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão**. São Paulo, Papirus, 1991.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Pesquisa de campo em geografia**. GEOgraphia, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2002.

VESENTINI, J.W. **Geografia crítica e ensino**. In: Vesentini, J.W. Para uma geografia crítica na escola. São Paulo: Ática, 1992.

YÁZIGI, Eduardo. Abdo. **Milton e a criatividade**. In: Maria Adélia Aparecida de Souza. (Org.). O MUNDO DO CIDADÃO. O CIDADÃO DO MUNDO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996, v., p. 396-425.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____ **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**: livro para professores/Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. – São Paulo: Ática, 2010.

_____ **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Sites:

CONTIER, Arnaldo Daraya - **UM OLHAR SOBRE A REVISTA DE ANTROPOFAGIA (1928-1929)**.

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_eHistoria_da_Cultura/Publicacoes/Volume5/Um_Olhar_sobre_a_Revista_de_Antropofagia__1928-1929_.pdf >acesso> 22/07/2012.

História das palavras. <<http://www.sk.com.br/sk-hist.html> > acesso em 19/08/2012.

Revista antropofagia. <http://www.brasiliana.usp.br/node/438> acesso> 22/08/2012

GONZAGA, S. O Sentido do Modernismo, 2004
<http://educaterra.terra.com.br/literatura/modernismo/2004/05/17/001.htm>. >acesso em 20/082012.

<http://umdiadepoisdooutro.blogs.sapo.pt/33041.html> >acesso em 20/082012.

<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/139x.htm> acesso em 22/05/2013

www.revistadobeto.blogspot.com acesso em 20 de maio de 2013

http://pensador.uol.com.br/autor/paulo_freire/ acesso em 06 de outubro de 2013.

http://www.releituras.com/coracoralina_mascarados.asp acesso em 10 novembro de 2013.